

RELAÇÃO FAMILIAR, VIOLÊNCIA URBANA E EXPERIÊNCIA ESCOLAR  
NA VIDA COTIDIANA DE JOVENS ADOLESCENTES

Aldo David Meneghetti

Dissertação apresentada como exigência parcial  
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia  
sob a orientação do  
Prof. Dr. William Barbosa Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento  
Abril de 2002

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. William Gomes, pela oportunidade, confiança, aprendizado e paciência dispensada durante todo o acompanhamento do trabalho.

Ao Professor Dr. César Piccinini, relator do projeto, pela compreensão e respeito à minha ansiedade de estudante, especialmente nos momentos de conclusão.

Aos Professores Drs. Maria Luiza Becker, Euclides Redin e Henrique Justo, membros da banca examinadora, pela aceitação do convite e pela brilhante contribuição à minha formação.

À minha companheira e amiga Helena, pelo apoio constante, e a meus filhos Camilo e Fernanda pelo amor e compreensão nas ausências e por serem as pessoas mais especiais de minha existência.

A meu irmão Albeniz, pelo auxílio nas gravações iniciais, e a minhas irmãs Elaine, pelo apoio constante em vários níveis e momentos de minha vida, e Márcia, pela aposta desde a decisão em ingressar no PPG.

À amiga Margareth, pela excelente acolhida no PPG, e pela solicitude em todos os momentos, mesmo quando não lhe cabia tal responsabilidade.

À secretária Fabíola, pelo auxílio, mesmo breve, mas fundamental, na etapa de finalização do trabalho.

Às amigas Sheila e Val, pelo fundamental auxílio em momentos decisivos de pesquisa e levantamento bibliográfico.

Aos amigos Marco e Cristina, pelos momentos de troca e discussão, especialmente nas etapas iniciais do trabalho.

Ao colega Gustavo, pela cooperação na redação do *abstract*.

À vice-diretora Arlete, aos alunos, pais e professores da Escola Pasqualini, pela acolhida e oportunidade de coleta de dados para o projeto piloto.

Às amigas Vilma e Cláudia, diretora e vice-diretora do Instituto Seno Ludwig, pela confiança, acolhida e oportunidade, além de apoio permanente durante todo o trabalho.

Aos alunos do Instituto Seno Ludwig, pela oportunidade e confiança em desvelarem suas existências em benefício da ciência.

Ao amigo João Carlos, pelo apoio e pela ajuda objetiva, de fundamental importância para a finalização do trabalho.

Aos meus sogros, Bruno e Maria, e à amiga Elenice, pela aposta em meu trabalho e permanente apoio a meus filhos, nos momentos necessários de afastamento e ausências.

A Deus, pela vida, pela reação em momentos difíceis e por me haver oportunizado realizar este trabalho e conviver com todas essas pessoas.

## SUMÁRIO

	Página
Agradecimentos .....	2
Resumo .....	6
Abstract .....	7
Capitulo	
I. INTRODUÇÃO.....	8
II. MÉTODO .....	19
Participantes .....	19
Instrumento e Procedimentos .....	19
Critérios de Análise .....	20
III. RESULTADOS .....	26
Descrição Fenomenológica .....	26
Tema 1: Atitudes e comportamentos paternos e maternos – padrões diferenciados para filhos e filhas .....	26
Tema 2: Liberdade, limites e confiança mútua na relação pais-filho .....	27
Tema 3: Importância do diálogo nas relações do adolescente .....	28
Tema 4: Repercussões das influências familiares e extrafamiliares .....	29
Tema 5: Sexo na adolescência e suas conseqüências .....	31
Tema 6: Percepções relativas ao contexto escolar .....	32
Redução Fenomenológica .....	33
Dilema 1: Necessidade de liberdade <i>versus</i> necessidade de limites .....	34
Dilema 2: O passado paterno “não tem mais a ver!” .....	36
Dilema 3: Pais confiam nos filhos ou nos outros? .....	37
Dilema 4: Liberdade autogerida ou dependência externa? .....	38
Dilema 5: Necessidade de assistência paterna continuada e de diálogo com os pais .....	38
Dilema 6: Seguir ou não os conselhos e exemplos paternos? .....	39

Dilema 7: Estarão os pais interessados nas conversas dos filhos? .....	40
Dilema 8: Aproximar-se ou não dos pais? .....	41
Dilema 9: E agora, em quem confiar? .....	41
Dilema 10: É necessária uma educação diferenciada para gurus e gurias? .	43
Dilema 11: Sexo: pais e filhos desinformados e envergonhados .....	46
Dilema 12: Papéis familiares: gurias “donas-de-casa” e gurus “protetores”.	48
Dilema 13: Percepções sobre o contexto escolar .....	50
Dilema 14: Percepções sobre a figura do professor: admiração <i>versus</i> desprezo .....	51
Interpretação Fenomenológica .....	52
Movimentos circulares nas falas dos adolescentes participantes .....	53
A reflexividade dos <i>selves</i> adolescentes .....	57
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	63
REFERÊNCIAS .....	69
ANEXOS .....	74
Anexo 1 .....	74
Anexo 2 .....	75
Anexo 3 .....	76
Anexo 4 .....	113

## RESUMO

Sessenta adolescentes de uma escola pública de Novo Hamburgo, RS, participaram de grupos de reflexividade para discutirem a experiência de morador de um bairro da periferia e do convívio com educadores, pares e familiares. Os adolescentes foram divididos em seis grupos que se encontraram uma única vez, por um período de uma hora. As reuniões foram gravadas em vídeo-tape, transcritas e analisadas através de uma seqüência de passos reflexivos: descrição, redução e interpretação. A descrição organizou o material transcrito em temas que foram re-analisados na redução para a identificação dos dilemas existenciais presentes. A reflexividade manifesta foi analisada na concepção triádica do *self* semiótico (passado, presente e futuro). Interpretou-se que os participantes expressam sua existência por meio de movimentos cíclicos de pensamento, onde buscam liberdade de movimentos, e amparo e proteção paterna ao mesmo tempo. Quando prejudicadas tais condições, recorrem ao ambiente extrafamiliar, embora temerosos dos riscos dessa aventura. O diálogo surgiu como alternativa de viabilidade de tais condições. As meninas participantes perceberam-se como extremamente prejudicadas em termos de liberdade, devido a sua prerrogativa de engravidar ou ficarem “mal-faladas” na comunidade, ocorrendo o contrário com os meninos. Os papéis familiares exigidos são os de meninos “cuidadores” e de meninas “donas-de-casa”. Os diálogos internos dos *selves* (reflexividade) foram expressos na forma de conversação entre elementos influenciadores do passado (infância, história familiar), representados por presenças virtuais dos pais ou cuidadores, e as demandas do presente (fase adolescente), não apresentando, contudo, uma perspectiva positiva a respeito do futuro. A escola surge como um ambiente de maior liberdade, nem sempre coerente em suas propostas. Sugere-se a implementação de medidas que favoreçam um diálogo efetivo e eficiente entre educadores, educandos e familiares, onde a empatia sirva de suporte às relações necessárias ao desenvolvimento de um *self* adolescente agente e autônomo.

Family relation, urban violence, and school experience  
in the quotidian live of juvenile adolescents

ABSTRACT

Sixty adolescents enrolled in a public school of Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, took part in reflexive groups. Participants were assigned to six groups, each group meeting one time, during one hour. They discussed their experience as inhabitants of a poor neighborhood, as well as their relationships with teachers, peers and relatives. Meetings were recorded in videotape, transcribed and analyzed through a sequence of three reflexive steps: description, reduction and interpretation. Description organized the transcribed material in topics. Topics were re-analyzed in the reduction, in order to identify existential dilemmas brought up in the dialogs. Manifest reflexivity was analyzed according to the triadic conception of the semiotic self (past, present and future). Interpretation asserts that participants express their existence through cyclic movements of thought, through which they seek freedom, holding and parental protection at the same time. When such conditions are impaired, participants resort to the extra family environment, although they are apprehensive about such an adventure. Dialog emerged as an alternative way to restore such conditions. Female participants saw themselves as impaired in their freedom, due to the chance of getting pregnant or to be ill-spoken by their communities, in contrast to male participants. Excepted family roles are those of “bodyguards” for boys, and “housekeepers” for girls. Internal dialogs among the participants selves’ (reflexivity) were expressed through conversations between influential elements from the past (infancy, family history) represented by the virtual presence of parents or other caregivers, and the demands from present times (adolescence). Furthermore, they do not present a positive perspective about the future. School emerges as a freer environment, although not always coherent with its purposes. The author suggests measures that favor effective an efficacious dialog between educators, students and students relatives. In such a dialog, empathy should support a kind of relationship that promotes the development of an agent and autonomous adolescent self.

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

A literatura sobre adolescência tem focado essa fase como um período de transformações fundamentais e universais, cuja ocorrência situa-se entre os onze e os vinte e um anos de idade (Steinberg, 1996). No sentido físico, a adolescência apresenta-se como um fenômeno universal. No sentido psicológico, contudo, trata-se de uma situação anímica, um modo de existência, surgido com a puberdade, e que culmina com o atingimento de uma plena maturidade social (Stone & Church, 1970). Tal maturidade é que vai permitir-lhe aceitar sua própria independência, dentro de um nível necessário de dependência (Aberastury, 1981). Isso ocorre, segundo a autora, após um período de flutuação entre dependência e independência extremas. A adolescência exige do jovem grande equilíbrio, uma vez que se encontra situado numa transição entre o brincar infantil e os aspectos ritualizados da sociedade adulta (Erikson, 1989). Trata-se de uma transição que disponibiliza direitos legais tais como os de dirigir um carro, inserir-se no mercado de trabalho, casar e votar. (Ulhoa, 1974), passando a encaminhar, por reconhecimento oficial, o adolescente à idade adulta. Em classes desfavorecidas, especificamente, trata-se também de um período em que um número significativo de jovens, por contingências contextuais familiares, são obrigados a enfrentar o mercado de trabalho.

Sob uma perspectiva individual, contudo, sabe-se que o adolescente, ao tentar saber quem é, quais suas crenças e valores, e o que realmente quer da vida, deve ainda habituar-se a seu novo corpo e suas possibilidades, além de realizar uma alteração de imagem mais condizente com o mesmo (Stone & Church, 1970). A este respeito, destacam-se os estudos de Fraga (2000) e de Tonatto (2001), sendo o primeiro sobre o cotidiano de um grupo de alunos adolescentes de uma escola municipal da Grande Porto Alegre, em relação a seu desenvolvimento, performance corporal e comportamentos, e o segundo abordando a sexualidade adolescente, pois o jovem, nessa fase, embora detenha uma prontidão fisiológica, muitas vezes ainda não apresenta uma maturidade psicológica suficiente, conforme afirmação de Steinberg (1996). O cotidiano, contudo, principalmente por meio da mídia, apresenta-lhe

um cenário aprazível de liberalidade e de sensualidade explícitas. Uma das repercussões dessa contradição parece bem representada pelos acontecimentos recentes, ocorridos nos bailes *funk* do Rio de Janeiro, amplamente veiculados pela mídia, onde a total liberação de atitudes e comportamentos trouxeram resultados inesperados para os adolescentes envolvidos e suas famílias.

Sabe-se, também, que o âmbito familiar, sob o ponto de vista histórico, sofreu uma transformação súbita, a partir dos anos sessenta, com a modernização da sociedade, o que trouxe incertezas quanto às regras a seguir, uma vez que a família tradicional possuía papéis e parâmetros bem definidos, determinando normas que auxiliavam na organização da experiência do indivíduo, por meio de um rígido código moral (Romanelli, 1988; Velho, 1981, 1989).

Estudos mais atuais sobre a adolescência, contudo, têm apontado para uma adaptação, ou acomodação, dos jovens a um ambiente familiar progressivamente liberal, no qual se desenvolvem. A maioria dos filhos vêm sendo descritos como exigentes e sem noção de limites, desde a idade precoce (Zagury, 1994). As conseqüências disso refletem-se, também, no ambiente escolar, receptor involuntário do produto dessas repercussões. Entretanto, muitos educadores, além da própria escola, permanecem inadaptados às transformações ocorridas na clientela escolar.

Em meio a isso, a relação com os adultos, em diferentes contextos, e principalmente com os pais, no meio familiar, auxilia os jovens, nesse período, a definirem os papéis sociais a serem desempenhados, o que lhes possibilita assumir sua identidade adolescente, tema central dessa fase. A adolescência também se apresenta como um momento em que o jovem testa a sensibilidade e a flexibilidade de seus pais em relação tanto às suas necessidades em transformações, quanto à sua capacidade de percepção e de adaptação ao desenvolvimento dos filhos (Sacchet, 1991). A ambigüidade e a ambivalência não são somente características do filho, mas também compartilhadas por seus pais, em momentos de amor e devoção *versus* ressentimento e hostilidade. Para o jovem a ambivalência também transparece na idéia que faz de seus pais, pois se forem controladores, lhes parecerão intrometidos e dominadores, e se lhe deixarem por si mesmo, parecerão negligentes e despreocupados (Stone & Church, 1970).

As influências dos estilos de paternidade, sobre o desenvolvimento global dos filhos, têm sido confirmadas constantemente. Steinberg (1996) apresentou os três padrões gerais de estilos parentais, desenvolvidos por Baumrind: pais autoritativos (neologismo utilizado para

traduzir o termo inglês “authoritative”), que são cordiais, firmes, consideram as necessidades e capacidades dos filhos, e permitem o desenvolvimento de sua autonomia e auto-direção; pais autoritários (“authoritarian”), que valorizam a obediência, a conformidade, as medidas punitivas, e restringem o desenvolvimento da autonomia, nos filhos; e pais permissivos (“permissive”), que acreditam numa maneira disciplinar aceitável, afável e um pouco mais passiva, valorizando uma ampla liberdade de ação para os filhos, e desconsiderando qualquer tipo de controle. Este último padrão foi desdobrado, posteriormente, por Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbusch (1991), dando origem a dois estilos familiares diferentes, mas que possuem, como característica comum, um baixo nível de controle. No primeiro caso, de famílias indulgentes, tal característica é proveniente de uma orientação ideológica fundamentada na confiança, democracia, e indulgência (permissividade indulgente). Já no segundo caso, de famílias negligentes, a mesma característica reflete desobrigação das responsabilidades de cuidados da criança (permissividade negligente).

Os resultados de diversos estudos, para avaliação de adolescentes, a partir dessas tipologias (Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts, & Fraleigh, 1987; Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch, 1991; Steinberg, 1990; Steinberg, Elmen, & Mounts, 1989), indicaram que, de uma maneira geral, jovens criados em famílias autoritativas (“authoritative”) apresentaram um maior grau de responsabilidade, autoconfiança, adaptação, criatividade, curiosidade, além de serem melhor habilitados socialmente. Já os filhos de pais autoritários, ao contrário, mostraram-se mais dependentes e passivos, menos adaptados socialmente, e com menor curiosidade intelectual. Os filhos de pais negligentes, contudo, obtiveram níveis mais baixos em medidas de competência psicossocial, porém mais altos em medidas de disfunção psicológica e comportamental. Por outro lado, os filhos de pais indulgentes demonstraram um forte senso de autoconfiança, apesar de apresentarem maior abuso de substâncias e de má conduta na escola. Smetana (1995), por sua vez, confirmou o fato de que as concepções sobre a autoridade parental, além dos estilos de paternidade, contribuem ou para a autonomia emocional do jovem ou para o conflito entre o pai e/ou a mãe e o adolescente.

Hennigen (1994), baseada em vários autores, informou que o desenvolvimento do adolescente é complexo e multidimensional, ocorrendo mudanças em várias áreas, as quais serão prejudicadas ou não pela intervenção de fatores como sexo, faixa etária, nível sócio-econômico e cultura. Seu estudo sobre as dimensões psicossociais da adolescência, realizado

em nosso meio, confirmou a relação existente entre o estilo autoritativo (“authoritative”) de pais e mudanças positivas nos adolescentes. Além disso, revelou que poucos jovens avaliaram de forma negativa a relação com seus pais, o que contraria a idéia de conflito generalizado ou insatisfação entre filhos e pais, durante a adolescência. Tal conclusão é consistente com a afirmação de Steinberg (1996), de que o chamado “conflito intergeracional” ou “hiato entre gerações” (“*generation gap*”), ainda não vinha sendo confirmado pelas pesquisas, embora tenha se perpetuado a idéia de “mito de conflito entre gerações”. Lopes (1993) chegou às mesmas conclusões, ao indicar que não há, na adolescência, uma renúncia total à autoridade parental.

As influências das figuras parentais, enquanto transmissoras de valores aos filhos em desenvolvimento, foi confirmada por Benincá e Gomes (1998), que examinaram as relações intergeracionais, numa mesma família do interior do Rio Grande do Sul, detectando modificações nas passagens de valores de mães para filhas, ao longo de três gerações. Também em nosso meio, Espig (1996), buscando avaliar o papel social do adolescente, confirmou um abrandamento da autoridade parental (principalmente do pai), nos últimos tempos, uma menor participação da família nas decisões dos jovens, além do surgimento de uma certa confusão e dúvida em relação à educação dos filhos. Segundo a autora, o papel de filho também tem sido afetado pelas diferentes reconfigurações familiares contemporâneas. A situação de bem-estar psicológico dos adolescentes, contudo, não foi associada às diferentes reconfigurações familiares, conforme estudo de Wagner, Ribeiro, Arteche e Bornholdt (1999). Segundo Espig (1996), os jovens têm exigido mais direitos, ao mesmo tempo em que descomprometem-se com seus deveres, no contexto familiar. Os pais, por sua vez, além de não mais acreditarem no valor da autoridade, ainda consideraram que não há mais tabus a respeitar. Os grupos de pares, segundo confirmou a autora, tanto podem auxiliar na superação do egocentrismo do jovem, quanto funcionar como referenciais de identificação, em substituição às figuras parentais. Além disso, têm assumido uma postura provocativa, dentro do âmbito familiar, assim como fora dele, o que a autora traduziu como um pedido de limites.

Conflitos relevantes que possam ocorrer, geralmente envolvendo questões de hostilidade e injustiça, situam-se mais freqüentemente nas relações dos jovens com os pais. Esses conflitos dizem respeito à autonomia (Laursen & Koplas, 1995), aqui traduzida como liberdade e capacidade de articulação e de ação sobre suas próprias metas, concomitantes com a relação pai-filho (Church, 1994).

No âmbito escolar, há, por um lado, uma falta de clareza em termos de objetivos, nos novos modelos pedagógicos, enquanto que, por outro, impera ainda o caráter restritivo das pedagogias tradicionais. Há, também, um despreparo profissional (certamente com repercussões sobre o emocional) dos educadores, principalmente nas escolas públicas, os quais, além de atingidos pela crescente crise no sistema educacional brasileiro, têm-se situado de forma ambivalente em relação aos modelos pedagógicos existentes. Observa-se que os critérios, até então implementados, parecem não mais servir à população adolescente.

Nicolaci-da-Costa (1987) apresentou os enfoques pedagógicos tradicional e progressista através dos conceitos de “pedagogia do visível” (modelo tradicional) e “pedagogia do invisível” (modelos progressistas). Sob o ponto de vista do aluno, a primeira não dá margem a ambigüidades, pois cada coisa, pessoa, ou comportamento, tem o seu lugar, todos os sinais são claros, e portanto visíveis. Já na segunda, o aluno vivencia um ambiente de liberdade, sem o rigor tradicional, onde, porém, não consegue perceber, com clareza, o que se espera dele, ou seja, os objetivos são invisíveis. Para o professor, contudo, o modelo tradicional acarreta-lhe vários ônus, como turmas enormes, imobilidade dos alunos pela configuração da sala de aula, pouca atenção individual, poucas possibilidades de expressão e desenvolvimento de capacidades potenciais, em prol da transmissão de conhecimentos legítimos. Já o modelo progressista traz a possibilidade de observação permanente da criança, com melhores condições de acompanhamento, nos diversos níveis de atividades, embora a autora considere que aqui, o aluno perde sua individualidade, ou intimidade, devido à exposição permanente ao olhar do professor, ou seja, é “minuciosamente vigiado” (Nicolaci-da-Costa, 1987).

Várias escolas, contudo, têm mantido o modelo tradicional, criado para a educação do homem moderno. Ali, segundo Fromm (1986), “centenas de fatos esparsos e desconexos são despejados nas cabeças dos alunos; seu tempo e energia são tomados pela aprendizagem de cada vez mais fatos, de modo que pouco sobra para pensarem” (p. 197). O autor considerou que raciocinar sem fatos é fútil, porém uma presença exclusiva de informações pode ser um obstáculo ao raciocínio, da mesma forma que a ausência.

A escola, então, não vem mais atendendo às demandas dos alunos, e os professores se têm situado numa dialética entre esperança (pelas novas pedagogias) e nostalgia (pelo ensino tradicional) (Gadotti, 1992, 1993). Os educadores da atualidade não têm conseguido, assim, atrair o adolescente nem mesmo com a oferta de seu conhecimento tradicional. Segundo Espig

(1996), as atitudes do jovens muitas vezes embaraçam os professores, pois temem sua desautorização, e acabam tornando-se agressivos, ou mesmo indiferentes a solicitações e questionamentos. Conforme estudo de Oliveira (1995), estudantes do ensino médio, embora percebendo a escola nessa fase como mero símbolo de ascensão social, salientaram a importância da personalidade do professor, de seu trabalho, da forma como ele se coloca dentro da sala de aula, de como introjetou seu papel, e de sua autopercepção como professor. Essa conclusão é consistente com a de Albuquerque (1986), que afirmou acreditar que somente por meio de uma autonomia interna, e do desenvolvimento do poder criador de sua personalidade, o professor poderia aproveitar, integrar e dinamizar o seu relacionamento com o aluno, num mundo em mudança.

A falta de capacitação do professor também nos indica que a escola parece alienada em relação à cultura de senso comum, ou cultura de massa, pois vem tirando a criança de um ambiente bombardeado pelos meios de comunicação, transportando-a para um local enfadonho, onde sua linguagem não é utilizada, nem há uma preocupação com a satisfação de seus desejos (Gadotti, 1995). Dessa forma, o desenvolvimento da autonomia, profundamente associado à idéia de liberdade, não conseguirá processar-se, embora se imagine que deveria ser facilitado pela escola, pois educar, segundo o autor, significa formar para a autonomia - pensamento corrente já em Sócrates. Gadotti salientou, porém, que o modelo liberal, centrado no aluno, enfatizou tal idéia mais como um fator de desenvolvimento pessoal do que de mudança social, e o reflexo disso pode se observar tanto no culto ao individualismo, confundido com autonomia pessoal, quanto na falta de consciência política do aluno, produto da carência da pedagogia.

Vimos até aqui que o adolescente de hoje tem experimentado um nível de liberdade nunca vivenciado pelas gerações anteriores, e que a liberalidade das práticas parentais e educacionais, no Brasil contemporâneo, vêm provocando sérias mudanças nos relacionamentos interpessoais e, por conseguinte, no próprio processo de reflexão individual ou consciência dos mais jovens. Segundo Steinberg (1996), essa transformação dos valores da sociedade promoveu uma onda de individualismo exacerbado, refletindo-se na vida familiar, movimento que acentuou-se nos anos setenta, mantendo-se até hoje. Isso trouxe uma tendência ao egoísmo, o que não possibilita, além de outras coisas, padrões comuns de comportamento para a família, motivando uma série de possibilidades liberais. Dentre estas, existem os casos em que cada família possui determinada forma de funcionamento,

extremamente diferente da utilizada por seus vizinhos, em modelos também diversos do que foi tradicional até meados dos anos sessenta. Tais modificações de padrões atingem diretamente às crianças e adolescentes, o que, ao invés de facilitar-lhes o processo de autonomia, na passagem à maturidade, tem resultado, ao contrário, numa postergação da adolescência.

O tema em foco, assim, obriga-nos a refletir tanto sobre a nova ordem que é esse campo experiencial que está disponível às novas gerações, quanto especificamente sobre aqueles adolescentes que lidam com uma realidade mais dura, em termos de acesso a elementos que os jovens de classes média e alta atingem facilmente, tais como informações atualizadas, conforto doméstico, boa capacidade financeira e maior escolaridade familiar. Diante disso, pode-se antecipar a problemática teórica e ética que este estudo buscou investigar, colocando-se as seguintes perguntas: Quais as percepções desses jovens a respeito de si mesmos e do tipo de educação que lhes é ministrada, na família e na escola? Como se situam, em seus processos adolescentes, frente à equação liberdade *versus* limites?

Na verdade, o adolescente vai desenvolvendo seu processo de autonomia ao reconhecer-se como intérprete de si, dos outros e do mundo. Ser intérprete, no caso, refere-se aqui à condição básica e universal da natureza humana, ou seja, a de ser racional, simbólica, abstrata, semiótica e lingüística. Estas características são articuladas por meio da capacidade reflexiva do ser humano, também traduzida como *self* (Wiley, 1996).

Nos primórdios da psicologia, por exemplo, havia uma tendência a atribuir, ao *self*, uma conotação mística ou vitalista. Na moderna psicologia, contudo, o termo passou a significar, por um lado, o conjunto de atitudes e sentimentos da pessoa sobre si mesma (*self*-como-objeto), e por outro, o grupo de processos psicológicos, determinantes do comportamento e de seu ajustamento (*self*-como-processo). Neste último caso, o *self* é agente, enquanto reunião de um grupo de processos ativos, tais como pensar, lembrar e perceber. (Hall, Lindzey & Campbell, 2000).

Hall, Lindzey e Campbell, em sua obra “Teorias da Personalidade” (2000), reconheceram que foi William James quem mais contribuiu, de forma direta ou indireta, para formulações sobre o *self*, em muitas das teorias contemporâneas. James considerava o *self* (ou “Eu Empírico”) como o conjunto de tudo o que o indivíduo pode afirmar como sendo seu: corpo, traços, habilidades, bens materiais, família, amigos, inimigos, ocupações, etc.

Uma proposta que recebeu pouca atenção dos pesquisadores em psicologia, mas que exerceu muita influência na sociologia, foi a Teoria dos Papéis Sociais, de Mead (1913/1964). Nessa concepção, o *self* vai sendo formado no decorrer do desenvolvimento psicológico, à medida que o indivíduo vai aprendendo a pensar em si como objeto, passando a ter atitudes e sentimentos a seu próprio respeito. Assim, ao nascer, o indivíduo é apenas um *self* em potencial, uma vez que não é naturalmente autoconsciente. Não se considera ainda um objeto, embora as outras pessoas reajam a ele como se assim fosse. O *self*, desse ponto de vista, é socialmente formado, só podendo surgir onde houver comunicação social. Além disso, o indivíduo pode desenvolver vários *selves*, formando muitos conjuntos de respostas adquiridas de grupos sociais diferentes, como por exemplo, a família (*self* familiar) e a escola (*self* escolar).

Recentemente, o sociólogo americano Norbert Wiley propôs uma teoria do *Self* Semiótico, publicada originalmente em 1994 e traduzida para o português por Luiz Paulo Rouanet, em 1996. O autor inicia o texto com a seguinte assunção: a natureza humana é universal e tem características de ser racional, simbólica, abstrata, semiótica e lingüística. Wiley passa então a se referir a esta universalidade humana como *self* reflexivo, *self* semiótico ou simplesmente *self*. A seguir, faz a importante distinção entre *self* genérico, enquanto capacidade humana universal de autoconsciência ou reflexividade, e *self* particular enquanto qualidades que podem surgir, permanecer ou desaparecer ao longo da vida. Tais qualidades são denominadas identidades. Uma advertência aqui se faz importante: em muitas situações e instâncias a identidade (qualidade) pode alcançar um grau tão intenso de imbricamento com o *self* (genérico), a ponto de confundir o particular com o universal.

Para suas formulações, Wiley retomou os trabalhos dos pragmatistas clássicos Charles Sanders Peirce (1839-1914) da Universidade de Harvard - e de George Herbert Mead (1863-1931), e professor da Universidade de Chicago. Wiley entendeu que, apesar do hiato temporal e das características pessoais diferentes dos autores, as duas teorias apresentavam confluências e contrastes interessantes. Seu projeto consistiu, assim, na retomada de ambas as formulações, e na proposição de uma explicação neopragmatista, a respeito do *self*, com vistas a tentar eliminar qualquer tipo de redução. Wiley argumentou que para Peirce, pragmatista dedutivo, que baseava-se na lógica e na matemática, a reflexividade era uma forma de diálogo interno entre o eu (presente) e o você (futuro), possuindo, assim, um sentido temporal progressivo. Isso significa, de acordo com Fisch (citado por Wiley, 1996), que “todo pensamento se dirige

a uma segunda pessoa ou para o *self* futuro da mesma pessoa como se fosse uma segunda pessoa” (p. 57). Em contraste, Mead (o menos conhecido dos pragmatistas) - interacionista simbólico, mais indutivo, e que tinha na “reflexividade” um de seus conceitos principais - concebia a estrutura geral do *self* como uma dialética entre o eu (presente) e o mim (passado). Aqui, a conversação interna possui um sentido temporal regressivo, pois, conforme Mead (citado por Wiley, 1996), “torno-me um ‘mim’ na medida em que rememoro o que eu disse” (p. 57).

Tal síntese Peirce-Mead partiu de uma proposta sugerida a Wiley, e apresentou o *self* como um sistema eu-você-mim, onde o pensamento se articulava na tríade temporal presente-futuro-passado, também denominada autoconsciência reflexiva de três pontos. A síntese abrange a relação entre a conversação interna (forma de operação do *self*) e a temporalidade, aspectos concebidos diferentemente por Mead e Peirce (Wiley, 1996). Dessa forma, o *self* é um processo permanente de auto-interpretação: o *self* presente interpreta o *self* pretérito para o *self* futuro, ou, em outras palavras, o “eu” e o “você” interpretam o “mim”, a fim de fornecer uma direção ao “você”, havendo uma união da reflexividade eu-mim de Mead com o processo interpretativo eu-você de Peirce.

Numa tradução semiótica, a síntese poderia apresentar-se da seguinte forma: o eu-presente como signo, o mim-passado como objeto, e o você-futuro como intérprete, permitindo aos seres humanos uma combinação das tríades: temporal (passado-presente-futuro), semiótica (signo-intérprete-objeto), e dialógica (eu-mim e eu-você ou eu-mim-você), tornando-se uma tríade de tríades, com todas as sobreposições, capacidades de conexão e de solidariedade, que possam existir entre tais elementos (Wiley, 1996).

Na síntese eu-mim-você, o “voluntarismo”, ou liberdade constrói-se no próprio processo semiótico de auto-interpretação, onde o eu (agente) do presente interpreta o mim (história) do passado para (e com) o você do futuro. Segundo Wiley (1996), essa representação não é um reflexo do passado, e muito menos causada por ele, mas sim “ela cria, e o faz por uma espécie de construção da realidade cognitiva” (p. 31). A liberdade encontra-se no próprio ato criativo da interpretação, não se tratando aqui de livre arbítrio, num sentido tradicional, porém de liberdade semiótica, embora resultem na mesma coisa. A liberdade de escolha, por exemplo, enquanto função do processo semiótico, teria a capacidade de proporcionar definições e interpretações únicas às situações, podendo, assim, determinar escolhas específicas, daí a idéia de um *self* agente e autônomo, segundo o autor.

Numa comunicação intrapessoal, contudo, a reflexividade depara-se com um sério obstáculo, uma vez que não pode ser sujeito e objeto ao mesmo tempo. Isso produz pontos cegos, ou conteúdos não disponíveis à reflexão, situação que pode ser solucionada por meio da alteridade - olhar para si do lugar do outro. E o poder da reflexividade, por sua vez, advém da emoção, que pode fortalecê-la ou enfraquecê-la, segundo Wiley (1996).

O objetivo deste estudo é confrontar a elegante teoria de Wiley com uma situação concreta, na qual a reflexividade enquanto diálogo entre passado, presente e futuro pudesse expressar-se empiricamente. O autor sugeriu algumas poucas possibilidades de investigação empírica de sua teoria, todas elas voltadas para a exploração da reflexão como conversação privativa. Nos exemplos mencionados, Wiley trabalha com a conversação solitária em voz alta, relatos de conversas privativas em escritos de autores como Husserl e Wittgenstein (esses autores foram escolhidos por negarem a importância da conversa privativa), e falas durante o sono.

Um contexto atrativo para a investigação da proposição de Wiley é a experiência reflexiva na adolescência. Nesta fase do desenvolvimento psicológico, reconhecida por seu caráter transacional e conflituoso, o passado e o futuro são fortemente confrontados com o presente, numa luta para se romper com os limites da infância e para se antecipar a autonomia do adulto. No entanto, a presente pesquisa introduzirá uma importante variação nas modalidades empíricas sugeridas por Wiley. A conversação privada será examinada em uma situação de diálogo. Lanigan em seu clássico "Speaking and Semiology", de 1972, definiu o diálogo como uma maiêutica, no qual uma pergunta leva a outra, pois a percepção nunca é completa sem a expressão e a expressão sempre se apóia na percepção. Tal condição coloca em um mesmo plano a conversação privada e a pública. O significado do ponto de vista de uma pessoa sobre si, sobre o outro, ou sobre uma dada relação social é possível somente por analogia ou contraste com a própria experiência. Assim, o diálogo na forma de uma intersubjetividade grupal revelará a subjetividade da conversação de cada um dos participantes desse grupo ao expressar concordância ou discordância com o que é dito, à semelhança do que ocorre internamente no *self*, onde há uma espécie de "área pública" (Wiley, 1996), cujos membros estão em constante conversação. Ademais, a situação grupal apresenta ainda um outro importante atributo para a pesquisa. Não se limita a recolher dados pois em sua estrutura oferece espaço para a clarificação da expressão e a ressignificação da percepção, através do sistema semiótico interno do falante. Em outras palavras, é essa circularidade entre percepção

e expressão que pode trazer uma explicitação da subjetividade do indivíduo, “cuja experiência intrapessoal do silêncio e do pensamento cria sua percepção de si mesmo e cuja experiência de usar algum sistema de linguagem cria a expressão de sua privacidade”. Por outro lado, também traz uma explicitação da “objetividade da experiência mútua de duas ou mais pessoas que através de algum tipo de linguagem comum transformam, por conseguinte, a própria percepção e a própria expressão” (Gomes, 1997, p. 309).

A situação concreta escolhida para o estudo é a experiência de ser um jovem ou uma jovem adolescente, morador de um bairro de periferia de uma grande área metropolitana. Esses jovens vivem com sérias restrições financeiras e são filhos de pais com grau de instrução limitado. Muitos trabalham num período para estudar em outro, e encontram-se susceptíveis ao consumo de drogas e à violência urbana.

As perguntas de pesquisa são as seguintes: Como esse jovem adolescente expressa sua condição de existência enquanto ato reflexivo e responde às interlocuções de seus pares? Qual a interpretação que esse jovem oferece deste momento presente para si, para o outro aqui representando pela família, colegas, e professores, e para o mundo em que vive? Como esse jovem lida com o impasse interpretativo entre as solicitações pessoais e as solicitações do outro e do mundo? Em suas falas, esses jovens trazem o diálogo privativo que suscitaram suas reflexões? No decorrer dos diálogos esses jovens revelam alguma mudança em posições anteriormente expressas? Como tais impasses aparecem na estrutura reflexiva e dialógica descrita por Wiley? A descrição da adolescência consagrada na literatura (Steinberg, 1996) aplica-se às grandes camadas menos privilegiadas da nossa população?

## CAPÍTULO II

### MÉTODO

#### Participantes

Participaram deste estudo aproximadamente 60 jovens adolescentes de ambos os sexos, com idades variando entre 13 e 18 anos. Todos os participantes eram alunos de oitavas séries de uma escola pública estadual, localizada na periferia do município de Novo Hamburgo, RS. Essa instituição encontra-se inserida num contexto sócio-econômico carente, muito conhecido pelas freqüentes ocorrências de violências, tais como brigas, tiroteios, homicídios, assaltos, tráfico e abuso de drogas. A média de renda familiar da maioria dos estudantes, segundo dados da escola, varia entre um e cinco salários mínimos.

#### Instrumento e Procedimentos

Os participantes foram contatados pelo próprio pesquisador em visita a seis turmas de oitavas séries da escola. Na ocasião eles foram informados tratar-se de um projeto de pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS e quais eram os objetivos da pesquisa. Cada voluntário inscrito e seu responsável assinaram o protocolo de consentimento informado (Anexo 1), conforme normas éticas da pesquisa em psicologia. Os adolescentes foram organizados em seis grupos de conversação, facilitados por um mesmo psicólogo. Cada grupo reuniu-se uma única vez e os encontros duraram, em média, o equivalente a um período de aula (50 minutos). As conversas foram totalmente gravadas em videoteipe. Ao início de cada reunião, foi solicitado o preenchimento de um protocolo de dados (Anexo 2). A seguir o psicólogo pesquisador dava início à conversação com a seguinte fala:

“Como eu já havia antecipado a vocês, a nossa conversa de hoje vai girar em torno do tema ‘adolescência’, que é essa fase da vida em que vocês se situam. Mais

especificamente, me interessa saber como é que vocês se percebem, hoje, como adolescentes, diante dessa educação mais liberal do que a de antigamente, implementada pela família e pela escola. De que forma essa educação tem contribuído para o desenvolvimento de cada um de vocês?”

Durante os encontros, o psicólogo pesquisador assumiu uma posição quase exclusiva de ouvinte, optando por intervir o mínimo possível, a fim de que as temáticas relacionadas viessem do próprio grupo. A atitude do pesquisador procurou ser consistente com a atividade de monitoria dos grupos de encontro, concebidos e transplantados por Rogers (1987) da terapia para a pedagogia. Rogers reunia de dez a quinze pessoas, em um grupo, as quais interagiam sob a observação de um monitor, que intervinha o mínimo possível, agindo para que a própria relação entre as pessoas promovesse o crescimento grupal (Rogers, 1977, 1987, 1992). O autor considerou que a ciência está nas pessoas (1991), e que o sujeito da experiência, não é o objeto (passivo) da pesquisa psicológica (seja em psicoterapia, em encontros grupais, etc.), pois participa dela com idéias próprias e com a decisão de contribuir de uma maneira que lhe é peculiar. Dessa forma, Rogers desenvolvia uma psicofenomenologia (De La Puente, 1973), elevando os participantes a membros da equipe de pesquisa, ou co-pesquisadores.

Os videoteipes das reuniões foram transcritos integralmente, e os textos obtidos foram processados de acordo com as etapas tradicionais do método fenomenológico. As análises fenomenológicas basearam-se em Merleau-Ponty (1996) e Lanigan (1997). Inicialmente, foi realizada uma descrição fenomenológica dos conteúdos das transcrições de filmagens - primeira etapa do método. Esses dados foram compreendidos como um sistema de signos, isto é, uma mensagem com signos próprios para a sua compreensão. Após, seguiu-se o segundo passo, ou redução fenomenológica, a partir das descrições, numa busca da expressão do sentido (significado) nos sistemas de signos (discursos). Por fim, foi realizado o terceiro passo do método, ou interpretação fenomenológica, a partir daqueles significados nos sistemas de signos, quando se buscou uma definição da intencionalidade dos participantes, em contraste com a intencionalidade emergente do pesquisador.

### Critérios de Análise

A experiência consciente já se constituía como foco de atenção das primeiras proposições teóricas do final do século XIX, através dos estudos de Wundt, Brentano, e

Dilthey (Gomes, 1997). Husserl (1985), por sua vez, transformou-a em elemento central de sua teoria, embora o precursor da fenomenologia tenha sido Franz Brentano (Aranha, 1989). O método fenomenológico de Husserl buscava investigar a experiência consciente por meio da descrição de seu conteúdo, para assim clarificar a articulação existente entre o real, a experiência e a consciência (Zitkoski, 1994). Essa técnica possibilita a separação dos preconceitos - toda a história significada das memórias, juízos, valores, desejos e imaginações (Gomes, 1997). As principais linhas da concepção husserliana abriram caminho para outros filósofos, como Heidegger, Jaspers, Sartre, Merleau-Ponty e Martin Buber (Aranha, 1989).

A fenomenologia, então, é um método que torna possível chegar-se ao fenômeno, a fim de captar sua essência. Para tanto, busca descrever a experiência consciente, ou o mundo-vivido dos indivíduos, onde a vida cotidiana se desenrola, com o intuito de revelar seu significado, desvelando, assim, a própria intencionalidade do sujeito, dentro do fenômeno vivenciado. Contudo, a revelação da existência de nossa consciência só é possível, segundo Forghieri (1993), a partir do momento em que deixarmos de assumir simplesmente uma atitude natural, não refletida, diante da vida cotidiana.

A reflexão é necessária, por constituir-se em doadora de sentido de tudo aquilo que se apresenta em nosso mundo. Dessa forma, justifica-se a utilização da concepção de Wiley (1996) como ferramenta auxiliar ao entendimento dos processos reflexivos. Contudo, para que se possa chegar ao imediato de nossa vivência, ou fenômeno, deve-se colocar, fora de alcance, quaisquer conhecimentos adquiridos anteriormente, a respeito daquela experiência. Somente depois disso pode-se iniciar alguma reflexão sobre a mesma, para que se consiga chegar à essência do fenômeno vivenciado (Forghieri, 1993). Assim, a fenomenologia, enquanto método de pesquisa, é a forma de pensar que busca o dado, ou o radicalmente empírico, procurando vê-lo de uma forma particularmente aberta, contornando ou evitando quaisquer pré-concepções sobre o mesmo, procedimento possível através da suspensão de julgamentos (Martins & Bicudo, 1983).

O modelo da fenomenologia existencial de Merleau-Ponty (1945 [1996]), baseado na concepção husserliana, segue três passos fundamentais: 1) descrição fenomenológica - cujo objetivo é revelar a intencionalidade da consciência do sujeito, procurando-se, para tanto, suspender julgamentos e avaliações; 2) redução fenomenológica - que visa ressaltar os elementos essenciais que compõem a descrição, através da definição de suas partes, reduzindo as partes escolhidas para análise das estruturas mínimas, através da verificação de presenças e

ausências de elementos; e 3) interpretação fenomenológica - que focaliza a revelação dos significados implícitos na redução e, por conseguinte, a visão de mundo do sujeito, em contraste com a visão de mundo do pesquisador (Gomes, 1997; Lanigan, 1988).

Merleau-Ponty considerou que não há possibilidade de uma redução completa, sendo este o grande ensinamento dessa etapa. Merleau-Ponty (1952 [1973]) caracterizou tal fase como “profunda reflexão que nos revele os preconceitos em nós estabelecidos e nos leve a transformar este condicionamento sofrido em condicionamento consciente, sem jamais negar a sua existência” (p. 22). Forghieri (1993), por sua vez, considerou que a etapa de redução fenomenológica é constituída de dois momentos, interrelacionados e reversíveis: inicia-se com o envolvimento existencial, quando o pesquisador retorna à vivência e penetra na mesma; e prossegue com o distanciamento reflexivo, em que o pesquisador reflete a respeito da vivência, e enuncia seu significado para a pessoa que a experiencia. Esse desmembramento, embora apenas didático, permite uma percepção esclarecedora do fenômeno investigado.

Já a fenomenologia semiótica, ou comunicologia, desenvolvida por Lanigan (1997), trouxe, como grande inovação, o refinamento e expansão do método fenomenológico, ao enfatizar suas possibilidades transformadoras, isto é, seu poder como veículo de ação (Gomes, 1997). Esse modelo preocupa-se em decifrar, compreender e esclarecer o real (situação empírica), que é o objeto de estudo. O real, aqui, é traduzido como o mundo vivido, sujeito corpóreo e situado, de onde parte a investigação, para retornar ao real no sentido de ressituação. A semiótica, enquanto estudo dos signos ou sinais no sistema que os constitui, contribuiu para a compreensão do conceito de estrutura da experiência, que é o sistema significativo de expressão no discurso e na ação.

A fenomenologia semiótica redefine a experiência consciente em termos de processo comunicativo: comunicação do eu consigo mesmo e do eu com o outro (Lanigan, 1997), formas de interação dialógica semelhantes aos modelos de reflexividade de Mead (eu-mim) e de Peirce (eu-você), e, conseqüentemente, com a concepção triádica de Wiley (1996). Tal consistência possibilitou a integração de ambos os conhecimentos, com o propósito de fortalecer a base teórica necessária ao estudo.

A formulação de Lanigan (1997) considerou que a experiência consciente é constituída de movimentos sinérgicos entre percepção (objeto da consciência e consciência deste objeto) e expressão (especificação da percepção dentro de um determinado contexto - estrutura). Estes dois elementos constituem as partes de um todo (experiência consciente, ou signo), que é o

próprio ato comunicativo de um corpo situado em um determinado ambiente (Gomes, 1997). A sinergia do movimento de reversão entre ambas, onde o todo é maior do que a soma das partes, promove um refinamento e uma ampliação do objeto percebido. Assim, por meio dessa reversibilidade, o pesquisador consegue colocar-se no lugar do pesquisado, observando a situação daquele ponto de vista, identificando e atualizando sua intencionalidade (sentido que dirige a ação). A circularidade entre percepção e expressão é, em suma, um processo de comunicação intrapessoal e interpessoal.

O método da comunicologia consiste na utilização progressiva, porém sinérgica: da (1) descrição fenomenológica, com o foco sobre o fenômeno como um sistema de signos (discurso, por exemplo); da (2) redução fenomenológica, com o foco crítico sobre os significados, tomando como base a expressão do sentido (frases revelatórias, por exemplo) no sistema de signos; e da (3) interpretação fenomenológica com o foco sobre os significados (percepção do sentido; ‘speakability’ = ‘dizível’) no sistema de signos (Lanigan, 1997, pp. 24-25). Cada uma das três fases contém, ao mesmo tempo, as outras duas, trazendo, por isso, a possibilidade de reversão (Gomes, 1997). Sem dúvida, há aqui uma semelhança com os processos reflexivos de primeira e de segunda ordem, referidos por Wiley (1996). Para esse autor, a reflexividade é dita de primeira ordem, quando se refere ao pensamento não dirigido, espontâneo e fluente (embora reflexivo), sendo o primeiro processo desse gênero a ser desenvolvido na criança (comunicação passiva). É chamada de segunda ordem quando o processo reflexivo se aplica a si mesmo, sendo, neste caso, pensamento sobre pensamento, que se inicia quando a criança vai internalizando a relação interativa (comunicação ativa). Ambos, alternadamente, possibilitaram uma ampliação da mensagem que se desejou captar neste estudo, ou seja, a do mundo vivido dos adolescentes participantes.

Dentro do enfoque fenomenológico, porém, o objeto é percebido pela consciência na forma de linguagem, combinação articulada de signos, também especificando-se, dessa forma, na experiência. A importância da linguagem, para a fenomenologia, já se expressava em Husserl, e em Merleau-Ponty (Gomes, 1997). O primeiro a considerou como a corporificação do sentido, e também como a manifestação da vontade, e o último a definiu como sendo um elemento mediador entre a experiência e a consciência.

A grande contribuição da fenomenologia, portanto, é a reflexão sistemática, a consciência voltada para si mesma. Trata-se aqui, também, da utilização de abstrações para o esclarecimento de determinadas situações ou temáticas, como proposto por Wiley (1996). Em

suma, o interesse aqui foi o de captar a mensagem que expressa a peculiaridade do mundo vivido pelos adolescentes participantes, por intermédio de uma situação vivencial (convite à comunicação).

O processo metodológico de reflexão sistemática, com suas três etapas (incluídas umas nas outras), possibilitou um panorama significativo do fenômeno. No caso, através de uma descrição fenomenológica acurada, buscou-se a obtenção de retratos fiéis aos pensamentos dos adolescentes. Já a redução fenomenológica procurou extrair, da etapa descritiva, a visão do pesquisador, articulada no âmbito existencial através de um olhar específico, evitando a busca de qualquer tipo de conceito (Crittelli, 1996), para obter uma ampliação dos elementos significativos. E a fase de interpretação fenomenológica, por sua vez, além de esmerar a percepção e a reflexão do pesquisador, possibilitou, ainda, um diálogo com a literatura relacionada ao tema.

A diversidade de indivíduos, *selves* participantes, resultou numa variedade de processos reflexivos (subjetividade), com perspectivas também variadas, que possibilitaram maior clareza, na compreensão da experiência consciente comum (objetividade). No decorrer do processo investigativo, também a consciência do pesquisador sofreu uma ampliação, modificando-se e atualizando-se, na interação com os participantes. O investigador, no caso, foi, simultaneamente, a base empírica - pois as descrições tornaram-se objetos de sua reflexão - e a base existencial de sua pesquisa - pois foi ele quem refletiu (segundo Gomes, 1997). É o mundo do outro e do próprio pesquisador, a legítima fusão entre sujeito e objeto, que se tentou captar, naquele momento, conforme sugerido pelo método fenomenológico.

A base empírica para a leitura reflexiva (no caso as transcrições dos discursos), em virtude de serem produto de reflexividades simultâneas, permitiram a que o pesquisador viesse a situar-se ora numa, ora noutra, num movimento reflexivo entre presenças (quando o relato constituiu-se em “figura”) e ausências (quando o relato constituiu-se em “fundo”), na busca de sentido (Gomes, 1997). Aqui, transcorreu um processo educativo específico, ao buscar-se captar o sentido da experiência (contexto de pesquisa), pois, como Rezende (1990), acredita-se que a educação possui, além de um objetivo cultural, enquanto aprendizagem da cultura, também uma dimensão ético-existencial, pela busca da compreensão de sentido na existência, o que lhe concede, inevitavelmente, um caráter fenomenológico.

A leitura reflexiva promoveu um questionamento dos protocolos, os quais, após organizados em unidades compreensivas, possibilitaram, ao final do processo de reflexão

sistemática, uma definição da intencionalidade dos participantes, surgida na estrutura reflexiva e dialógica, descrita por Wiley (1996). As falas, que transformaram a conversação privativa em pública, foram analisadas de acordo com os três perfis de conversação propostos por Wiley (1996). As três posições, pólos ou papéis definem uma estrutura conversacional que independe dos conteúdos manifestos. São eles: mim - referindo-se a uma voz do passado, apresentando-se como objeto; eu - referindo a voz presente e apresentando-se como sujeito e ponto cego; você - referindo-se a voz futura e apresentando-se simultaneamente como sujeito e objeto. Além das três posições definidas, existem outras que podem aparecer em uma dada fala como, por exemplo, os visitantes permanentes e temporários (Wiley, 1996, p.75). Uma outra instância mencionada por Wiley e que pode estar manifesta na fala é o inconsciente. Na presente análise a manifestação inconsciente foi tratada em nível cognitivo, como possibilidade de ocorrência adicional ou implícita para constituição de sentido. Para clarificar esta modalidade de análise, apresenta-se a seguir um exemplo mencionado por Wiley (1996, p. 75) sobre a fala de uma funcionária distraída, falando sozinha ao se encaminhar para o trabalho:

“Ela dizia: *‘Seria melhor que eu pegasse os DPOs para os novos suprimentos. Oh não! Não estamos mais usando isso’*. ... A primeira parte do texto (...) parece o eu falando, em uma forma padrão de primeira ordem, com você de Peirce. É um imperativo, dizendo ao *self* o que fazer. É claro que também está se referindo, de modo tácito e reflexivo, a si mesmo enquanto mim.

No entanto, quem está falando para quem na segunda parte do texto? Algo mudou. É como se o você, anteriormente visado, tivesse se movido ao longo da linha do tempo e estivesse agora no lugar do eu, isto é, o lugar onde a fala e a ação podem originar-se. O que era antes você, e agora eu, está dizendo algo a alguém. Mas a quem? Penso que está se dirigindo simultaneamente ao mim e ao (novo) você. Está respondendo à instância que um momento atrás era o eu, e agora é o mim-como-passado. Essa instância recomendara pegar os DPOs (department purchase orders) mas a funcionária lembrou que os DPOs eram um procedimento ultrapassado, e ela (seu novo eu) informou isso ao mim. A segunda parte da oração está respondendo à primeira, e é assim ‘fala sobre fala’, ou ‘pensamento sobre pensamento’.”

Considerou-se que esse tipo de análise também se mostra muito atrativa para identificação de influências e valores na reflexividade do jovem adolescente, dentro de seu mundo vivido, ou experiência consciente.

### CAPÍTULO III

#### RESULTADOS

Após o procedimento de observação e de escuta sistemática das gravações dos encontros, os depoimentos dos adolescentes foram transcritos e organizados em áreas específicas, de acordo com sua recorrência, e então definidos como temáticas emergentes, com vistas a atender às questões de pesquisa. Ocorreu aqui o primeiro passo fundamental do método, a descrição fenomenológica (objeto empírico - percepção captada dos adolescentes), que teve, juntamente com os demais passos, o objetivo de revelar a intencionalidade da consciência dos sujeitos, por meio de uma suspensão de julgamentos e avaliações.

#### Descrição fenomenológica

Os jovens revelaram sua realidade adolescente a partir de percepções sobre a educação e a liberdade que lhes são disponibilizadas no cotidiano, situando-as ao redor de seis grandes temáticas: (1) atitudes e comportamentos paternos e maternos - padrões diferenciados para filhos e filhas; (2) liberdade, limites e confiança mútua na relação pais-filho; (3) importância do diálogo nas relações do adolescente; (4) repercussões das influências familiares e extrafamiliares; (5) sexo na adolescência e suas conseqüências; e (6) percepções relativas ao contexto escolar. As temáticas foram diferenciadas apenas por uma questão didática, uma vez que encontram-se imbricadas a partir da fluência dos discursos dos adolescentes.

Tema 1: Atitudes e comportamentos paternos e maternos - padrões diferenciados para filhos e filhas:

Na percepção dos jovens, os pais tendem a educarem os filhos da mesma forma com que foram educados. Os jovens acreditam que seus pais têm medo de que lhes ocorram situações negativas pelas quais passaram, embora muitos provenham de zonas rurais onde não havia tanta violência. Em consequência, há restrição à liberdade do filho, ou mesmo a suas amizades, justificada pelos pais como forma de proteção, por não confiarem nos outros. A justificativa dos pais foi debatida, produzindo reações diferentes nos participantes. Apesar disso, há a expectativa consensual entre os jovens de que essa situação possa modificar-se através do desenvolvimento de diálogo satisfatório entre eles e os pais. Por outro lado, os adolescentes reconheceram que hoje os pais são mais liberais do que em gerações anteriores e que, em alguns casos, há um relacionamento muito aberto entre ambos. Atitudes contraditórias dos pais podem fazer com que o filho sintam-se perdido, ou mesmo revoltado, em alguns casos. Diferenças no tratamento entre filhos e filhas surgiu como fator de indignação entre as meninas participantes, embora não consensual. Os meninos tendem a ser mais incentivados, principalmente pelo pai, a aproveitarem a vida, a serem “machos”, obtendo a liberdade mais cedo, embora pareça haver uma preocupação maior de que venham a envolver-se com drogas. Do lado das meninas, foram manifestados sentimentos de desvalia e incompreensão, diante de atitudes e da desconfiança dos pais. Mesmo para a mãe, muitas vezes, a menina não parece possuir importância. Há também a alegação de que o serviço doméstico deve ser exclusividade da “moça da casa”, situação que a faz sentir-se, na verdade, uma simples “empregada”. São consideradas frágeis e, por isso, ameaçadas pela violência das ruas ou por atitudes dos meninos. Por outro lado, há aquelas que concordam com muitas das justificativas dos pais, havendo casos em que aceitam “servir” a seus irmãos, para que não as incomodem. Em resumo, “esquentar a barriga no fogão, e esfriá-la no tanque”, conforme salientou uma das jovens, parece ser a perspectiva, a nível doméstico, para a maioria dessas meninas. No grupo exclusivamente de meninos essa temática não apareceu.

#### Tema 2: Liberdade, limites e confiança mútua na relação pais-filho:

Os participantes, em geral, consideraram que, sendo a educação atual mais liberal do que a de antigamente, é esperado que haja maior liberdade, por parte dos pais, especialmente para com as meninas. Os jovens percebem-se como responsáveis diante da vida, embora, em contraponto, acreditem que devam estar sujeitos a limites, até por uma questão de proteção. A falta de imposição de limites foi percebida como um indicativo de pais que não se importam

com os filhos, podendo, assim, “estragá-los”, em consequência dessa atitude. Liberdade excessiva pode ocasionar desrespeito e exageros no comportamento do adolescente. Algumas considerações sobre a necessidade de imposição de limites aos pais também foram levantadas, sendo as mães, principalmente, percebidas como mais “intrometidas” nas conversas das filhas com amigas. As filhas tendem a obter liberdade mais restrita às custas das justificativas dos riscos de perda precoce da virgindade, de gravidez nessa fase, da violência existente no bairro, e da possibilidade de ficarem “faladas” socialmente. Embora a tendência seja sempre a de restringir, há casos em que os pais são mais liberais do que as mães em relação às filhas, ou vice-versa. Houve manifestações em favor de compreender e acatar a restrição dos pais, não só por medo da violência a que possam sujeitar-se fora de casa, mas também por considerarem que uma jovem pode satisfazer-se com coisas simples, sem extravagâncias, aguardando maior liberdade com o passar do tempo. Além disso consideraram que o pai deve dar liberdade à filha na medida em que ela apresenta certo grau de reciprocidade, em termos de confiança. A cabeça do jovem fica “dividida”, muitas vezes, pois de um lado considera os pais como “carrascos”, mas por outro prefere ficar em casa, protegido. A posição dominante, contudo, foi a de que é o próprio jovem quem deve saber estabelecer seus limites, organizando assim sua própria liberdade que deve ser conquistada com o tempo, pois os pais “confiam desconfiando”. O elemento confiança foi ressaltado pelos participantes como facilitador tanto das relações entre pais e filhos como do estabelecimento de níveis de liberdade satisfatórios. Tal ingrediente, uma vez prejudicado, foi considerado como sendo de difícil recuperação. Os meios de comunicação também estão entre os fatores influenciadores das restrições paternas, principalmente as notícias de violência. Muitos pais, por quererem implementar educação semelhante à que receberam, não aceitam nem mesmo o “ficar” do adolescente. Em contrapartida, há jovens dispostos a burlar as restrições dos pais, pois uma menina, mesmo “presa”, pode ser, no fundo, uma “sem-vergonha”. Foi considerado, então, que quanto mais o pai prende, mais o jovem quer ousar, rebelar-se, pois situa-se numa fase difícil e transformadora. Segundo os participantes, é na adolescência que o jovem pode achar-se “auto-suficiente”, mesmo que a necessidade de ajuda dos pais contradiga tal percepção. Sendo assim, tende a agir sem pensar antecipadamente, incorrendo em riscos, pois normalmente gosta de aventuras, de descobertas, embora possa arrepender-se das consequências, mais tarde. A expectativa é a de que os pais devem estimular nos filhos, por meio de conselhos adequados, a própria liberdade de escolha inerente aos seres humanos.

### Tema 3: Importância do diálogo nas relações do adolescente:

O diálogo com os pais, considerado como elemento crucial ao bom entendimento com os filhos, foi percebido como algo difícil de ser estabelecido. Apesar disso, os participantes acreditam que exista hoje maior possibilidade de relacionamento aberto entre ambos. Um dos fatores que dificultam o diálogo é o medo das reações paternas ao que é dito pelo filho e, em consequência, das restrições que possam advir daí, diminuindo ainda mais a confiança existente. Embora em alguns casos o jovem possa surpreender-se com a receptividade e compreensão dos pais à sua conversa, a falta de atenção ao que o filho diz também impede qualquer possibilidade de diálogo. Da mesma forma, a disparidade entre o nível cultural ou de informações de ambos, assim como a excessiva ocupação diária dos pais, foram consideradas como dificultadores para um contato mais próximo. O diálogo com a mãe, contudo, é considerado mais fácil de ser implementado, embora eventualmente isso possa ocorrer com o pai, ou com um professor. Em contraponto, há o fato de que muitos pais (principalmente as mães) tendem a aconselhar, ou a dialogar “xingando”, o que normalmente conduz o adolescente a abrir-se com outras pessoas. Nesses casos, a tendência é a de confidenciar-se com colegas, ou amigos, por serem da mesma idade, e possuírem um pensamento semelhante. Essas pessoas, do nível extrafamiliar, tendem a concordar com o jovem e a compreendê-lo, evitando julgamentos severos. A advertência de um amigo, caso ocorra, parece ser melhor compreendida pelo adolescente do que se vier da parte dos pais. Por outro lado, um diálogo em casa pode possibilitar a resolução de algumas dificuldades no relacionamento pai/filho, como nos casos em que os pais exibem comportamentos contraditórios, ou quando o jovem sente-se desrespeitado e excessivamente controlado. Em momentos de fraqueza do adolescente, como por exemplo no uso de drogas, por exemplo, o diálogo foi considerado como boa alternativa de auxílio, embora a tendência de alguns pais pareça ser mais a de “xingar”, “esculachar” o filho, nessas ocasiões. Há casos, porém, em que parece não haver confiança em ninguém com quem o jovem possa compartilhar seus problemas. As alternativas sugeridas foram as de escrever num papel e depois jogá-lo fora, ou “ficar para si”, sem abrir-se com alguém. Surgiu também a hipótese de que o adolescente tende a “dramatizar” demasiadamente as situações que vivencia. Bom nível de confiança entre pais e filhos foi considerado como o grande facilitador do diálogo entre ambos. Do contrário, podem surgir revoltas e brigas constantes. Há jovens que consideram os pais como os melhores amigos, há

outros que evitam aproximar-se por acharem que o tempo deles “já passou”. Porém, conforme resumiu um dos participantes, talvez não seja liberdade o que realmente esteja faltando aos adolescentes, mas sim maior amizade e diálogo entre pais e filhos.

#### Tema 4: Repercussões das influências familiares e extrafamiliares:

Várias influências de elementos da família, ou do âmbito extrafamiliar, na educação do adolescente, foram apresentadas pelos participantes, assim como diversas conseqüências relacionadas. Uma delas seria a repercussão de bons ou maus exemplos de irmãos, fator que muitas vezes pode promover tanto uma facilitação quanto uma restrição à liberdade do jovem, através do comportamento paterno. Experiências dos pais, quando jovens, também podem determinar a educação do filho, que passa a ter, sobre si, várias expectativas como a de tornar-se um “espelho” do pai ou da mãe, ou mesmo de ter que superá-los. Assim, as lembranças do passado paterno parecem repercutir numa falta de confiança nos filhos e em suas amizades, que são muito diferentes de antigamente, quando havia maior controle. Exemplos negativos dos pais também podem ser seguidos pelos jovens, como os vícios de cigarro e de bebidas alcoólicas, uma vez que, para o filho, muitas vezes, a experiência do pai é altamente relevante. Nesses casos, embora tenha sido considerado que um adolescente deva saber distinguir entre o “bem” e o “mal”, o livre acesso a tais ingredientes, em casa, pode perfeitamente determinar comportamento aditivo às drogas, devido à constante presença e facilidade. Por outro lado, um adolescente pode afastar-se da influência familiar, recaindo em submissão a um amigo ou a um grupo de pares, por vezes drogando-se apenas para não ser discriminado ou chamado de “careta”. O uso de drogas também pode ser cultivado como “refúgio”, ou mesmo como um comportamento de “birra” contra os pais. A influência paterna, portanto, desempenha caráter fundamental na vida do adolescente, embora seja considerado que ele vá sentir as repercussões disso apenas no futuro. O fato de conviver com ótima família, por exemplo, nem sempre é referencial de que o jovem vá direcionar-se a um caminho positivo, pois embora os pais lhe dêem muita liberdade, ele pode querer ir além, recaindo nos vícios apontados. A hipótese, aqui, é a de que o adolescente assim procede por não ganhar o que realmente quer: carinho e afeto da família. Há meninas, foi dito, que buscam esses elementos num namorado, às vezes bem mais velho, ou mesmo engravidando para ter a quem dar afeto. Os adolescentes também podem ser influenciados pela TV, ou por pessoas estranhas e mais velhas, como os traficantes de drogas, por exemplo. Essas influências, consideradas negativas, podem conduzir o jovem a

prejuízos extremos, tais como a prostituição de menores e a exposição a doenças incuráveis. Há casos em que jovens, hoje limitados pelos pais, prometem “aprontar”, tão logo atinjam a maioridade. Por vezes, o desemprego também tem sido justificativa para o abuso de drogas e de álcool, independentemente da idade. Embora existam amigos que possam levar o adolescente para o “mau caminho”, e que são egoístas, não aceitam conselhos, nem pensam no futuro, há também os que ajudam a seus pares, apoiando-os e servindo-lhes de exemplos positivos. No entender de vários jovens, contudo, os pais tendem a preocupar-se em demasia a respeito das companhias do filho. A preocupação dos pais com a opinião alheia, principalmente de parentes e vizinhos, foi considerada como influenciadora de seus comportamentos e atitudes, e tida como excessiva. A amizade entre meninos e meninas, nessa faixa etária, também não parece ser bem vista pelos pais, em virtude da preocupação de que se desenvolva uma excessiva intimidade, com resultados imprevisíveis.

#### Tema 5: Sexo na adolescência e suas conseqüências:

Nessa temática, foi notória a diferença na educação implementada pelos pais em relação a meninos e meninas, principalmente devido aos riscos de gravidez precoce, ou mesmo de perda da virgindade feminina. Os pais tendem a possuir menor confiança nas filhas, e a prendê-las mais em casa por isso, sob a alegação de que o mundo é mais perigoso para elas. A menina que perde a virgindade precocemente tende a ser castigada, enquanto que o menino de mesma idade tende a ser elogiado. No caso de gravidez precoce, a menina pode ser considerada “sem-vergonha” e até mesmo “puta”, e o menino envolvido é tido como “porrudo”, “machão”, mesmo que não venha a assumir a responsabilidade. Em vista disso, algumas participantes consideraram que a maioria dos rapazes só pensa em sexo e depois “saem fora”, cabendo unicamente a elas a prevenção da gravidez ou os cuidados com o filho. Há casos em que a menina se envolve com homens mais velhos, em busca de liberdade, e acaba não se prevenindo. Em outras ocasiões, a adolescente deixa o filho com os pais, e “se manda” de casa, normalmente voltando a engravidar. Como resultado, muitas vezes tem que ficar na rua, ou tornar à casa paterna, submetendo-se novamente às regras familiares. A desculpa de que uma menina possa “transar”, sem prevenir-se, e engravidar por falta de informação, foi questionada, uma vez que, hoje, isso pode ser suprido até pela escola. Em parte, contudo, esse tipo de comportamento foi atribuído ao fato de que o adolescente gosta de correr riscos. As mães, por sua vez, afirmam saber qual o melhor momento para as filhas

começarem a sair à noite, ou mesmo durante o dia. A reação de algumas delas, contudo, pode ser imprevisível, e até de apoio aos filhos, a respeito de assuntos sexuais. Todavia, os pais em geral foram tidos como muito reticentes ou “fechados”, nesse aspecto, em parte devido à vergonha, ou em vista de haverem sido criados de forma mais rígida. Por vezes, a resistência em falar sobre sexo deve-se a um temor de que tal conversa possa estimular a filha a praticá-lo precocemente. Há casos em que as mães intervêm, quando o assunto é tratado na TV, trocando para outro canal, ou retirando-se da sala. Alguns pais, contudo, tendem a agir de forma diversa, principalmente os que mais “aprontaram” no passado. Exemplo disso é trazido por um dos participantes, cujo pai assina revistas do tipo Playboy, e fornece-lhe filmes pornográficos, porém nunca conversa com ele sobre sexo, por não haver liberdade para isso entre eles. Segundo este jovem, seu pai considera que as informações mais “científicas” necessárias podem ser obtidas na escola, enquanto que “a outra parte é mais difícil”. O participante informou, todavia, que alguns filmes geram-lhe “um monte de curiosidade”, e que gostaria de ter liberdade de perguntar a alguém sobre isso. Outros meninos do mesmo grupo, contudo, consideraram que têm liberdade para perguntar aos pais sobre assuntos relativos ao sexo, mas que preferem instruir-se em livros e revistas, científicas ou não.

#### Tema 6: Percepções relativas ao contexto escolar:

A escola foi percebida como lugar que deixa o jovem mais responsável, onde pode fazer seu próprio caminho, sem as influências familiares. Por outro lado, há adolescentes que não gostam dela e a consideram ainda muito rígida e exigente. Professores mais liberais foram percebidos como possuindo a capacidade de manter o adolescente em sala de aula, a turma comportada, além de facilitar que o aluno se exponha. Professores que abusam da autoridade tendem a provocar revolta e comportamentos negativos nos alunos, pois um adolescente não gosta de ser “mandado”. A expectativa é a de que o professor deve ser criativo, promovendo espaço de liberdade ao jovem aluno, que não quer sentir-se preso. Em contradição, embora muitas vezes sejam propostas atividades criativas, mesmo assim os próprios alunos, que as exigiram, não colaboram nem participam. Segundo a percepção dos adolescentes, excesso de liberdade, da parte do professor, faz com que ele não tenha vontade de realizar nada, e queira ir embora. A imposição de limites, assim, foi considerada necessária, para indicar ao jovem até onde ele pode ir, uma vez que a falta de limites pode até comprometer seu aprendizado. Em contrapartida, foram questionadas algumas exigências dos professores, como a cobrança

de pontualidade, quando nem ele próprio a respeita. Assim, embora o professor exija justificativas pelos atrasos ou faltas do aluno, ao mesmo tempo não compreende suas motivações ou seus problemas. Houve a percepção, então, de que hoje existe maior liberdade na escola do que antigamente, embora não seja suficiente, pois o aluno normalmente fica todo o seu período de aula sentado, apenas escutando, mesmo que não aprenda nada, sentindo-se livre somente no intervalo de recreio. Em outros casos, o aluno é obrigado a assistir às aulas, mas gostaria de ter liberdade para “gazeá-las”. Por outro lado, a escola foi percebida como necessária, e o jovem deve saber aproveitar todo o tempo em que ali estiver. Os pais, assim como percebem a necessidade da educação escolar, também questionam a exigência de frequência às atividades extra, desenvolvidas em outros turnos, que não o regular, o que faz com que desconfiem dos filhos, ou temam por sua segurança. Alguns participantes consideraram, contudo, que os pais devem acompanhar as atividades escolares de seus filhos. Atualmente a escola não tem mais indicado ao aluno se ele está fazendo certo ou errado, como antigamente. Por outro lado, há a percepção de que, caso ele tenha liberdade demais, não saberá aproveitá-la. O professor também foi percebido como alguém em quem o aluno pode confiar, em alguns casos, para conversar sobre assuntos pessoais. Por fim, uma participante pareceu tentar indicar o nível de liberdade que a escola lhe proporciona hoje, em relação a antigamente, referindo-se ao próprio momento da conversa: *“Antes (...), não tinha a oportunidade de falar, como a gente tá falando, assim... não tinha”* (F1RO148).

#### Redução fenomenológica

As temáticas emergentes nas falas dos adolescentes serão ampliadas e re-articuladas em torno dos dilemas presentes nas reflexões dos jovens. Em outras palavras, a descrição será fenomenologicamente reduzida a dilemas. Com isso, buscam-se especificar aspectos existenciais presentes no cotidiano desses jovens adolescentes. Foram identificados 14 dilemas, listados a seguir:

Dilema 1: Necessidade de liberdade *versus* necessidade de limites;

Dilema 2: O passado paterno “não tem mais a ver!”;

Dilema 3: Pais confiam nos filhos ou nos outros?

Dilema 4: Liberdade autogerida ou dependência externa?

Dilema 5: Necessidade de assistência paterna continuada e de diálogo com os pais;

Dilema 6: Seguir ou não os conselhos e exemplos paternos?

Dilema 7: Estarão os pais interessados nas conversas dos filhos?

Dilema 8: Aproximar-se ou não dos pais?

Dilema 9: E agora, em quem confiar?

Dilema 10: É necessária uma educação diferenciada para gurus e gurias?

Dilema 11: Sexo: pais e filhos desinformados e envergonhados;

Dilema 12: Papéis familiares: gurias “dona-de-casa” e gurus “protetores”;

Dilema 13: Percepções sobre o contexto escolar;

Dilema 14: Percepções sobre a figura do professor.

A seguir, os dilemas serão definidos e exemplificados por excertos transcritos dos depoimentos. Considerando a análise exaustiva que subsidiou essa etapa do método, serão fornecidos apenas alguns exemplos. No entanto, foram anexadas extensas listas de excertos como evidência dos elementos empíricos que sustentam a interpretação do pesquisador. Tais listas foram organizadas em tabelas anexadas ao final do trabalho (Anexo 3), para possível consulta complementar. Os depoimentos vêm identificados através de formas abreviadas: as letras M ou F indicam o sexo do participante; os números de 1 a 6 referem-se ao grupo a que pertenciam; as duas letras seguintes representam a abreviatura do nome do adolescente; e os números finais indicam a ordem seqüencial de participação, dentro da reunião de cada turma (Exemplo: M1N14).

Dilema 1: Necessidade de liberdade *versus* necessidade de limites

A adolescência é experienciada pelos participantes como fase que apresenta necessidades específicas de liberdade, tais como poder agir por conta própria, sair de casa à noite para divertir-se e/ou namorar, iniciar-se sexualmente, e correr riscos. A base de tais necessidades aparece resumida nos excertos abaixo: (Vide mais depoimentos, relativos a este tópico, na Tabela 1 do Anexo 3.)

*“... Quando a gente é adolescente a gente é muito excitado (...), quer sair, ter bastante liberdade.” (M1N14/18)*

*“... ele [adolescente] quer sair daquela mesmice dele, ele quer alterar o espaço, ele quer conhecer coisas novas...” (M2ER58)*

Tudo isso aparece acompanhado da necessidade do jovem de contar com alguém que o escute para falar sobre seus problemas, conforme será verificado em tópico posterior. Sua busca de maior liberdade, contudo, necessária à independização do controle familiar,

apresentou-se como fator determinante de uma medida de forças dos jovens com a autoridade paterna (de um ou de ambos os pais), até então principal delimitadora de seu trânsito vivencial. Os pais estabelecem limites enquanto que os filhos tendem a contestá-los, muitas vezes motivados por rebeldia ou simplesmente por teimosia ou por simples “birra”, conforme depoimentos dos participantes:

*“A nossa cabeça é teimosa.” (F1SU38)*

*“... dá vontade da gente fazer tudo o que eles [pais] não querem...” (F1GR80)*

*“... a gente faz só de birra, né? Prá contrariar [os pais] mesmo.” (F2JB59)*

Concomitantemente, porém, há a consciência de que alguns limites devem ser estabelecidos, pelos pais ou pelos próprios adolescentes, conforme apontam os excertos que seguem:

*“... a gente tem que fazer o que a gente quer, mas ver os limites, né?” (F1SU79)*

*“... os pais deveriam (...) dar a liberdade pros filhos, mas impor limites, também...” (F5SU34)*

Centrada em tais demandas, a população estudada situou-se diante de dilemas ou ambivalências que, embora típicos do período adolescente, ao mesmo tempo caracterizaram a expressão exclusiva da consciência daqueles jovens. Um exemplo disso é percebido na necessidade de independência dos jovens em relação aos pais, concomitante com a demonstração de não possuírem ainda a segurança necessária para o trânsito em territórios desconhecidos que incluem perigos tais como a violência das ruas e o tráfico de drogas, exemplificados no depoimento abaixo:

*“... O mundo tá acabando porque, se tu não morre viciado, te matam, te dão um tiro, te dão uma facada... (F4JU11/36/81/130)*

Ao mesmo tempo, houve responsabilização dos pais quanto a atitudes de risco, mesmo que implementadas por iniciativa do próprio adolescente, conforme relatado no excerto que segue:

*“Isso [prostituição, uso de drogas] acontece porque tem certos pais que não sabem moderar a liberdade.” (F5DA27)*

A percepção a respeito dos pais, fez com que os jovens os situassem, em alguns momentos como responsáveis e protetores, conforme depoimento:

*“... por um lado é bom a gente ter um pai, porque a gente sabe que tem alguém se importando com a gente (...) prá gente não se perder também...” (MINI81)*

Já em outros momentos, os situaram como inseguros quanto aos gradientes de liberdade a disponibilizar aos filhos, como no excerto que segue:

*“... eu conheço muitas pessoas, né?... no caso que... que se prostituem, né?... E o pai e a mãe sabem e não falam nada (...), como se aquilo não tivesse acontecendo.”*  
(F5VI28)

A ausência total de limites paternos, no entanto, foi percebida pelos filhos muito mais como descaso ou falta de afetividade do que como possibilidade mais liberal de educação, em vista de expor demasiadamente o adolescente aos riscos que o universo extrafamiliar apresenta. Verifica-se, claramente, tal percepção nos depoimentos:

*“... se é liberal demais, eu vou achar que eles [pais] não gostam de mim, né?”*  
(F3GI117)

*“... se não ganha carinho em casa... (...)... muitas gurias vão procurar no namorado. Daí engravidam prá ter um carinho, prá ter a quem dar carinho...”* (F5SI83)

*“... que nem na droga... eles [filhos] acham que têm direito, porque os pais são muito liberais...”* (M6RS7)

Houve uma certa compreensão dos jovens, a respeito do estabelecimento de limites paternos rígidos, como fatores protetores contra os riscos do mundo extrafamiliar, conforme exemplificado pelos excertos:

*“Eu consigo entender. (...) Ela [mãe] não deixa eu sair. (...) Eu acho isso bom, porque nisso eu vejo que ela só quer o meu bem.”* (F3SU23)

*“... a gente pede prá sair, o pai não deixa. (...) Alguma coisa o pai evitou. (...) Podia ter acontecido contigo... alguma coisa lá.”* (F4PA139)

As mesmas atitudes paternas, contudo, foram contestadas pelos jovens, por serem consideradas cerceadoras da liberdade dos filhos:

*“... quanto mais prende, pior é...”* (F1MA42)

*“... não adianta ela [mãe] te comprar presentes (...) e tu não poder sair.”* (F1GR88)

Por outro lado, a aceitação das atitudes dos pais transparece em algumas justificativas, amparadas na prerrogativa de autoridade paterna:

*“... Foi eles [pais] que te criaram, eles é que vão impor uma idade prá ti, dizendo: ‘Não, agora eu confio em ti, tu pode fazer’”* (F4JU125)

Dilema 2: O passado paterno “não tem mais a ver”!

Destacou-se, também, nos depoimentos dos participantes, o fato de os pais basearem-se excessivamente em seu próprio passado, ou mesmo em experiências negativas com os filhos mais velhos, estabelecendo tipos de limites não tão adequados à realidade atual ou aos anseios particulares de cada um dos jovens, com raras exceções. As opiniões exemplificam tais justificativas: (Vide mais depoimentos, relativos a este tópico, na Tabela 2 do Anexo 3.)

*“... muitos pais (...) aprontavam um monte, e agora não quer que eu faça...”*  
(F4JU132)

*“... ela [irmã] já se meteu na droga, né?... Daí, eles [pais] pensaram: ‘Bah... se eu vou deixar... deixar a D. sair sozinha, ela vai se meter, também...”* (F2DA7)

*“Acho que ela [mãe] prende, porque quando ela engravidou, ela tinha dezesseis anos. (...) Ela tem muito medo de perder o que ela construiu nesses anos: o casamento, uma filha adolescente...”* (F1CA20/24)

Os adolescentes informaram que muitos pais são provenientes de zonas rurais, onde não havia acesso a tanta informação quanto hoje, e que o passado paterno, portanto, “não tem mais a ver”, pois os tempos são outros. Essa liberalidade maior dos costumes atuais, na maioria das vezes incomoda os pais, segundo a percepção dos filhos. Assim, a história dos pais e da família (passado) surge como elemento de justificativa de suas atitudes em relação aos filhos (presente). Isso é verificado nos excertos que seguem:

*“... eles [pais] querem que a gente seja como eles eram, sabe?... aquela coisa, assim, monótona. (...) O tal do ficar, (...) prá eles é difícil eles aceitar isso.”* (F4PR3)

*“Eles [pais] ficam cobrando da gente: ‘Bah, o tempo (...) que eu era pequeno, eu não tinha nenhum tênis desses, prá botar nos pés. (...) Nenhuma comida dessas não tinha. (...) eu não tinha um roupeiro.’ (...) Eles ficam se queixando prá gente. (...) A gente não é culpado... Eles... sei lá... criaram a gente... Só que... tudo mudou... (...) ... porque eles viveram na idade da pedra, que a gente tem que viver na mesma.”* (F4JU136)

### Dilema 3: Pais confiam nos filhos ou nos outros?

Além desse tipo de embasamento (história familiar) para a imposição de limites, os pais também tendem a confiar, excessivamente, segundo os participantes, em informações e opiniões alheias, embora em seu discurso afirmem confiar mais nos filhos do que em outras pessoas, o que estabelece uma contradição, de difícil entendimento para o jovem,

exemplificada em falas nos grupos: (Vide mais excertos de depoimentos, relativos a este tópico, na Tabela 3 do Anexo 3.)

*“... tem pais que têm confiança nos filhos, mas não têm confiança nos outros.”*  
(F3AN32)

*“... já deixei de andar com algumas amigas minhas, por fofoca... Outras pessoas vêm e falam prá minha mãe, da minha amiga... (...) Não pode mais ficar com aquela pessoa...”* (F4PR101)

Há pais, contudo, que acreditam que nada de ruim acontecerá aos filhos, caso restrinjam sua liberdade.

*“... caso de drogas, essas coisas... Meu pai acha que com o filho dele, né?... nunca vai acontecer. (...) ... porque tá dentro de casa, não vai acontecer nada.”* (F4MA47)

#### Dilema 4: Liberdade autogerida ou dependência externa?

Muitos dos adolescentes perceberam-se como suficientemente responsáveis para enfrentar a vida, nessa idade, sem depender dos pais. Querem correr sozinhos os riscos a que estão expostos, mesmo que percebam limitações próprias, tais como incapacidade de reflexão prévia às ações, condição que os distingue das pessoas mais maduras. (Vide mais depoimentos, relativos a este tópico, na Tabela 4 do Anexo 3.) Leiamos:

*“... a maioria dos jovens faz as coisas e depois é que eles vão pensar no que eles fizeram. E os adultos não... os adultos já pensam antes... depois é que eles vão fazer, daí eles já sabem.”* (F5SI99)

*“... Tem gente que, na adolescência, já trabalha, tem uma responsabilidade, às vezes até... quando não tem o pai, uma coisa, é o chefe da família. (...) Sei lá, eu não estaria nem um pouco preparado, eu acho, prá assumir um compromisso desses.”* (M6CL38)

Contudo, limites internamente estabelecidos também podem garantir a prevenção a uma exposição aos riscos mencionados, tanto quanto os limites externos determinados pela família. Pode surgir, daí, o seguinte embate: liberdade autogerida *versus* dependência externa. Os excertos que seguem apresentam indicativos do primeiro item:

*“... muitas vezes, drogas, essas coisas assim (...) ... é tu que escolhe... os teus pais não têm nada a ver com isso.”* (F4CR14)

*“... se eu tô independente, eu tô independente, mas eu tenho que ver que tenho os meus limites... os meus e os de todo mundo. (...) Eu tô vivendo, e eu tô aprendendo. (...) Eu não posso querer ultrapassar e fazer o que eu não devo.” (F5VII12)*

Dilema 5: Necessidade de assistência paterna continuada e de diálogo com os pais

Verificou-se, até agora que, embora existindo, nos adolescentes, exigência de independização do controle paterno, também houve um consenso a respeito da necessidade de assistência paterna continuada, não somente do ponto de vista afetivo, como também objetivo, pois os pais são percebidos como protetores, acima de tudo. Comunicação eficiente com os pais surgiu como ponto relevante e necessário ao estabelecimento de relação pai-mãe/filho satisfatória, no presente dos participantes. Os adolescentes consideraram, porém, que se trata de elemento de difícil articulação, por obstáculos, resistências percebidas nas atitudes paternas, conforme exemplificado nos excertos que seguem: (Vide mais depoimentos, relativos a este tópico, na Tabela 5 do Anexo 3.)

*“... eles [pais] não conversam comigo, daí eu tenho que procurar alguém prá me abrir, prá falar...” (F1CA106)*

*“... a minha mãe tem o costume de dizer, né?: ‘É, tu não fala comigo’. É, mas ela não dá um espaço prá mim falar com ela...” (M2CL51)*

*“... muitas vezes os pais não se preocupam com o que tá acontecendo com o filho (...), que o filho tá amadurecendo, que ele não é mais uma criança, que ele já pode se abrir, que ele tem o direito de expressar o que tá sentindo.” (F4JU2)*

Na maioria dos casos, o diálogo depende exclusivamente da confiança que possa ser estabelecida entre o jovem e seus pais, conforme nos apresentam os depoimentos abaixo:

*“... o jovem se revolta, o pai fica nervoso, e aí começa aquela briga: o pai gritando, o filho gritando (...), e ninguém se entende mais. (...) A gente tem que ver que o pai tem que confiar no filho e o filho confiar no pai...” (F5VI67)*

*“... quando tá prá explodir... daí, quando não tem mais solução, daí eu falo [para os pais]. Não adianta... sozinho a gente não consegue resolver mesmo. Mas, a princípio, tudo eu não falo.” (M6CL73)*

A configuração comunicacional ideal, contudo, nem sempre é condizente com a realidade vivenciada em família, considerando-se, por exemplo, o que disse F5JU:

*“... se eu fosse mãe, se eu tivesse um filho, eu adoraria que a minha filha, o meu filho, viesse se abrir comigo, e não com os tios, tias, madrinhas, amigos. (...) Ser mais amiga...” (F5JU147)*

Dilema 6: Seguir ou não os conselhos e exemplos paternos?

Quando as mensagens dos pais denotam ambigüidade ou contradição, os filhos sentem-se desorientados, situação facilmente geradora de discussões familiares, daí surgindo outros tipos de ambivalência ao adolescente: Seguir ou não os conselhos e exemplos paternos, se muitas vezes são considerados negativos? Como confiar nos pais, se o próprio adolescente parece não conseguir interpretar-lhes adequadamente as atitudes? Como estabelecer diálogo eficiente, diante da desconfiança e da falta de desejo de seguir os conselhos dos pais? Tais questões parecem bem exemplificadas nos excertos que seguem: (Vide outros depoimentos, relativos a este tópico, na Tabela 6 do Anexo 3.)

*“... a gente não sabe com que humor eles [pais] vão chegar. (...) Tu te sente perdido, porque tu não sabe o que fazer, como fazer, e a hora que fazer.”*

*(MIRO94)*

*“... Às vezes tu não entende teus pais, porque eles falam assim (...): ‘Ah, tu só fica em casa, tu só vai na biblioteca, não sei o que... Tu precisa sair, ter amigos’. Daí, eu arranjo amigos, e aí, quando... ‘Ah, pai, eu posso sair?’... ‘Não, não pode, porque é perigoso... Vai estudar!’ (...) Aí, quando eu vou conversar: ‘Cala a boca, que eu quero olhar minha novela. Cala a boca, que eu quero olhar futebol’.” (F2JU11/20)*

*“... de um lado, o pai e a mãe são carrascos; do outro lado, seria melhor tu ficar em casa. então, não dá prá entender. Chega na tua cabeça uma confusão... mistura tudo.” (F4JU172)*

*“... Também tem pais que bebem, e chegam em casa e vão bater na mãe. (...) É a mesma coisa... [o filho] vai chegar na rua e vai bater no colega...” (M5JO75)*

Dilema 7: Estarão os pais interessados nas conversas dos filhos?

Como articular uma interlocução positiva com os pais, diante de tantos agravantes, se mesmo uma conversa sincera do filho parece suscitar-lhes medo e, em consequência, maior tendência a xingá-los e a depreciá-los do que a ouvi-los e aconselhá-los? Na verdade, os xingamentos, tidos como conselhos pelos pais, ao invés de serem percebidos como fatores de

comunicação entre ambos, foram considerados, pelos participantes, elementos de distanciamento. Em muitos casos, a percepção do desinteresse paterno em relação ao discurso do filho também pode inviabilizar a aproximação e o diálogo. Tudo isso pode ser verificado nos excertos que seguem: (Vide mais depoimentos, relativos a este tópico, na Tabela 7 do Anexo 3.)

*“... eu falo, ela [mãe] faz um escândalo, me prende. Daí sim, que eu não posso sair mesmo. (...) Não tem como falar...” (F1GR74)*

*“... a minha mãe aconselha a gente xingando, gritando (...) Eu tento me abrir com ela, (...) ela começa a xingar (...), e nem tá ligando mais pro que eu tô falando...” (F2SA54)*

*“... a família deve estar mais unida, naquela hora em que o filho cai... prá levantar ele... prá dar força, prá aconselhar, e não prá fazer mais... esculachar ele, ou falar assim... chamar ele de vagabundo.” (F4CR43)*

Embora os pais pareçam desinteressados pelas conversas dos filhos, contraditoriamente tentam intrometer-se demasiadamente em seu mundo, conforme indicado por depoimentos:

*“... os pais, eles se intrometem muito nas coisas que... que não dizem respeito a eles... apesar de eles ter que saber tudo o que acontece com os filhos deles, né? (...) Ela [mãe] é muito metida.” (F2DA76)*

*“... o meu pai, se ele vê meio à vista a minha agenda, ele gosta de dar uma olhadinha. (...) ... as minhas amigas não faz mal que leiam... tudo o que acontece eu conto. Mas o meu pai, ele é muito enxerido.” (F2SA80)*

#### Dilema 8: Aproximar-se ou não dos pais?

Percebeu-se que, além das tentativas frustradas de aproximação comunicacional com os pais, os jovens mostraram-se temerosos quanto a possíveis reações paternas negativas ao que for comunicado. Nota-se isso nos depoimentos que seguem: (Vide outros depoimentos, relativos a este tópico, na Tabela 8 do Anexo 3.)

*“A gente tem medo... como é que vai ser a reação deles.” (F1GR105)*

*“É difícil [falar com os pais], porque a gente tem medo, né?... medo que ele vá me bater.” (F4MA49)*

Por outro lado, também foi percebida grande dificuldade de aceitação, por parte dos adolescentes, de qualquer conselho paterno. A forma com que os pais se dirigem aos filhos,

sua sensibilidade às razões e sentimentos dos jovens, foram considerados elementos cruciais a uma aproximação ou a um afastamento entre ambos, conforme exemplificado nos excertos abaixo:

*“... conselho prá mim, bah, não adianta dar. (...) Eu sei que é pro meu bem... mas fica martelando... O jeito da pessoa falar eu sei que é muito importante.” (F2SA52/54)*

*“... Se tu aceita um conselho do pai, fala que tu tá seguindo as coisas de um adulto e tal, tu vai ser careta... antigo...” (M5JO133)*

Dilema 9: E agora, em quem confiar?

Percebeu-se que, uma vez inviabilizado o diálogo com os pais, permanece no jovem a necessidade de contar com alguém para desabafar. Uma alternativa viável é a de confiar em pessoas de fora do âmbito familiar nuclear, como parentes próximos, amigos, ou colegas, mesmo que a contragosto dos pais, conforme exemplificado nos depoimentos abaixo: (Vide mais excertos de depoimentos, relativos a este tópico, na Tabela 9 do Anexo 3.)

*“Muitas vezes a gente procura outra pessoa prá falar, se abrir, assim, com amigos, ou um tio, uma tia (...) ovelha-negra da família. (...) E o meu pai não quis que eu tivesse um relacionamento mais próximo com ela [tia-ovelha-negra], por causa disso. (...) Achou que ela era um exemplo muito mau prá mim...” (FICA106)*

*“... a gente vai se abrir com um amigo... (...) Amigo verdadeiro é claro que repreende a gente, né? Mas daí ele vai concordar com a gente, mesmo se a gente tá errado. Mas o pai... o pai e a mãe não.” (F2SA66)*

Teoricamente, os pares parecem ser ouvintes ideais, pois situam-se na mesma geração e possuem a mesma linguagem, talvez tendo passado até por situações semelhantes. Neste caso, a possibilidade de escuta e de compreensão tende a ser maior, como o exemplo seguinte:

*“... a gente acha, assim, melhor, mais confortável prá nós, se abrir com um amigo, com um adolescente da nossa idade, que parece (...) que ele vai entender melhor a gente...” (F5JU125)*

Deve haver, contudo, segundo os adolescentes, apurado cuidado na escolha de um ouvinte confiável, dentre tais pessoas. Porém, na falta de confiança do jovem em qualquer uma dessas alternativas de diálogo, podem apresentar-se outras possibilidades, como a descrita por F4CR:

*“Eu já não sou de me abrir, assim, com uma amiga. Eu falo prá minha mãe, e muitas coisas que eu não consigo, eu coloco no papel. (...) É uma forma de desabafar. (...) Ele não vai poder contar prá ninguém.” (F4CR51)*

Ao refletirem, porém, sobre a situação de busca por diálogo com seus pares, os jovens constataram que a confiança ali pode ser tão ou mais frágil de que em casa, conforme exemplificam os excertos abaixo:

*“É errado ter confiança... Um dia tu fala uma coisa... as pessoas falam prá todo mundo.” (F4JU55)*

*“... A gente não pode, sei lá, sentar num grupo e começar a desabafar... A gente prefere guardar tudo prá gente.” (M4AL57)*

*“... eu não sou tão aberta... porque eu já me decepcionei muito, muito, com as pessoas que eu tentei me abrir... e me dei mal.” (F4PR88)*

O risco percebido desta vez é o de que o jovem agora poderá encontrar-se exposto, em meio a seus próprios pares, exatamente aos perigos dos quais seus pais tentavam protegê-lo. Isso ocorre devido às influências ou pressões que seu grupo pode exercer sobre eles, obrigando-os a encarar desafios considerados negativos, tais como o uso de drogas e álcool, por exemplo, como espécie de antídoto a possíveis discriminações. Isso pode ser verificado nos excertos que seguem:

*“... tem aqueles amigos que levam pro... pro mau caminho (...), mas tem aqueles que ajudam.” (F5VI67)*

*“... imagina tu numa festa... Bah, todo mundo animado, e tal. (...) Muita gente tá lá, fumando [alguma droga]... sei lá... Só... só tu tá fora daquele grupo... Tu fica meio assim... Não ia sentir uma vontade de experimentar?... Sei lá... acho que sim.” (M6CL156)*

Dilema 10: É necessária uma educação diferenciada para gurus e gurias?

As atitudes restritivas paternas, muitas delas percebidas como baseadas em falta de confiança nos filhos, também são determinadas na forma com que os pais compreendem os filhos, de acordo com o gênero. Os meninos são considerados mais responsáveis, sabendo, portanto, cuidar-se, o que lhes permite maior liberdade de trânsito e de ações. Já as meninas são tidas como mais frágeis, logo mais expostas aos perigos que o mundo apresenta, exigindo, por isso, maior restrição de seu trânsito (principalmente à noite) e de manutenção de amizades.

Os depoimentos abaixo trazem uma idéia de tal percepção: (Vide outros depoimentos, relativos a este tópico, na Tabela 10 do Anexo 3.)

*“... os pais acham, assim, que os gurus, assim, conseguem se defender... sair de noite, né?... E as gurias não (...), tem que sair sempre junto, assim... Essa história de ser mais forte e as gurias mais frágeis.” (F3RO74)*

*“... eles [pais] acham que os gurus são mais responsáveis do que as gurias (...), fazem menos besteira.” (M4RI160)*

Essa visão determina uma diferenciação na educação paterna dirigida a meninos e meninas, amplamente embasada na sexualidade e suas conseqüências, surgidas com vigor, nessa fase. Alguns participantes exemplificam bem tal diferenciação:

*“... os gurus sempre têm mais liberdade... As gurias... têm sempre aquele receio de engravidar...” (MIRO30)*

*“... geralmente essas gurias que engravidam... as gurias são umas sem-vergonhas, não prestam, só... mas os caras são muito machos (...), prá cima... (...) É sempre assim...” (F5SI87)*

Nos raros casos em que é permitida a saída da filha adolescente à noite, não transparece nenhuma prova de confiança da parte dos pais, pois é exigido, no caso, o acompanhamento de um irmão ou de pessoa confiável. Percebe-se tal possibilidade em depoimentos:

*“Todo o lugar que eu tenho que sair, eu tenho que levar o irmão junto (...) tipo um guarda-costas...” (FIGR10)*

*“... aí, eles [pais] falam assim [ao menino]: ‘Sai com a tua irmã, prá ir no mercado... Vai junto com ela. (...) Tu é o homem da casa!’ (F2SA28)*

No caso dos meninos foi percebida atitude paterna mais liberal (principalmente do pai) em relação à perda da virgindade no período adolescente, além de valorização quanto à quantidade de conquistas amorosas, porém sem muita cobrança sobre a responsabilidade por eventual gravidez. A maior preocupação dos progenitores com eles parece residir apenas na possibilidade do uso de drogas:

*“... é o pai da gente quem mais incentiva, nesse caso de garotas(...): ‘Pô... o meu filho, se não me sair com uma garota lá, ele é marica’. (...) A única coisa que ele não incentiva é as drogas... sempre quer a gente longe...” (MINI68)*

*“E o guri não engravida, né?” (M4AL161)*

Já no caso das meninas, embora situadas no mesmo contexto, a prerrogativa de poder engravidar determina a proibição paterna de que possam sair à noite. Assim, ao contrário do que ocorre com os meninos, a virgindade das meninas é muito valorizada, como garantia contra a gravidez, que também pode provocar comentários maldosos de pessoas do âmbito extrafamiliar. Tal quadro é bem demonstrado nos depoimentos que seguem:

*“... a mentalidade dela [mãe] é assim (...): a gente vai começar a namorar o cara (...), ela diz que a primeira coisa que a gente vai pensar é em ir prá cama com o cara...”*  
(FISI55)

*“... os pais têm muito medo da filha transar. (...) Eles têm medo do nome deles, na vizinhança. (...) eles têm medo de serem apontados na rua...”* (FICA57)

*“... a guria vai ficar muito mais mal falada do que o guri... Porque o guri engravidou, o guri é porrudo (...), e a guria que engravidou é uma chinelona... é uma puta.”*  
(M4AL165/167)

As participantes, contudo, embora contestando tal postura dos pais, informaram existir casos de gravidez indesejada ou mesmo intencional entre suas colegas. Segundo as jovens, geralmente trata-se de situações em que a menina investe numa gravidez precoce como alternativa, nem sempre bem sucedida, por busca de liberdade, conforme depoimento de F5JU:

*“... algumas adolescentes engravidam, prá sair logo de casa... prá se livrar logo. (...) Porque cria aquela revolta, então elas querem se livrar logo dos pais... sair de casa... não precisar mais depender dos pais...”* (F5JU86)

Por outro lado, considerando-se que uma gravidez precoce dificilmente seria assumida pelo menino responsável, fica a situação totalmente ao encargo da menina e de sua família. Salientou-se, aqui, mais uma vez, a grande diferença de atitudes dos pais em relação aos diferenciais de liberdade a serem atribuídos quanto ao sexo dos filhos, como exemplificado nos excertos que seguem:

*“... a gente pode engravidar... Os guris às vezes não assumem, né?... geralmente ninguém... nenhum assume que o filho é dele.”* (FILO65)

*“... tem vezes que o cara dá no pé (...), e ela fica na rua... não tem prá onde ir... e tem que continuar com os pais.”* (F5JU86)

Notou-se também que algumas das participantes pareceram colocar-se nessa posição de fragilidade, apregoada pela família, por meio da constatação de que os meninos dispõem de

um certo poder (ou vantagem) sobre o relacionamento sexual em si, como no caso do depoimento abaixo:

*“... às vezes a guria é uma santinha, é um anjinho, e o guri foi lá, e conseguiu conquistar ela, e ela tá se ralando agora, com uma barriga, lá...” (F4JU168)*

Diante do temor dos pais de que sua filha adolescente engravide, mesmo uma amizade entre ambos os sexos muitas vezes não é permitida, pelo risco de tornar-se uma relação demasiado íntima, com conseqüências imprevisíveis, tal como exemplificado nos excertos que seguem:

*“No telefone também [o pai] fica virado, quando é um guri que liga prá mim... querendo falar comigo.” (F3DK37)*

*“... também tem aquela velha história, né?... ‘Guria não pode ser amiga de guri. (...) Tudo que é homem é cafajeste’.” (F4PR99)*

*“ Eu tinha um amigo. (...) Eu adorava ele... Sempre que eu tinha um problema, eu falava, assim, prá ele, né?... por cima... Daí, minha mãe começou, né?... ‘É... porque não sei o que... É homem... Depois, as vizinhas te vêem com ele... depois começa aquela coisa...’” (F4AN100)*

#### Dilema 11: Sexo: pais e filhos desinformados e envergonhados

Embora a virgindade feminina e uma gravidez precoce sejam determinantes das atitudes paternas restritivas às adolescentes, percebeu-se que não há praticamente nenhum tipo de informação sexual da parte dos pais para com os filhos, sejam meninos ou meninas. Os pais, na maioria dos casos, foram percebidos como desinformados ou mesmo envergonhados, quanto à abordagem de assuntos sexuais com os filhos. Cria-se, assim, um novo impasse: Se o diálogo com os pais é difícil (ou mesmo impossível), e se são assim percebidos, como articular recursos em termos de liberdade de trânsito e de prevenção contra riscos, especialmente para as meninas? Nota-se tal situação nos excertos que seguem: (Vide mais depoimentos, relativos a este tópico, na Tabela 11 do Anexo 3.)

*“... ela [mãe] tem muita vergonha, também... sei lá... de falar prá gente o que é sexo... ou algumas coisas que a gente tem que evitar...” (FILO65)*

*“... eu não tenho como falar com a minha mãe... (...) Tudo o que eu sei, aprendi na escola... ou aprendi com as minhas amigas... ou na aula de ciências... ou em livros e revistas. (...) Ela [mãe] não ia me responder... ou ela ia enrolar... ou ela ia rir... ou ela*

*ia sair. (...) Quando passa alguma coisa [sobre sexo] na TV, assim, ela dá um jeito de mudar de canal... ou então ela sai (...) Eu acho que eles [pais] já não falam sobre isso [sexo] com a gente, com medo que a gente faça.” (F1CA66)*

*“... tem filmes que se fala... bah... proibidos para menores de dezoito anos, né?... Mas bah... tem coisas ali... que muitas vezes assim... que os livros nem falam... que (...) te dá um monte de curiosidade, assim... que tu já tem um monte de curiosidade de perguntar prá alguém... coisa assim.” (M6CL175)*

Esta situação torna-se ainda mais difícil se considerarmos que os filhos adolescentes também parecem sentir-se envergonhados ou amedrontados para tomar a iniciativa de informar-se junto aos pais, como indicado no excerto abaixo:

*“... eu não sou muito de conversar com a minha mãe, assim... Ela é meio atrasada... (...) Daí, ela pensa que eu não preciso estar conversando essas coisas [sexo] com ela... que eu tenho que me virar...” (F3GI49)*

*“Que nem no meu caso, eu até tenho liberdade de perguntar, normal, só que eu já não.... quanto a isso, eu já não pergunto. Sei lá... eu já... eu prefiro encontrar outras formas, sei lá, algum livro até, ou uma coisa assim...” (M6CL171)*

Percebeu-se que a liberdade e o incentivo paterno aos meninos, para descobrirem a vida sexual prática, mesmo como no caso do participante cujo depoimento se segue, não é acessível oficialmente às meninas.

*“... lá em casa, pô (...), onze, doze anos aí... bah... falar, o meu pai não falava... mas tá lá... assinatura de revista... Playboy ou coisa assim, né?... bah... chegava todo mês... Fita pornô mesmo, ele... bah... botava na minha mão... Fazia coleção de fita. (...) Não tinha essa liberdade de falar, mesmo... (...) Pois eu acho que essa foi a melhor forma que ele achou, assim, de explicar...” (M6CL159)*

Como resultado, notou-se também que a mínima busca de informações sexuais por parte das meninas pode ser interpretada pelos pais como um desejo de iniciar-se na vida sexual, conforme exemplificado no excerto abaixo:

*“Se a gente vai perguntar, assim, prá mãe, sobre esses assuntos [sexuais], ela já vai achar que a gente tá tendo relações... ou querendo ter... Daí, elas [mães] já não falam... já começam a aumentar o tom...” (F1GR69)*

Tal impasse determina um formato rígido à situação pois, aparentemente sem recursos, os pais optam por restringir suas filhas unicamente ao contexto domiciliar (e escolar, no

máximo), durante a fase adolescente, embora elas permaneçam ávidas por liberdade e por informações, conforme já foi visto. O depoimento de F1GR bem exemplifica tal restrição:

*“A minha mãe também disse que eu posso namorar depois dos quinze... mas agora (...), ela tá querendo mudar... passar pros dezoito. (...) Eu vou ter que dar um jeito de conversar com ela (...), dizer tudo prá ela... do que eu penso... do que eu sinto...”*  
(F1GR115)

Houve, nos grupos, interpretações de que tais atitudes dos pais eram formas de mantê-las na infância, o máximo de tempo possível, conforme descrito nos excertos que seguem:

*“... brincar... conversar bastante... rir bastante... Agora, prá essas coisas assim, meus pais são liberais. (...) Prá namorar... já não... Eles pensam que tudo tem o seu tempo... que eu tenho muita coisa prá viver, ainda... prá daí sim namorar.”* (F3AN46)

*“... [referindo-se ao que seus pais diriam, se quisesse namorar] ‘Que namorar?... Vai brincar de ursinho no quarto, guria!’”* (F3DS64)

Dilema 12: Papéis familiares: gurias “donas-de-casa” e guris “protetores”

Uma vez relegadas quase que exclusivamente ao âmbito doméstico, as meninas passam a vivenciar outras determinações familiares, especificadas também por uma definição de papéis segundo o gênero dos filhos, e não apenas baseadas na manutenção da virgindade. Nesse contexto, são-lhes exigidas as funções básicas de uma dona-de-casa tradicional, tais como auxílio (ou exclusividade) nas tarefas domésticas, nos cuidados com os irmãos mais jovens, e no atendimento objetivo (às vezes com certa submissão) aos “homens da casa”. Tal realidade é exemplificada nos excertos que seguem: (Vide outros depoimentos, relativos a este tópico, na Tabela 12 do Anexo 3.)

*“Eles [pais] dizem: ‘Ah... porque tu é a moça da casa’.”* (F2SA23)

*“... [reproduzindo uma ordem do irmão] ‘Teu serviço é vir aqui... me tratar!’ (...) Ai, eu tenho que ir... Se eu não for, ele me xinga...”* (F3AN82)

*“É... guria dentro de casa é empregada.”* (F3GI85)

*“... ele [irmão] fala assim: ‘Guria tem que esquentar a barriga no fogão, e esfriar no tanque!’”* (F3AN87)

Já os meninos, por sua vez, devem desenvolver suas características de “protetores”, através de uma exigência familiar de que sejam “machos”. Em virtude disso, as tarefas domésticas raramente lhes são exigidas.

*“... o guri [irmão] nunca faz nada... O que ele sabe fazer é olhar TV, ir prá escola, comer, e dormir. (...) ‘Vai fazer a comida pro teu irmão... ele trabalhou o dia inteiro’ [referindo-se a uma ordem do pai]...” (F2JU22)*

*“... desde pequeno, o guri, assim, desenvolve aquele lado assim... de machão, né?... O pai fala: ‘Ó... te machucou?... Tu não pode chorar, né?... Tem que ser machão... Tem que ser forte...’” (F3RO76)*

Como consequência da discriminação de que são vítimas, as adolescentes alegaram experimentar, especialmente em comparação com os meninos, sentimentos de menos-valia no âmbito familiar, conforme exemplificado nos excertos que seguem:

*“... quem tem vontade sempre é o homem, sabe?... Nada a mulher... nunca pode nada...” (F1GR36)*

*“... daí eu falo [aos pais]: ‘Por que ele [irmão] não pode ajudar? Ele também é filho!... Ele é filho igual a eu!’... Daí, eles [pais]: ‘Ah, mas tu é a moça da casa’...” (F2SA28)*

*“... parece que a gente [meninas] não tem importância...” (F2SA37)*

*“... [referindo-se ao fato de ter que servir ao irmão, em casa] Eu agora já fui acostumada assim... eu já tô acostumada...” (F3GI94)*

*“... às vezes eu até falo pro pai: ‘É... eu devia ter nascido homem!’... Poder sair... fazer o que quiser... beber... que não tinha problema.” (F3SA75)*

*“Mas a gente não vai fazer as coisas quando eles [irmãos] mandam. (...) Antes que eles comecem a incomodar, a gente já vai lá, e faz de uma vez... prá eles parar.” (F3AN98)*

Em contraste a essa situação, falas expressaram sentimentos de indignação, diante da acomodação de colegas a este tipo de situação, como bem expresso no depoimento abaixo:

*“... eu não faço o que meu irmão pede... Ué, quer fazer?... Levanta a bunda da cadeira, vai lá, e faz! (...) Ele [irmão] se vira... É homem prá isso... Tem que aprender a fazer as coisas...” (F3DS91/93)*

Diante desse quadro, contudo, uma alternativa possível às meninas é a de subverter as restrições paternas, mentindo ou omitindo a verdade aos pais, nas raras ocasiões em que conseguem ficar fora de casa, principalmente à noite, experimentando um mínimo de liberdade objetiva. Os excertos abaixo exemplificam tais circunstâncias:

*“... minha mãe não deixa eu sair, mas eu sempre dou uma escapadinha. (...) Se eu quisesse já ter experimentado qualquer droga... qualquer coisa assim... eu podia...” (F1GR78)*

*“... eu não posso ir a lugar nenhum... Posso ir apenas posar na casa da minha amiga... Só que a minha mãe não sabe que a gente vai nas festas. (...) Dá prá escapar... mas não demais, né?” (F3DS136/138)*

Por outro lado, este tipo de comportamento foi percebido, pelas próprias adolescentes, como facilitador de uma maior exposição aos riscos referidos. Além disso, pode ser o causador da perda de confiança paterna nos filhos, quadro considerado pelas participantes como de difícil reversão. Desta vez, o dilema constrói-se com a seguinte base: Resignar-se (ou acomodar-se) ao contexto restritivo, ou arriscar sua própria segurança, além da confiança dos pais, com base numa espécie de *habeas corpus* ilegítimo?

*“... muita gente mente. (...) Os pais podem perder a confiança. Eu não vou dizer que eu não fiz...” (F2SA8)*

*“... depois que aprontou uma vez... o pai e a mãe não vão ter a mesma confiança. (...) Mudou tudo...” (F4PA119)*

### Dilema 13: Percepções sobre o contexto escolar

Já no âmbito escolar a situação modifica-se ligeiramente. Os participantes constataram que hoje há uma maior liberdade na escola do que antigamente, embora ainda não seja considerada suficiente, conforme exemplificam os depoimentos abaixo: (Vide mais depoimentos, relativos a este tópico, na Tabela 13 do Anexo 3.)

*“... se não quisessem que tivesse liberdade nas escolas, não teria o recreio... ficaria só naquela sala ali, sentado... escutando... escutando... escutando... escutando.(...) Muitas vezes a gente escuta... escuta... escuta... e não aprende nada.” (FISA143)*

*“São poucas as aulas que têm aquela liberdade, assim.” (F1RO145)*

*“... agora tem muito mais liberdade do que antes... mas não tanto. (...) Antes (...), não tinha a oportunidade de falar como a gente tá falando, assim... não tinha.” (F1RO148)*

Nesse ambiente extrafamiliar permanece no jovem a necessidade de novos estímulos, prerrogativa da fase adolescente, conforme disse M1N1:

*“... a gente quer ter atividades diferentes... diferentes coisas... conhecer... Quanto mais diferente, melhor... A gente não quer estar sempre preso ali... ficar ali...” (M1N120)*

Entretanto, os participantes perceberam que, mesmo ali, muitas vezes, o aluno não responde ao que lhe é oferecido, numa demonstração de desinteresse, situação exemplificada por F1JU:

*“Só que às vezes é proposta atividade diferente, e a maioria não faz.” (F1JU194)*

Nesse novo contexto, e situados longe da vigilância paterna, os adolescentes perceberam encontrar-se por sua própria conta, situação que lhes exige muita responsabilidade. Tal percepção foi demonstrada pelos depoimentos que seguem:

*“... [na escola] tu projeta o teu caminho, né?... Sem o pulso de ninguém.” (M1AL198)*

*“Em casa, tu tem que fazer, porque o pai: ‘Não... tu vai fazer... tu vai fazer.’... E no colégio não... Só se tem um professor muito carrasco, né?” (F1JU200)*

Além disso, o acesso a determinado tipo de informação, como educação sexual, por exemplo, pode ser facilmente atingido, principalmente pelas meninas, suprimindo em parte a carência verificada no contexto familiar, como demonstram os excertos abaixo:

*“... Tudo o que eu sei [sobre sexo], aprendi na escola... ou aprendi com as minhas amigas... ou na aula de ciências... ou em livros e revistas...” (F1CA66)*

*“... ele [pai] falando que, na cabeça dele (...), que o certinho [sobre sexo]... o ali... tudo na linha... o que precisa, a escola ensina... vai na ciência...” (M6CL159)*

Contudo, mesmo na escola, a necessidade de limites parece ser uma exigência quase unânime dos participantes. E ali pode surgir também a oportunidade de que o jovem venha a desenvolver seus próprios limites internos. A questão daí surgida é a seguinte: Se o jovem necessita de limites também na escola, como estabelecê-los diante das demandas específicas dessa fase, já referidas anteriormente, além dos dilemas daí decorrentes? Os participantes M5 e M6 exemplificam tal necessidade:

*“O jovem tem que impor seus próprios limites, dentro da sala.” (M5RO56)*

*“Ninguém consegue aprender, se não tem limites.” (M6VA101)*

Dilema 14: Percepções sobre a figura do professor: admiração *versus* desprezo

Quanto aos professores, caso sejam autoritários e muito exigentes, são desobedecidos e até desrespeitados pelos alunos, conforme exemplificado pelos excertos que seguem: (Vide outros depoimentos, relativos a este tópico, na Tabela 14 do Anexo 3.)

*“... Se tem um professor lá, que sempre tá em cima da gente, lá, a gente pega e sai da sala... sai... foge dele... faz tudo errado... Tudo o que ele não gosta, a gente faz.” (MINI117)*

*“... A gente não pode botar a culpa só no aluno, porque existem aqueles professores que abusam da autoridade que eles têm de professor... e xingam como se a gente fosse filhos dele.” (F5VI52)*

*“... tem aqueles alunos que não respeitam o professor, na sala de aula. (...) Existem muitos alunos que batem boca, né?... com os professores... (F5VI52)*

*“Eu acho que adolescente nenhum gosta, assim, de ter... de ser muito mandado... principalmente pelo professor... porque ele gosta de ter a liberdade dele.” (F5CA53)*

*“... antes, o professor é que poderia dizer se os alunos tavam fazendo certo, ou se tava fazendo errado... Agora, eles ficam lá... na sala deles...” (M6RS121)*

Na percepção dos participantes, conforme já visto, um adolescente exige, por suas características, atividades diferentes e motivadoras. Assim, um professor mais criativo e liberal, e que mantenha uma posição mais equitativa em relação ao aluno, tende a conseguir mais facilmente sua participação, embora alguns participantes considerassem que muitas vezes isso também não os motive o suficiente. Tal percepção foi identificada nos excertos que seguem:

*“Quando a gente tem a liberdade de fazer alguma coisa, a gente sempre faz. (...) Tem uma professora de História que dá bastante liberdade prá gente se expor... e a gente se expõe bastante... (MINI117)*

*“Se os professores chegam atrasados, às vezes tem os problemas deles, né?... Então a gente tem que levar em consideração. (...) Mas, se a gente chegar atrasado... Meu Deus, né?... Aí não pode. (...) Agora, eles não pensam nada assim (...), a história de ser igual, né?... O professor ser igual ao aluno, assim.” (F1RO142)*

*“Só que às vezes é proposta atividade diferente, e a maioria não faz.” (F1JU194)*

Por fim, ao relacionar-se a percepção desses jovens, a respeito de seus educadores, na família e fora dela, pode-se supor que se mantenha o mesmo tipo de dilema anteriormente constatado: Por um lado, o jovem tende a não confiar nas pessoas adultas a seu redor, considerando que seu tempo já passou (como ocorre em relação a seus pais). Por outro lado, permanece nos jovens, também na escola, uma expectativa de relação confiável e satisfatória com relação aos educadores.

### Interpretação fenomenológica

Durante o processo investigativo, cada um dos três passos - descrição, redução e interpretação - incluiu os outros dois, característica do método fenomenológico. Na descrição buscou-se salientar as temáticas recorrentes nos discursos dos participantes, mantendo-se a fidelidade das falas, além de uma suspensão de julgamentos da parte do pesquisador. Na redução fenomenológica tratou-se de reorganizar o texto da descrição, amplificando os dilemas emergentes, visando ressaltar os elementos relevantes, necessários ao atendimento das questões de pesquisa. Nessa fase, foram salientados os dilemas e questionamentos surgidos através da percepção dos participantes. Por fim, a interpretação fenomenológica teve, como objetivo, revelar os significados implícitos na redução, trazendo as visões de mundo dos sujeitos adolescentes, em contraste com a visão de mundo do pesquisador e da literatura relacionada (Gomes, 1997; Lanigan, 1988).

O confronto entre a descrição e a redução mostrou que as falas dos adolescentes apresentaram interessantes movimentos cíclicos, situados entre momentos de contestação quase radical dos parâmetros educacionais familiares, intercalados com outros de compreensão das atitudes paternas. Os pais ora foram tidos como ultrapassados, dotados de um pensamento anacrônico, ora percebidos como protetores e compreensivos. Todavia, notou-se que através desses movimentos, por onde transitavam suas vivências, os jovens empreendiam uma busca de quem os acompanhasse a caminho da desejada autonomia, direcionamento a ser facilitado por uma crescente liberdade de trânsito a outros contextos que não o ambiente familiar. A idéia central, base inicial de tais ciclos, refere-se aos movimentos de abrir mão da segurança familiar (passado) e ir de encontro a outras possibilidades experienciais (futuro). Tal trajetória, porém, é geradora de inseguranças, que motivam o jovem a tentar compreender ou mesmo a desenvolver uma relativa aceitação do controle paterno, por meio de resignação ou acomodação ao ambiente familiar, re-alimentando, assim, o próprio ciclo. É como se andassem às voltas, tentando encontrar uma maturidade já determinada. A expressão dos adolescentes, embora apresentada em diferentes grupos, bem demonstrou a similitude de pensamento daqueles jovens, nessa etapa da vida. Tanto isso ocorreu, que, mesmo alternando-se as falas dos diferentes grupos, obtém-se uma interlocução lógica, em termos de continuidade e de sentido.

Os movimentos de expressão e de reflexão dos adolescentes, durante as conversas, serão analisados em dois blocos distintos: 1) Movimentos circulares nos discursos dos adolescentes participantes, e 2) A reflexividade dos *selves* participantes. O primeiro item apresenta uma síntese das temáticas salientadas na redução, buscando ressituar o leitor no contexto investigativo, enquanto que a análise interpretativa do item 2 tem como base as formulações de Wiley (1996). O desmembramento da análise é apenas didático, uma vez que ambos os movimentos encontram-se imbricados nos conteúdos dos discursos dos jovens.

#### Movimentos circulares nos discursos dos adolescentes participantes

A experiência adolescente dos participantes foi caracterizada como uma fase de transformações, que lhes exige autonomia e independência. Tais transformações podem ser facilitadas quando dispõem de liberdade de movimentos. Isso geralmente não ocorre, em vista das limitações paternas. Na percepção dos filhos, tais restrições são embasadas em fatos tais como histórico familiar, preservação do nome da família na comunidade e veiculações de notícias violentas pela mídia. No entanto, os jovens crêem não serem motivos viáveis à adoção de medidas restritivas. Cientes, porém, dos riscos a que se submetem, em vista de se dirigirem ao âmbito extrafamiliar, percebem-se temerosos e ainda carentes de alguém que os proporcione segurança e proteção. Buscam a liberdade, mas necessitam de limites, numa experiência pendular que os desorienta, quando, na verdade, há uma exigência de equilíbrio, nessa fase, segundo Erikson (1989). Percebem, também, a insegurança de seus pais, que soam-lhes ambivalentes e contraditórios, em várias ocasiões.

A liberdade, enquanto possibilidade de novas vivências, e os limites, enquanto proteção preventiva de riscos, também podem representar provas de afeição dos pais. A restrição de liberdade, percebida como uma garantia para a tranquilidade paterna, quando em excesso, prejudica o exercício da autonomia do jovem. Em contrapartida, deparando-se com níveis de liberdade a que não está ainda familiarizado, resta ao adolescente buscar desenvolver limites internos, considerados imprescindíveis. No entanto, tal operação é dificultada pela percepção de suas próprias limitações estruturais, relacionadas à falta de maturidade. O jovem, neste caso, tenta autogerir-se sem os elementos necessários ao empreendimento. Em outras palavras, tenta quebrar o ciclo, sem obter êxito.

O diálogo surgiu como uma solução idealizada para fazer face ao conflito. Contudo, uma interlocução com o pai e/ou a mãe é elemento de difícil articulação, por várias razões,

dentre elas: divergências de pensamentos pela diferença de gerações; atitudes ambíguas ou contraditórias de ambas as partes; falta de confiança mútua; interpretação incorreta dos pais com relação aos anseios dos filhos; excessiva intromissão e controle ou total desinteresse e agressividade dos pais; e prevenção dos filhos a possíveis reações dos pais frente a seus desabafos e questionamentos.

Os mesmos tipos de dificuldades podem também ocorrer no ambiente escolar, entre professores e alunos, conforme verificado adiante. Dessa forma, o diálogo, que idealisticamente solucionaria tais conflitos, acaba afastando ainda mais os filhos de seus pais. Surge, nesse ciclo de busca do jovem pela compreensão (ou no mínimo pela escuta) de outro, a alternativa de direcionar-se ao âmbito extrafamiliar, principalmente ao grupo de pares. No entanto, a falta de confiança plena nos amigos, além do risco de contar com alguém ainda em processo adolescente, são novos fatores que podem comprometer tal possibilidade. O meio eminentemente adolescente expõe o jovem a situações de risco - uso de drogas, sexo precoce e desprotegido, e violências - das quais estava protegido pelos limites familiares. A pressão familiar é então substituída pelas exigências do grupo extrafamiliar. Diante desse impasse, e com sua liberdade novamente restringida, o jovem sente comprometida sua autonomia, passando a redirecionar sua busca ao ambiente familiar, através de uma espécie de retorno implementado pela atitude reflexiva.

Percebeu-se, nessa retomada, que a reflexividade dos adolescentes subsidia-se na construção de nova idealização do contexto familiar, através de uma tentativa de compreensão (ou de justificação) do processo educativo ali ocorrente. O próprio fluxo das conversas dos adolescentes simbolizou tal situação. Em alguns momentos situavam-se como contestadores e críticos da educação familiar, defendendo a idealizada liberdade fora de casa, mesmo não compreendendo, muitas vezes, seu próprio posicionamento: *“Eu quero ser rebelde, às vezes, né?... Às vezes, como uma moda, assim, sabe?...”* (M2CL53), ou *“... quanto mais a minha mãe me prende, mais eu faço.”* (F5CA3).

Ao imaginarem-se, porém, no contexto extrafamiliar, especialmente na circunscrição de sua comunidade, os participantes conseguiam perceber os perigos e pressões que ali poderiam surgir. Tais elementos, embora diferentes em formato e objetivos, poderiam imputar-lhes limitações semelhantes ou maiores do que as familiares, além de riscos específicos: *“Hoje em dia tá difícil sair... porque assim, em qualquer esquina tem um bolinho*

*parado, na esquina, pronto prá fazer alguma coisa prá ti...*” (F2SA8), ou “... se tu não morre viciado, te matam, te dão um tiro, te dão uma facada.” (F4JU81)

O ciclo assim constituído é vivenciado objetivamente pelos meninos, por possuírem maior liberdade de circulação no âmbito extrafamiliar. Já as meninas, por contingências antes salientadas, perceberam-se prejudicadas no âmbito experiencial, embora a nível reflexivo antecipassem as mesmas conseqüências. Encontrou-se aí outro item de relevância ao estudo, que, embora não sendo característico apenas dessa população, mostrou-se acompanhado de elementos peculiares ao contexto dos participantes: a diferenciação de níveis de liberdade para meninos e meninas. Um determinante muito significativo para o estabelecimento de limites paternos diferenciados de acordo com o gênero dos filhos, situou-se na prerrogativa exclusivamente feminina de engravidar.

As meninas são consideradas pelos pais como desprotegidas e, por isso, necessitam ser mais limitadas em seu trânsito vivencial. Gravidez precoce poderia trazer, em conseqüência, tanto manifestações maledicentes da comunidade, como transtornos quanto aos cuidados da criança, com a exclusiva responsabilidade da mãe adolescente e de sua família. Há a idéia de que os meninos envolvidos tendem a não assumir tal responsabilidade, o que até certo ponto desfruta de melhor aceitação na comunidade do que a gravidez da menina.

Por um lado, há a idéia de que os meninos são mais fortes e que devem desenvolver-se como protetores, sendo considerado como único risco o envolvimento com drogas. Além disso, são incentivados pelos pais (principalmente pelo pai), desde cedo, a tornarem-se “machos”, a “aproveitarem a vida”, exercendo plenamente a sexualidade. Contraditoriamente, porém, sua maior liberdade de trânsito, e portanto de experientiação, tem repercutido, dentre outras coisas, numa certa desobrigação por seus atos, conforme exemplificado por M2DI43: “... aquela história assim: ‘Se minha filha perdeu a virgindade... Nossa Senhora!... é pau na hora!’ (...) Se ele [filho] transou com uma guria... Bah... méritos prá ele, né... mais uma!”.

Os assuntos sexuais praticamente não são tratados nem pelos pais, nem pelos filhos, reduzindo-se apenas aos limites determinados pelo risco de engravidar, prevenido pela manutenção da virgindade. Os grandes impeditivos ao diálogo, aqui, são basicamente a vergonha ou mesmo a desinformação de ambas as partes, pais e filhos. Tais assuntos, caso sejam ventilados pelos jovens, podem trazer retaliações ou, no mínimo, negação por parte dos pais. Uma vez que a extensão máxima dessa redução de trânsito às meninas limita-se ao

ambiente escolar, ali parece ser local de disponibilização de maiores informações sexuais, pelo menos teóricas, que podem suprir, em parte, a curiosidade das adolescentes.

Aquelas meninas, assim relegadas quase que exclusivamente ao contexto doméstico, obrigam-se a aprender a “servir” precocemente às demais pessoas da casa, principalmente aos homens, para os quais não há exigência de colaboração a nível doméstico. As meninas, que também buscam autonomia e independência, sentem-se injustiçadas por essa configuração, que ocasiona conflitos familiares importantes, confirmando as conclusões de Laursen e Koplas (1995). As limitações impostas pela família às meninas podem conduzir algumas delas a uma nova situação cíclica, implementada agora pela possibilidade de burlar a vigilância paterna, através de mentiras ou omissões.

Assim procedendo, porém, as próprias jovens conscientizaram-se de que passariam a expor-se a riscos de outros ambientes, além de perder a pouca confiança dos pais (com quase impossível reversão), situação que desembocaria numa maior restrição de liberdade, alimentando, assim, o próprio ciclo.

O ambiente escolar, por sua vez, embora disponibilize uma experiência mais liberal às meninas, também pode reproduzir um contexto de limitações semelhantes ao da família, determinadas agora pela direção e professores. A idealização dos jovens transpareceu na expectativa por professores liberais, criativos e compreensivos, em quem pudessem confiar. Novamente a busca por alguém, com quem o adolescente possa compartilhar suas vivências e angústias, sem julgamentos, apresentou-se como uma necessidade, principalmente em meio às meninas. A escola parece, então, servir como um campo neutro por onde as meninas transitam com maior desenvoltura, e livres, até certo ponto, tanto da vigilância excessiva dos pais, quanto dos riscos inerentes a outros contextos. Um exemplo disso foi demonstrado pela participação verbal massiva das meninas, nas reuniões, em relação aos meninos, que pouco se manifestaram. A naturalidade e desenvoltura das participantes, durante os encontros, apresentou-se como característica vivenciada muito menos na família do que no ambiente escolar, onde podem usufruir, no mínimo, de limites diferentes dos familiares, e mais típicos da escola. Nesse contexto, mesmo com fronteiras, os jovens têm acesso a uma gama maior de relações e de educadores que podem conduzi-los a vivências diferenciadas, inibindo-os ou estimulando-os a novas percepções e atitudes, o que repercutiria, certamente, no ambiente familiar.

### A reflexividade dos *selves* participantes

Aparentemente, a circularidade percebida nos discursos dos adolescentes parece aprisioná-los numa situação sem saída. Porém, lançando-se olhar mais atento, por meio de distanciamento reflexivo (Forghieri, 1993), pode-se verificar que sua necessidade de contato com experiências em diferentes contextos faz parte de espécie de projeto de vivência exploratória, com vistas ao andamento do próprio processo de autonomia, natural dessa fase do desenvolvimento (Aberastury, 1981; Erikson, 1989; Steinberg, 1996). Isso possibilita-lhes transformar constantemente a experiência consciente em consciência da experiência e vice-versa, cujo objetivo seria o de encontrar, numa ação interpretativa, direção ou sentido futuros (Gomes, 1997). Em outras palavras, esses jovens buscam quebrar o ciclo para prosseguirem no seu desenvolvimento. Querem usufruir da liberdade que a autonomia lhes propõe (sentido futuro), sem, contudo, desprender-se da sua história (passado). A atitude reflexiva, contudo, não parece atingir, ainda, o patamar necessário a uma continuidade do processo de maturidade.

A realidade exclusiva das meninas, cuja liberdade é objetivamente mais restrita, desencadeia-lhes, a um só tempo, indignação e ajustamento, numa contradição permanente. Ansiosas por liberdade de movimentos, buscam alternativas muitas vezes contrárias a seus valores, para redimensionar o espaço vivencial. A família, que se mostra mais liberal com os meninos, aplica, às meninas, código moral muito mais rígido, semelhante aos padrões tradicionais, citados por Romanelli (1988) e Velho (1981, 1989), ou ao estilo parental autoritário (“*authoritarian*”) que, segundo Baumrind (in Steinberg, 1996), restringe o desenvolvimento da autonomia nos filhos. Não parece haver, portanto, no contexto estudado, abrandamento dos padrões parentais, semelhante ao constatado nos estudos de Espig (1996) e de Benincá (1996). Há, sim, rigidez e clareza de normas educacionais que, embora diferenciadas para meninos e meninas, são características de educação tradicional. Embora tenha havido grande transformação na sociedade e conseqüentemente na família, nas últimas décadas, parece haver, na população estudada, padrões comuns de comportamento entre a maioria dos pais dos adolescentes, o que não confirma as afirmações de Steinberg (1996).

Como testar a sensibilidade e a flexibilidade dos pais, movimento característico da fase adolescente (Sacchet, 1991), se há apenas comunicação unilateral e não democrática? A simples falta de interlocução com os pais, denunciada pelos participantes e não diferenciada para meninos ou meninas, já parece ser um dos dificultadores na busca de autonomia. Tal

agravante, aliado às ambigüidades e ambivalências características dos pais, transparecem também nos filhos, pois os percebem ora como dominadores e ora como despreocupados, confirmando as conclusões de Stone e Church (1970). Assim, como direcionar-se à autonomia emocional, que é dependente do estilo de educação parental, segundo Smetana (1995)?

O objetivo dos jovens, nessa fase do desenvolvimento, é o de buscar direção futura - ao esboçarem seus projetos de vida, ao definirem suas identidades, e ao se manterem leais consigo mesmos. Contudo, as circunstâncias contextuais os retêm no presente, diante da própria vivência adolescente em busca de liberdade e de capacidade de articulação e de ação sobre as próprias metas, traduzidas aqui como autonomia (conforme Church, 1994). Também os retêm no passado, devido às influências familiares e à lealdade aos valores da família (Osório, 1991; Steinberg, 1996; Wiley, 1996), típicos da fase pré-adolescente. E uma vez que o desenvolvimento da autonomia se articula através da revisão e do confronto entre o passado, o presente e o futuro, percebe-se aí a própria caracterização do movimento que mantém o jovem num ciclo que cria dificuldades ao sentido (direção) vivencial de ser (substantivo ou verbo) maduro.

De acordo com Wiley (1996), é natural que, durante o desenvolvimento, a criança necessite de reconhecimento, sem o qual suas possibilidades semióticas jamais serão despertadas. Naturalmente, o desenvolvimento do *self* (agente autônomo e semiótico), transforma-se em processo permanente de auto-interpretação, que deve obter êxito na empreitada. Contudo, os *selves* participantes - inseguros e incertos nessa fase, podem ser prejudicados quanto ao poder da reflexividade, cuja fonte é a emoção (Wiley, 1996), por ser capaz de abrir significados mais verdadeiros, não meramente lógicos, mas sim existenciais (Crítelli, 1996).

A presença de diálogos internos nas falas dos adolescentes expressou a característica de similaridade intrapessoal, que em conjunto com a alteridade interpessoal, constitui as identidades do *self* (Gomes, 1997; Wiley, 1996). Há dificuldades, porém, quanto a possibilidade de alteridade interpessoal, no âmbito familiar da população estudada, conforme já vimos. Uma vez que o *self* é socialmente formado, e só podendo surgir, portanto, onde houver comunicação social, pode-se justificar, em parte, a busca constante do adolescente por alguém que o acompanhe nessa fase. Os diálogos internos, nas falas dos participantes, apresentaram-se mais como conversações do *self* com as instâncias que Wiley identificou como “visitantes permanentes”. O depoimento abaixo, por exemplo, representa espécie de

simulação de conversa real de F3SA com o pai, concluída com argumentação incisiva da própria participante, o que aponta para a grande dificuldade de diálogo entre ambos:

*“... Sempre é a preocupação... que tá em primeiro lugar... Se tu vai sair: ‘Ah, mas tu vai sair? Mas com quem?’ (...) ‘Bah, mas tu é obrigada a sair de noite? Tu não pode sair de tarde?’ (...) ‘Não tem festa de tarde!’”*

As atitudes contraditórias dos pais também foram apresentadas, muitas vezes, em forma de diálogo entre o “eu” (presente) e o “visitante” (futuro), conforme exemplificou o depoimento de F2JU:

*“... Às vezes tu não entende teus pais, porque eles falam assim (...): ‘Ah, tu só fica em casa, tu só vai na biblioteca, não sei o que... Tu precisa sair, ter amigos’. Daí, eu arranjo amigos, e aí, quando... ‘Ah, pai, eu posso sair?’... ‘Não, não pode, porque é perigoso... Vai estudar!’ (...) ‘Aí, quando eu vou conversar: ‘Cala a boca, que eu quero olhar minha novela!... Cala a boca, que eu quero olhar futebol!’” (F2JU11/20).*

Já a jovem F2DA apresentou o pensamento dos pais, expressando a imposição de atitudes restritivas por meio de comparação com a irmã mais velha:

*“... nos catorze, quinze anos dela [irmã], ela já podia sair sozinha com as amigas... Daí, ela já se meteu na droga, né?... Daí, eles [pais] pensaram: ‘Bah... se eu vou deixar a DA sair sozinha, ela vai se meter, também’...” (F2DA7).*

As repercussões dessa comparação apresentam-se claramente no excerto abaixo, expresso de forma emocionada por aquela participante:

*“[emocionada]... Quando eu faço alguma coisa, eles [pais e irmãos homens] não valorizam o que eu tô fazendo... Eles só sabem o que ela [irmã] tá fazendo... O que eu tô fazendo, eles não sabem...” (F2DA21).*

A maneira como pais negligentes foram percebidos também se apresentou, algumas vezes, na forma de expressão de “visitante permanente”, como exemplificou F3AN:

*“Os pais que não se importam com os filhos (...), dizem assim, os pais: ‘Ah, eu já vivi a minha vida, agora tu vive a tua’... É muita liberdade prá pessoa...” (F3AN113).*

Ou no caso em que a participante F4CR se coloca no lugar de mãe, numa projeção em direção ao futuro, exemplificando uma possibilidade de descaso:

*“... Por exemplo, se eu fosse uma mãe, e eu não gostasse da minha filha, ah, eu ia largar: ‘Faz o que tu quer da tua vida, já que tá reclamando do que eu tô te impondo.’” (F4CR98).*

Ou mesmo numa situação de solidariedade da parte do “visitante”, também numa perspectiva futura, como no depoimento de F4JU:

*“... Foi eles que te criaram, eles é que vão impor uma idade prá ti, dizendo: ‘Não, agora eu confio em ti, tu pode fazer’. Muitas vezes os pais tão certos.” (F4JU125).*

Em outros momentos, a própria cobrança paterna foi expressa através do “visitante”, como nos excertos que seguem:

*“... [referindo-se ao que seu pai fala] ‘Ah, por que tu não faz o serviço? A tua mãe, quando era da tua idade, a tua mãe fazia isso.(...) Tua mãe era responsável, cuidava dos irmãos... E tu? O que é que tu faz?’...” (F2JU20).*

*“... o meu pai faz comparação, assim, de como quando ele era adolescente, com hoje, né?... ‘Ah, quando o meu pai chegava em casa, eu pegava uma bacia de água quente, e ia lavar os pés dele... fedendo a chulé... E tu tá tomando café aí, bem sossegado, enquanto eu chego do serviço, podre de cansado... Tu não faz nada.’...” (M4AL4).*

*“Eles [pais] ficam cobrando da gente: ‘Bah, o tempo (...) que eu era pequeno, eu não tinha um tênis desses, prá botar nos pés. (...) Nenhuma comida dessas eu tinha. (...) Eu não tinha um roupeiro.’...” (F4JU136).*

A expressão da cobrança também apareceu acompanhada de uma argumentação em direção ao “visitante”:

*“... [referindo-se a uma expressão usual do pai] ‘Tu tem que ser que nem a tua prima.’ (...) Eu sempre falo: ‘Ah, mas tu não sabe dos papos que saem... das histórias...’ Daí sempre acha que a gente tá mentindo...” (F1GR54).*

O versão educativa de várias gerações, por exemplo, foi expressa por F5VI, na forma de “visitantes”, sendo concluída com uma espécie de “eu genérico” (“muitos jovens”):

*“... quando nossos pais eram mais novos, os pais deles e a mãe, né?... é que davam a escolha: ‘Não, porque tu vai seguir por este caminho, porque eu quero’. E agora eles já dão a nossa liberdade de escolha: ‘Olha, meu filho, tu escolhe o que é melhor prá ti.’ (...) De certo modo eu tô sendo livre já. (...) Muitos jovens não olham prá esse lado...” (F5VII16).*

As articulações reflexivas daqueles jovens, assim, foram expressas de forma semelhante a de um diálogo interno, ou de ordem (vontade paterna) interna, permitindo com que se pudesse avaliar as incertezas dos adolescentes e de seus pais. Foi como se ocorresse a presença virtual dos pais, durante os encontros, possibilitando aos participantes uma

revivência, por meio da reflexividade, de raros momentos de interlocução. A falta de diálogo, denunciada pelos adolescentes, é consoante com estudos que indicam haver uma associação entre o surgimento de características pubertárias e um distanciamento progressivo entre pais e filhos (Steinberg, 1996). Como resultado disso, segundo o autor, podem ser intensificados alguns conflitos já existentes, principalmente com a figura materna.

Quanto ao poder reflexivo desses jovens, principalmente das meninas, por ser profundamente embasado na experiência de alteridade, pode comprometer-se seriamente. Além disso, o direcionamento futuro, a ser criado através do confronto entre o presente e o passado, apresentou-se empobrecido. Não há como articular um sentido futuro adequado, se, além da falta de diálogo, a própria ação das meninas é restringida, ora pela circunscrição vivencial, ora pelas prerrogativas femininas de fragilidade e de fertilidade, ora pela repetição da história paterna, e assim por diante. E uma vez que a liberdade se constrói no próprio processo semiótico de auto-interpretação, segundo Wiley (1996), as restrições que atingem tal campo podem inibi-lo ou mesmo bloqueá-lo.

Há nessa fase, portanto, a requisição de um contexto interpessoal propício que, em conjunto com o âmbito intrapessoal do adolescente, articulará sua capacidade reflexiva, ou *self*, com seu caráter dialógico e comunicativo. Essa imbricação é particularmente importante porque, na comunicação intrapessoal, a reflexividade depara-se com pontos cegos - conteúdos não disponíveis à reflexão - situação a ser resolvida somente por meio da alteridade - olhar para si do lugar do outro (Wiley, 1996).

## CAPÍTULO IV

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo focalizou a realidade dos adolescentes participantes, através de suas percepções dentro dos contextos familiar e extrafamiliar, incluindo aqui a escola e a comunidade. Os grupos de conversação, implementados pelo pesquisador, estimularam os discursos dos participantes, que formaram a base de dados necessária à investigação. As percepções dos jovens, a respeito da liberdade que a educação familiar e escolar lhes propõe, foi apresentada como tema central para a estruturação das conversas, por sua significação como subsídio importante ao desencadeamento do processo de autonomia inerente a essa fase do desenvolvimento. Embora tenha sido esperado um diálogo entre os participantes, onde um assunto levasse a outro com o objetivo de um crescimento em grupo, verificou-se que os adolescentes apresentaram suas opiniões e percepções na forma de depoimentos, sendo assim

tratados os dados. Foram focalizadas ali várias temáticas, por meio das quais os jovens representaram seu movimento perceptivo no cotidiano vivencial. As reversões entre a experiência consciente e a consciência da experiência dos participantes possibilitou o embasamento necessário à análise fenomenológica. Concomitantemente, a concepção de Wiley (1996), a respeito da estrutura dialógica e reflexiva do *self*, também forneceu base de referência à análise das falas dos participantes

A partir disso, pode-se verificar que as perguntas de pesquisa, apresentadas neste estudo, foram contempladas ampla ou parcialmente. Assim, com vistas a sintetizar as interpretações dos participantes e do pesquisador, optou-se por uma revisão final daquelas perguntas:

1) Como esse jovem adolescente expressa sua condição de existência enquanto ato reflexivo e responde às interlocuções de seus pares?

Devido à sua inerente imaturidade, os participantes apresentaram sua condição de existência, enquanto ato reflexivo, por meio de movimentos cíclicos de pensamento. Por um momento, demonstravam buscar uma liberdade necessária à independência do direcionamento paterno. Em contraponto, apresentavam a necessidade de alguém que os ouvisse, os protegesse e lhes desse segurança. Nessa busca, porém, aprisionavam-se numa situação circular aparentemente sem saída, pois, ao não obterem êxito na busca, em casa, dirigiam-se a seus pares, tão ou mais imaturos do que eles próprios, o que lhes gerava nova insegurança. Uma interlocução adequada com as figuras parentais e professores apresentou-se como um elemento de extrema relevância ao rompimento desses ciclos. Isso garantiria, aos jovens a segurança necessária em direção a seu desenvolvimento e ao atingimento da maturidade. Embora considerassem irrelevante o histórico paterno e as justificativas às restrições que lhes eram impostas, os jovens pareceram confiar na maturidade de seus pais, ao acreditarem, como F5SI, que “... os adultos já pensam antes... depois é que eles vão fazer...”. Percebeu-se que esses jovens, contudo, não querem ficar presos ao passado (infância), como muitos de seus pais parecem desejar. Todavia, não encontram eco, no contexto familiar, a seus anseios de adolescente rumo à maturidade.

2) Qual a interpretação que esse jovem oferece deste momento presente para si, para o outro aqui representado pela família, colegas, e professores, e para o mundo em que vive?

O momento presente – fase adolescente - foi interpretado pelos participantes como uma espécie de detecção da situação considerada sem saída. Em outras palavras, é momento de se dar conta tanto da ligação com a família (passado), e da liberdade demandada, quanto dos perigos que a vida extrafamiliar lhes apresenta. Os pais são tidos como referenciais importantes, porém não únicos, pois agora concorrem com os amigos e professores. O mundo adolescente dos participantes, que exige exclusividade, é o mesmo que tenta abrir-se a novas experiências, situação ansiogênica e temerária por sua contradição. Por sua vez, seus pais apresentam padrões educacionais rígidos, originários de várias causas, por vezes justificadas pelos próprios filhos. Tais padrões estiveram presentes em ambigüidades expressas pelos jovens, tornando-os solitários durante essa busca de reorganizações interna (pensamento maduro) e externa (comportamento maduro). Ora detectam-se como auto-suficientes, acreditando conseguir vencer seus temores e inseguranças. Em outros momentos, percebem suas próprias necessidades de apoio e afeto como não satisfeitas no contexto familiar. Sem o apoio dos pais, escolhem, por meio de atitude reflexiva, empreender busca ao desconhecido (futuro), no âmbito extrafamiliar. Ao frustrarem-se, porém, retornam ao já conhecido (passado), formando assim a roda-viva de sua existência adolescente, cheia de inseguranças e ambigüidades.

3) Como esse jovem age diante do impasse interpretativo entre as solicitações pessoais e as solicitações do outro e do mundo?

A idealização presente, surgida nas falas dos adolescentes participantes, foi a de conseguirem relacionar suas demandas contraditórias por meio da integração. Em outras palavras, há necessidade de liberdade, a princípio objetivada pelo ato de transitar em contextos extrafamiliares, e de proteção contra riscos, além de limites externos ou internos, sem excessos que comprometam sua autonomia. Tal trajetória, movida pela emoção de cada um daqueles *selves* adolescentes, teoricamente poderia fornecer sentido a suas existências, objetivado por sentimentos de liberdade e autonomia. Segundo Crítelli (1996), o sentido de ser livre aparece, durante nossa vida, de várias formas e em diversos momentos: “ou quando se está sufocado e se precisa de liberdade, ou quando se quer ver livre dela, ou quando ela incomoda, ou assusta, ou oprime” (p. 94). A liberdade, contudo, exige, dos adolescentes, certo senso de administração, na busca pela sintonia adequada a cada um de seus *selves*. Alguns daqueles jovens pareciam melhor articular-se nesse sentido, enquanto que outros, de mesma

idade, situavam-se ainda numa posição de temor e dependência. Estes não parecem ainda preparados para utilizar as “tecnologias do eu”, referidas por Foucault (1991), as quais “permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda dos outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade” (p. 48).

4) Em suas falas, esses jovens trazem o diálogo privativo que suscitaram suas reflexões?

As falas dos participantes apresentaram seus diálogos internos como manifestação dos parâmetros que são pontos de partida para suas conclusões e demandas. As dificuldades de interlocução, principalmente, foram exemplificadas, de vasta forma, pelos participantes, através da expressão de diálogos internos (Wiley, 1996) com os pais (“visitantes permanentes”), simbolizados por uma presença virtual. No caso, a conformidade dos adolescentes encontra eco na argumentação paterna que foi internalizada, mesmo em casos de aparente solidariedade: “... ‘Não, agora eu confio em ti, tu pode fazer’...” (F4JU125). Essa constante revivência das ordens ou conselhos paternos auxilia a manutenção do pensamento circular e da impossibilidade de ação dos adolescentes. Assim, sua experiência consciente de limitação e ajustamento não condiz com sua idealização de liberdade e limites internalizados. A rede semiótica, necessária ao empreendimento, não se encontra totalmente formada: nem a semiótica do intérprete, no caso o adolescente imaturo, nem a semiótica da interlocução, no caso do outro pronto a ouvir e discutir as dificuldades apresentadas.

5) No decorrer dos diálogos, esses jovens revelam alguma mudança em posições anteriormente expressas?

Os adolescentes participantes, em geral, não revelaram nenhuma mudança significativa em seus posicionamentos, durante os encontros. Isso parece dever-se ao movimento circular de seus pensamentos que, ao serem compartilhados, por identificação, com outros pares, serviam apenas de reforço a suas concepções sobre a realidade.

6) Como tais impasses aparecem na estrutura reflexiva e dialógica, descrita por Wiley (1996)?

O desenvolvimento dos *selves* participantes, sinônimos de agentes autônomos, não poderá, certamente, ocorrer em sua plenitude, pois a atitude reflexiva não consegue ainda

romper o pensamento circular sem o estímulo de novas vivências, uma vez que a emoção é o combustível da reflexividade. Os meninos, embora plenos de liberdade de trânsito e de movimentos, encontram-se amarrados às expectativas paternas de tornarem-se “machos” e “protetores” (ou “vigilantes”) das mulheres. Seus processos internos de reflexividade e de maturidade parecem já determinados em direção a essa assunção de papéis. Açam-se amarrados ao passado (história familiar), convivendo com as demandas características da adolescência (presente), porém comprometidos em relação à sua própria autonomia e maturidade (futuro). Sob o ponto de vista estrutural de seus *selves*, o diálogo interno entre o eu (presente) e o mim (passado) ainda não obteve êxito para fornecer uma direção adequada ao você (futuro). O conformismo e a submissão das meninas, por sua vez, tornou-se uma regra, raramente ameaçada. Mais atingidas e até certo ponto punidas por sua feminilidade - indicativo de fraqueza e desproteção - tentam justificar os padrões paternos, alimentando sua rigidez e perpetuação. (Deveriam ser como as “mulheres de Atenas”?). Lidar com sentimentos de menos-valia, de frustração e de baixa auto-estima, é a constante, no cotidiano daquelas jovens. As limitações paternas, na verdade, parecem proteger muito menos a elas da que a honra da família, conforme os depoimentos.

A hipótese, trazida pelos resultados, é a de que ambos, meninos e meninas, andam em círculos (experiência consciente), reproduzindo vivências de gerações anteriores, sem tentar (ou sem prerrogativas para conseguir) criar configurações mais condizentes com a idéia de *self* agente e autônomo (Wiley, 1996), que lhes exigiria liberdade de movimentos e de espaço. Mesmo as sutis atitudes de rebeldia de algumas meninas não conseguem quebrar o ciclo formado pelas leis familiares, pois a insegurança surge ainda com mais vigor, reintegrando-as à passividade.

7) A descrição da adolescência, consagrada na literatura (Steinberg, 1996), aplica-se às grandes camadas, menos privilegiadas, da nossa população?

O confronto com a literatura relacionada, apresentado no capítulo anterior, demonstrou que aqueles jovens vivenciam as exigências naturais dessa fase do desenvolvimento humano, principalmente ao tentar independizar-se do controle paterno, com todas as prerrogativas relacionadas à tarefa, conforme a maioria dos autores pesquisados, especialmente Steinberg (1996). Os resultados, contudo, também expressaram dificuldades que têm comprometido tal processo. A análise dos dados apontou, de acordo com a reflexividade dos jovens, para

grandes dificuldades em relação a seus processos de autonomia e independência. De um modo geral, o perfil desses jovens não é condizente com a imagem trazida pelas conclusões de Zagury (1994), que descrevem o adolescente da atualidade como exigente e sem noção de limites. O estilo autoritário dos pais dos participantes torna-os dependentes e passivos, ratificando os estudos realizados em populações cultural e geograficamente diferentes (Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts, & Fraleigh, 1987; Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch, 1991; Steinberg, 1990; Steinberg, Elmen, & Mounts, 1989).

As respostas às perguntas de pesquisa, assim, apresentaram sinteticamente a realidade adolescente dos participantes, apontando para grandes dificuldades comunicacionais dos jovens com seus educadores - pais e professores, por perceberem, em suas atitudes, dominação ou despreocupação, na maioria dos casos. Com relação a seus pares, contudo, tão importantes nessa fase do desenvolvimento (Steinberg, 1996), a interlocução é possível, porém os riscos de dominação ou de despreocupação podem ser semelhantes aos que ocorrem na família. Além disso, expõem-se a riscos específicos do contexto extrafamiliar: violência, drogadição, prostituição, e gravidez precoce, além de falta de confiança, realimentando o sentimento de insegurança e desproteção.

A experiência consciente, contudo, “tem um status de versão e, sendo assim, é sempre provisória” (Gomes, 1997, p. 309). Em vista disso, verificou-se que as questões acima são indicativos plenos de que o universo daqueles participantes foi apenas tocado por um determinado olhar fenomenológico, deixando margem a muitos outros vislumbres sobre seus processos de desenvolvimento. Seria interessante, por exemplo, realizar novo estudo com aqueles mesmos jovens, após determinado tempo, com o objetivo de verificar modificações em suas percepções e ações, ao longo de seu desenvolvimento. Por ora, através desses questionamentos e conclusões, pode-se perceber que há necessidade de elaboração de planos e projetos que possam catalisar um tipo efetivo e eficiente de comunicação nos âmbitos familiar e escolar, entre educadores e educandos adolescentes. Considera-se, porém, que há que investigar-se, também, as percepções de pais e professores, não contemplados neste estudo. Além disso, sugere-se também um estudo sobre a cultura gaúcha como determinante de padrões familiares, tão diferenciada no interior do estado, de onde a maioria dos pais dos participantes é oriunda, segundo informações da escola. Um outro estudo complementar poderia focar as influências da religião sobre a educação familiar, pois há a informação, por parte da escola, de que a maioria das famílias dos alunos são evangélicas e pentecostais

praticantes. Enfim, percebeu-se que há inúmeros caminhos que podem subsidiar quaisquer tipos de projetos que venham a servir de auxílio durante essa fase do desenvolvimento, tão premente de buscas e de respostas absolutamente humanas.

## REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. & Knobel M. (1992). Adolescência normal. (S. M. G. Ballve, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Albuquerque, T. L. (1986). Psicologia e educação: Acompanhamento psicológico à professora. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aranha, M. L. de A. (1989). História da Educação. São Paulo: Moderna.
- Arnold, W., Eysenck, H. J., & Meili, R. (1982). Dicionário de psicologia. (W. V. Martins, Trad.). São Paulo: Loyola. (Originalmente publicado em 1976.).
- Benincá, C. R., & Gomes, W. B. (1998). Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. Em William B. Gomes (Org.), Fenomenologia e pesquisa em psicologia, (pp. 135-159). Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.

- Church, E. (1994). The role of autonomy in adolescent psychotherapy. Psicotherapy, 31 (1), 101-108.
- Crítelli, D. M. (1996). Analítica do sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense.
- De La Puente, M. (1973). Sobre a recente psicologia social de Carl Rogers. Boletim de Psicologia, XXV, 65, 183-195.
- Dornbusch, S. M., Ritter, P. L., Leiderman, P. H., Roberts, D. F., & Fraleigh, M. J. (1987). The relation of parenting style to adolescent school performance. Child Development, 58, 1244-1257.
- Erikson, E. H. (1989). Sociedad y adolescencia. (A. M. Corzos, Trad.). México, D.F.: Siglo XXI.
- Espig, A. S. (1996). O papel social do adolescente: Uma abordagem psicossocial do aluno adolescente. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Fadiman, J., & Frager, R. (1979). Teorias da personalidade. São Paulo: Harper & Row do Brasil.
- Ferreira, B. W. (1984). Adolescência: Teoria e pesquisa. Porto Alegre: Sulina.
- Folberg, M. N. (1986). Dialética dos discursos de pais e filhos adolescentes. Porto Alegre: EST-Vozes.
- Forghieri, Y. C. (1984). Fenomenologia e psicologia. São Paulo: Cortez.
- Forghieri, Y. C. (1993). Psicologia fenomenológica: Fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Pioneira.
- Foucault, M. (1991). Tecnologia del yo y otros textos afines. 2 ed. Barcelona: Paidós Iberica.
- Fraga, A. B. (2000). Corpo, identidade e bom-mocismo - cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autêntica.
- Fromm, E. (1986). O medo à liberdade. (O. A. Velho, Trad.). Rio de Janeiro: Guanabara.
- Gadotti, M. (1992). Escola vivida, escola projetada. Campinas: Papirus.
- Gadotti, M. (1993). Organização do trabalho na escola: Alguns pressupostos. São Paulo: Ática.
- Gadotti, M. (1995). Pedagogia da práxis. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire.

- Giorgi, A. (1978). Psicologia como ciência humana: Uma abordagem de base fenomenológica. (R. S. Schwartzman, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros.
- Gomes, W. B. (1984). O que é fenomenologia semiótica? Ciências Sociais e Humanas, 7, 225-243.
- Gomes, W. B. (1987). As aplicações sociais da pesquisa qualitativa. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2, 3-12.
- Gomes, W. B. (1997). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. Psicologia USP, 8 (2), 305-336.
- Gomes, W. B. (1998). Fenomenologia e pesquisa em psicologia. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.
- Hall, C. S., Lindzey, G., & Campbell, J. B. (2000). Teorias da personalidade. Porto Alegre: Artmed.
- Hennigen, H. (1994). Dimensões psicossociais da adolescência: Identidade, relação familiar e relação com amigos. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Husserl, E. (1985). Investigações lógicas, sexta investigação: Elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento. (Z. Loparic, Seleção e Tradução) São Paulo: Abril. (Originalmente publicado em 1935).
- Keen, E. (1979). Introdução à psicologia fenomenológica. (H. B. C. Rodrigues, Trad.). Rio de Janeiro: Interamericana. (Originalmente publicado em 1975).
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. Child Development, 62, 1049-1065.
- Lanigan, R. L. (1972). Speaking and semiology: Maurice Merleau-Ponty's phenomenological theory of existential communication. The Hague: Mouton.
- Lanigan, R. L. (1988). Phenomenology of communication. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Lanigan, R. L. (1997). Capta versus data: Método e evidência em comunicologia. Psicologia: Reflexão e Crítica, 10 (1), 17-45. (C. H. Kristensen, Trad.).
- Laursen, B., & Koplas, (1995). What's important about important conflicts? Adolescent's perceptions of daily disagreements. Merrill-Palmer Quarterly, 41, 536-553.

- Lopes, R. C. S. (1993). The relationship of moral development to parent-child conflict in adolescence. Tese de doutorado não publicada, Universidade de Londres.
- Martins, J., & Bicudo, M. A. V. (1983). Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação. São Paulo: Moraes.
- Marx, M. H., & Hillix, W. A. (1993). Sistemas e teorias em psicologia. (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Cultrix.
- Mead, G. H. (1934). Mind, self, and society. Chicago: University of Chicago Press.
- Merleau-Ponty, M. (1996). Fenomenologia da percepção. (C. A. R. L. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1945.).
- Merleau-Ponty, M. (1973). Ciências do homem e fenomenologia. São Paulo: Saraiva. (Originalmente publicado em 1952.).
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (1987). Sujeito e cotidiano: Um estudo da dimensão psicológica do social. Rio de Janeiro: Campus.
- Oliveira, V. M. F. (1995). Imaginário social e escola de segundo grau: Um estudo com adolescentes. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Osório, L. C. (1991). Abordagens psicoterápicas do adolescente. Porto Alegre: Movimento.
- Pfromm Neto, S. (1976). Psicologia da adolescência. São Paulo: Pioneira.
- Peirce, C. S. (1995). Semiótica. (J. T. Coelho Neto, Trad.). São Paulo: Perspectiva.
- Rezende, A. M. (1990). Concepção fenomenológica da educação. São Paulo: Cortez: Autores Associados.
- Ribeiro, M. A. (1992). Relações familiares: a percepção dos filhos adolescentes. Estudos de Psicologia, 9(1), 27-42.
- Rogers, C. R. (1987). Grupos de encontro. (J. L. Proença, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1970.).
- Rogers, C. R. (1991). Tornar-se pessoa. (M. J. C. Ferreira, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1961.).
- Rogers, C. R. (1992). Terapia centrada no cliente. (C. C. Bartalotti, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1951.).
- Rogers, C. R., & Kinget, G. M. (1977). Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva. (M. L. Bizzotto, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros.

- Romanelli, G. (1988). Famílias de camadas médias: modernidade e mudança. Em Sociedade Brasileira de Psicologia, Anais da 18a. Reunião Anual de Psicologia, pp. 75-82.
- Sacchet, J. S. (1991). Pais de filhos adolescentes. VI Jornada da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul: Vol. 6. Virando o século com a psicologia (pp. 158-161). Porto Alegre: SPRGS.
- Santaella, L. (1983). O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense.
- Smetana, J. G. (1995). Parenting styles and conceptions of parental authority during adolescence. Child Development, 66, 299-316.
- Stone, L. J., & Church, J. (1970). El adolescente de 13 a 20 años. Buenos Aires: Paidós.
- Steinberg, L. D. (1996) Adolescence. New York: McGraw-Hill.
- Steinberg, L., Elmen, J. D., & Mounts, N. S. (1989). Authoritative parenting, psychosocial maturity, and academic success among adolescents. Child Development, 60, 1424-1436.
- Tonato, S. (2001). Adolescência “corpo e alma”: abordando um tema transversal na educação formal. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Ulhoa, M. J. C. (1974). Características do comportamento do adolescente brasileiro. Petrópolis: Vozes.
- Velho, G. (1981). Individualismo e cultura. Rio de Janeiro: Zahar.
- Velho, G. (1989). Subjetividade e sociedade: Uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Zahar.
- Wagner, A., Ribeiro, L., Arceche, A., & Bornholdt, E. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. Psicologia: Reflexão e Crítica, 12, 147-156.
- Wiley, N. (1996). O self semiótico (L. P. Rouanet, Trad.). São Paulo: Loyola. (Originalmente publicado em inglês, 1994).
- Zagury, T. (1994). Educar sem culpa: A gênese da ética (2a. ed.). Rio de Janeiro: Record.
- Zitkoski, J. J. (1994). O método fenomenológico de Husserl. Porto Alegre: EDIPUCRS.

## ANEXOS

### ANEXO 1

#### Consentimento Informado

Estamos realizando um estudo com a finalidade de compreender melhor como os adolescentes percebem a si próprios e à educação atual que recebem de seus pais e da escola. Para tanto, serão realizadas filmagens, em videotape, com jovens estudantes de oitavas séries de escola pública. Após o término do projeto, as fitas das filmagens serão arquivadas junto ao Departamento de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, exclusivamente para fins de pesquisa, sendo os participantes

preservados plenamente, sem possibilidade de associação de nomes às imagens. Através desse estudo esperamos contribuir para a compreensão do processo perceptivo dos adolescentes, de modo a auxiliá-los, a seus familiares e aos profissionais que atuam nas áreas de educação e de psicologia do desenvolvimento.

Tenho o conhecimento de que receberei respostas a quaisquer dúvidas sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados a essa pesquisa. Além disso, terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso traga prejuízo ao atendimento dispensado nesta instituição.

Entendo que esse estudo oferece a segurança de que não serei identificado e de que se manterá o caráter confidencial das informações registradas e relacionadas com a minha privacidade.

Concordo em participar desse estudo, bem como autorizo, para fins dessa pesquisa, e respeitadas as prerrogativas acima, a utilização das imagens realizadas comigo.

Pelo presente Consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa.

Os pesquisadores responsáveis por esse Projeto de Pesquisa são o Dr. William Barbosa Gomes e o mestrando Aldo David Meneghetti. O telefone para contato com os pesquisadores, caso necessário, é o de número 3316-5115.

Local e data.

---

Assinatura do participante

## ANEXO 2

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Departamento de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento  
Pesquisador: Aldo David Meneghetti  
Orientador: Prof. Dr. William Barbosa Gomes

Protocolo de Dados de Participante de Pesquisa

Local da pesquisa: Escola estadual de primeiro grau, em Novo Hamburgo, RS  
População: alunos adolescentes das séries finais do primeiro grau

Prezado aluno,



*“Limite até que pode ter, mas tem que ser (...) um limite médio...” (MIRO83)*

*“... hoje em dia tá difícil sair... porque assim, em qualquer esquina tem um bolinho parado, na esquina, pronto prá fazer alguma coisa prá ti.” (F2SA8)*

*“... a gente faz só de birra, né? Prá contrariar [os pais] mesmo.” (F2JB59)*

*“... Às vezes eu acho até que é da idade, né? (...) Eu quero ser rebelde às vezes, né?... Às vezes, como uma moda, assim, sabe?... prá desabafar, assim, encho a cara, assim... Sei lá... eu sei que tá errado...” (M2CL53)*

*“... ele [adolescente] quer sair daquela mesmice dele, ele quer alterar o espaço, ele quer conhecer coisas novas. Só que tem que ter limite...” (M2ER58)*

*“... tu sabe que tu tá errado, mas tu fala só prá incomodar, né?...” (M2DI73)*

*“Se não tiver limites, não vai ter respeito.” (F3RO6/8)*

*“No meu caso também... festas, nem pensar.” (F3DS11)*

*“... namorar, assim, eles [pais] não deixam.” (F3DK36)*

*“A gente tem que ter os limites da gente... a confiança na gente...” (F3SU39)*

*“... tem que também saber organizar, assim, a liberdade que tu tem. (...) ... com limites.” (F3RO44/116)*

*“... liberdade a gente... se conquista com o tempo, né?... Conforme a gente vai agindo, eles [pais] vão dando liberdade.” (F4LU8)*

*“... às vezes, (...) quanto mais [a mãe] cuida mais sem-vergonha [a filha] fica, né?” (F4PA106)*

*“... a gente quer fazer, a gente faz, na cara deles [pais] mesmo.” (F4PR114)*

*“... agora o jovem tá bem mais rebelde, porque a violência também tá muito grande. Ele se sente mais ousado (...), já se revolta, já bota a boca no pai...” (F5V11)*

*“... Se o pai não deixa, ele [filho] vai lá e faz, não quer nem saber.” (F5DA2)*

*“... quanto mais a minha mãe me prende, mais eu faço.” (F5CA3)*

*“... os pais deveriam (...) dar a liberdade pros filhos, mas impor limites, também...” (F5SU34)*

*“... quanto mais a gente tem, mais a gente quer ter.” (F5DA58)*

*“... muitas vezes o jovem faz isso [atitudes de rebeldia] prá poder chamar a atenção, porque ele ganha as coisas materiais, mas ele não ganha o afeto que ele quer.” (F5VI81)*

*“... se eles [jovens] viverem o hoje... amanhã não interessa. (...) Muitas gurias (...), por quererem muita liberdade, elas acabam ficando sem nada...” (F5CA73/88)*

*“A família não dá liberdade prá droga, pro álcool. Então, ele [filho] quer aquilo.”*  
(F5CA78)

*“... Se não tiver alguma coisa que vai dar uma freada nisso, vai sempre continuar: o jovem cada vez querendo mais, os pais dando cada vez mais...”* (F5DA79)

*“Tem aqueles que querem liberdade total, e tem aqueles que querem que os pais imponham limites.”* (F5JU113)

*“Aí vai de cada pessoa saber seu limite. Já que muitos não encontram, acabam se ferrando.”* (M6CL3/5/12)

*“... a gente não vai seguir, assim, tudo o que eles [pais] falam.”* (M6TI14)

*“... por um lado é bom a gente ter um pai, porque a gente sabe que tem alguém se importando com a gente (...) prá gente não se perder também...”* (MINI81)

*“... a mãe sempre sabe quando o filho vai estar em apuros...”* (MINI85)

*“Ele [padrasto] disse que ele tinha porque se meter na minha vida, porque ele se preocupava comigo...”* (F2JR74)

*“Eu consigo entender. (...) Ela [mãe] não deixa eu sair. (...) Eu acho isso bom, porque nisso eu vejo que ela só quer o meu bem.”* (F3SU23)

*“Os pais que não se importam com os filhos (...), dizem assim, os pais: ‘Ah, eu já vivi a minha vida, agora tu vive a tua’...”* (F3AN113/115)

*“... se é liberal demais, eu vou achar que eles [pais] não gostam de mim, né?”*  
(F3GI117)

*“E muita liberdade pode ser também... o caso do pai não se preocupar com os filhos.”*  
(F3RO119)

*“... se o pai tá se preocupando, não é porque ele é careta (...). É porque ele te quer bem...”* (F4GR7)

*“... eu não tenho diálogo com eles [pais]... Mas eu não acho que é porque eles deixam de se preocupar comigo...”* (F4LU8)

*“... se o pai prende, se o pai impõe limites (...), é porque eles gostam.”* (F4CR98)

*“... Foi eles [pais] que te criaram, eles é que vão impor uma idade prá ti, dizendo: ‘Não, agora eu confio em ti, tu pode fazer’”* (F4JU125)

*“...um pai não vai aceitar uma filha que saiu, voltou, saiu, voltou.”* (F4JU172)

*“... na maioria das vezes o pai e a mãe têm razão.”* (F5VI23)

*“Isso [prostituição, uso de drogas] acontece porque tem certos pais que não sabem moderar a liberdade.” (F5DA27)*

*“... eu conheço muitas pessoas, né?... no caso que... que se prostituem, né?... E o pai e a mãe sabem e não falam nada (...), como se aquilo não tivesse acontecendo.” (F5VI28)*

*“... não sabem controlar. Tem pais que nunca deixam sair. Tem outros que liberam geral...” (F5DA58)*

*“... dar liberdade demais estraga os filhos também, muitas vezes.” (M5WI35)*

*“... muitas vezes o jovem faz isso [atitudes de rebeldia] prá poder chamar a atenção, porque ele ganha as coisas materiais, mas ele não ganha o afeto que ele quer.” (F5VI81)*

*“Ele [filho] quer o carinho, a atenção que muitas vezes ele não tem.” (F5CA82)*

*“... se não ganha carinho em casa... (...)... muitas gurias vão procurar no namorado. Daí engravidam prá ter um carinho, prá ter a quem dar carinho...” (F5SI83)*

*“... que nem na droga... eles [filhos] acham que têm direito, porque os pais são muito liberais...” (M6RS7)*

*“Com mais liberdade, ele vai... ‘Bah, o meu pai não vai dar nem bola. Eu vou fazer isso.’” (M6TI10)*

*“Eles prendem a gente, achando que tão fazendo o melhor... e às vezes até estão...” (F1GR17)*

*“... quanto mais a gente vai crescendo, mais eles [pais] vão tendo medo... (...)... de perder os filhos... prá... prá ruas. pros amigos...” (F1CA28)*

*“Os pais são, tipo assim, protetores da gente...” (F1SU87)*

*“... hoje em dia tá difícil sair... porque assim, em qualquer esquina tem um bolinho parado, na esquina, pronto prá fazer alguma coisa prá ti.” (F2SA8)*

*“... se acontecer alguma coisa, daí eles [pais] têm que saber onde é que eu tô, né?... prá poder ir lá...” (F3RO21)*

*“Os pais têm medo também de, se a gente sair, daí levar um tiro, ou uma facada, qualquer coisa, num baile, assim...” (M3IS28)*

*“Sempre é a preocupação... que tá em primeiro lugar...” (F3SA30)*

*“... sempre dá na TV, nos jornais, assim, essas coisas assim de morte, assim... e isso os pais ficam bem preocupados.” (F3RO31)*

*“... às vezes, quando o pai tira a liberdade de sair, assim, é porque ele tem medo... (...) Muitas vezes, quando eles prendem a gente... quando eles tão se preocupando com o que vai*

*acontecer...(...) O mundo tá acabando porque, se tu não morre viciado, te matam, te dão um tiro, te dão uma facada. (...) Se é pro teu bem, pode o teu pai fazer o que ele quiser contigo. Ele é teu pai, ele tem direito. Tu tem o direito de ser protegida por ele. (...) Ele não quer fazer com que tu passe vergonha.” (F4JU11/36/81/130)*

*“... a gente pede prá sair, o pai não deixa. (...) Alguma coisa o pai evitou. (...) Podia ter acontecido contigo... alguma coisa lá.” (F4PA139)*

*“... eu tenho que ligar prá casa prá dizer aonde é que eu tô, e a que horas eu vou chegar. (...) Sei lá... a rua, hoje... sei lá... é tão perigosa.” (M6CL139)*

*“... nem é tanto os pais... Acho que é mais a sociedade que tem... ao todo tem muitos limites.” (M6CL152)*

Tabela 2

Dilema 2: Passado paterno “não tem mais a ver!”

*“Acho que ela [mãe] prende, porque quando ela engravidou, ela tinha dezesseis anos. (...) Ela tem muito medo de perder o que ela construiu nesses anos: o casamento, uma filha adolescente...” (F1CA20/24)*

*“Muitas vezes, assim, o que eles [pais] fizeram no passado deles, eles não querem que aconteça a mesma coisa com a gente.” (F1LO25)*

*“... meu pai era muito de aprontar, quando era novo. (...) É mais liberal [que a mãe]...” (MIRO27)*

*“... ela [irmã] já se meteu na droga, né?... Daí, eles [pais] pensaram: ‘Bah... se eu vou deixar... deixar a D. sair sózinha, ela vai se meter, também...” (F2DA7)*

“... teve um tempo também, na adolescência dele [pai], que ele foi assim, pro caminho das drogas. (...) Antes (...) eu olhava prá ele e dizia que ele não tinha direito nenhum de me cobrar.” (M2DII8)

“... [referindo-se ao que seu pai fala] ‘A tua mãe, quando era da tua idade, a tua mãe fazia isso [serviço doméstico]. (...) Tua mãe era responsável, cuidava dos irmãos... E tu? O que é que tu faz?’... Assim... eles querem sempre que tu seja ou igual, ou supere eles.” (F2JU20)

“... [referindo-se ao que seu padrasto diz] ‘Porque é assim que eu fui criado, e é assim que eu vou te criar... e tu tem que ser assim, assim, assado.’” (F2JU67)

“... quando a minha mãe engravidou, ela tinha dezoito anos... mãe solteira. (...) Ele [padrasto] não me deixa muito sair, nem prá ir prá casa da minha vó... nem prá casa dos meus tios...” (F2JU75)

“Ele [pai] acha que como ele foi criado, eu tenho que ser da mesma forma com que ele foi.” (F3SA10)

“... Ela [mãe] pensa que tem que ser como foi prá ela, né?... não poder sair de noite, não poder ir em festas... É diferente... mas ela ainda não percebeu.” (F3DS11)

“É que a maior parte dos pais não se acostuma com a liberdade que a gente tem hoje em dia, né?... Porque antigamente eles não tinham essa liberdade, né?” (M3JU12)

“... ela [mãe] acha que, como ela também foi criada em casa, sem sair... (...) Prá ela namorar também era só ficar do lado do rapaz. (...) Ela acha que prá gente também tem que ser assim.” (F3JO14)

“... o meu pai (...) me deixa sair onde eu quiser ir. (...) Ele não gostava antigamente, sabe? (...) Porque ele acha que não é certo ficar trancado dentro de casa, só lavando a louça, só limpando a casa...” (F3DK15)

“... como ela [mãe] começou a trabalhar cedo, ela acha, assim, que eu não posso sair, nem ficar fora de casa muito tempo.” (F3SU20)

“... eu acho também que ele [pai] não gostava daquela coisa de ficar trancado... e eu acho que é bom, né?... Porque daí a gente pode sair prá onde quiser... Só tem que avisar... também tem essa história do limite.” (F3RO21)

“... a minha mãe, ela é bem mais liberal do que o meu pai... Ela foi criada até de um jeito diferente... Não foi criada pelos pais verdadeiros. (...) [O pai adotivo] deixava ela sair... se divertir...” (F3SA24)

“... eles [pais] querem que a gente seja como eles eram, sabe?... aquela coisa, assim, monótona. (...) O tal do ficar, (...) prá eles é difícil eles aceitar isso.” (F4PR3)

“... o meu pai faz comparação, assim, de como quando ele era adolescente, com hoje, né?... ‘Ah, quando o meu pai chegava em casa, eu pegava uma bacia de água quente, e ia lavar os pés dele... fedendo a chulé... E tu tá tomando café aí, bem sossegado, enquanto eu chego do serviço, podre de cansado... Tu não faz nada...’” (M4AL4)

“Tem pais que não entendem, mesmo sabendo que tudo mudou, tudo tá diferente. (...) Por que tem que ser como era antes...” (F4JU5)

“... eles [pais] querem que seja assim, que nem antes, né?... Namorar só depois dos dezoito anos.” (F4AN6)

“... os pais impõem muitos limites, assim, que são absurdos... Eles querem que a gente seja que nem o exemplo deles... Não é o tempo deles.” (F4CR131)

“... muitos pais (...) aprontavam um monte, e agora não quer que eu faça...” (F4JU132)

“... a minha mãe diz muitas vezes que, quando ela tinha a minha idade, ela tinha que trabalhar na roça, lavar a louça, fazer comida prá toda a família, e que era assim... nem na escola não ia... Ela diz que hoje eu tenho bastante oportunidade, né?... coisa que ela não tinha... Mas ela também não vê que o tempo passou, né?” (F4PT135)

“Eles [pais] ficam cobrando da gente: ‘Bah, o tempo (...) que eu era pequeno, eu não tinha nenhum tênis desses, prá botar nos pés. (...) Nenhuma comida dessas não tinha. (...) eu não tinha um roupeiro.’ (...) Eles ficam se queixando prá gente. (...) A gente não é culpado... Eles... sei lá... criaram a gente... Só que... tudo mudou... (...) ... porque eles viveram na idade da pedra, que a gente tem que viver na mesma.” (F4JU136)

“... antigamente, né?... os nossos pais (...) muitas vezes não tinham TV, né?... Eles nem sabiam que a droga rondava sempre por perto, né?... porque os pais muitas vezes não tocavam neste assunto... E as coisas financeiras também eram bem diferentes... A educação era totalmente outra... porque eles tinham muito medo dos pais, né? (...) E agora, né?... morando na cidade (...), os pais estão tendo até mais liberdade com os filhos.” (F5VI23)

Tabela 3

Dilema 3: Pais confiam nos filhos ou nos outros?

*“... [referindo-se a uma expressão usual do pai] ‘Tu tem que ser que nem a tua prima’” (F1GR54)*

*“... aí, ele [padrasto] chega: ‘Eu não quero mais que tu ande com aquela guria... Eu fiquei sabendo de umas histórias...’ (...) Mas ele nem sempre sabe se aquilo é verdade ou não.” (F2JU71)*

*“... tem pais que têm confiança nos filhos, mas não têm confiança nos outros.” (F3AN32)*

*“... quando surge alguma coisa assim, alguma fofoca dos vizinhos, a minha mãe primeiro tira saber de mim, ou de quem que ela ficou sabendo, prá saber quem é o certo.” (F3JO34)*

“... caso de drogas, essas coisas... Meu pai acha que com o filho dele, né?... nunca vai acontecer. (...) ... porque tá dentro de casa, não vai acontecer nada.” (F4MA47)

“... já deixei de andar com algumas amigas minhas, por fofoca... Outras pessoas vêm e falam prá minha mãe, da minha amiga... (...) Não pode mais ficar com aquela pessoa...” (F4PR101)

“Os pais tão muito preocupados com o que os vizinhos vão dizer.” (M4RI104)

“... a vizinhança quase toda é, a maioria, fofoqueira. (...) E os pais, sabe?... naquela coisa: ‘Já tá todo mundo falando... Acho melhor cortar’. (...) Eu acho absurdo... Tu tem que ter confiança no teu filho.” (F4CR109)

“Às vezes, os pais (...), tudo o que os outros falam eles acreditam.” (F4JU113)

Tabela 4

Dilema 4: Liberdade autogerida ou dependência externa?

“... eu tenho que saber impor os meus limites, sabe? Em que fazer, e o que não fazer.” (M4AL9)

“... muitas vezes, drogas, essas coisas assim (...) ... é tu que escolhe... os teus pais não têm nada a ver com isso.” (F4CR14)

“... tem adolescente que já sabe pensar, não tem que estar sempre com os pais ao lado, dizendo que... ‘Não, não faça isso, que isso não traz a tua felicidade.’ (F4MA18)

“... [referindo-se aos vícios de fumo e álcool dos pais] se o filho sabe que isso é prejudicial prá a saúde dele, ele não faz isso.” (F4JU27)

“... a juventude toda tá se enfiando [nas drogas] por não pensar.” (F4JU36)

“... às vezes [o jovem pensa]: ‘Ah, eu fiz dezoito anos, ah, agora sou livre, meu pai não manda mais em mim’. Por isso que muitas vezes tu quebra a cara...” (F4JU125)

*“... se tu souber pensar (...) ... não vai acontecer nada de mal.” (F4JU134)*

*“... muitos jovens, né?... fogem de casa. ‘Ah, porque a minha mãe não me manda. O meu pai não me manda mais. Eu já tenho a minha cabeça. Quem manda em mim sou eu’.” (F5VI15)*

*“... ele [adolescente] tem que impor seus próprios limites.” (M5RO56)*

*“... talvez ele [adolescente] faça [sexo] sabendo o que pode acontecer: ‘Ah, eu vou transar, mas eu sei que posso engravidar, mas eu vou’.” (F5JU94)*

*“... talvez no momento, ali, naquele momento de prazer, ela não vai pensar. (...) Ela pode pensar só depois...” (F5CA95/96)*

*“... a maioria dos jovens faz as coisas e depois é que eles vão pensar no que eles fizeram. E os adultos não... os adultos já pensam antes... depois é que eles vão fazer, daí eles já sabem.” (F5SI99)*

*“O adolescente, ele quer é correr o risco: ‘Eu posso pegar uma doença [sexualmente transmissível] ou eu não posso’, daí, ele já corre o risco... depois vem o arrependimento.” (M5RO103)*

*“... eu acho que o adolescente muito... gosta de descobertas, de aventuras, e ele quer, e daí o adulto não, o adulto já é mais responsável, ele já pensa mais.” (F5CA105)*

*“... o jovem não tem filho, não tem casa prá sustentar. Ele pega e sai pela vida... achando, né?... que ele faz o que quiser. Por isso eu acho que o adulto pensa antes de fazer, porque ele tem mais responsabilidade.” (F5DA106)*

*“... atualmente, entra nas drogas quem quer, quem se deixa influenciar, engravida quem se deixa influenciar, porque... todo mundo, assim, as escolas, em casa, agora, os pais também tão assim, tão soltando mais, tão informando mais.” (F5JU110)*

*“... se eu tô independente, eu tô independente, mas eu tenho que ver que tenho os meus limites... os meus e os de todo mundo. (...) Eu tô vivendo, e eu tô aprendendo. (...) Eu não posso querer ultrapassar e fazer o que eu não devo.” (F5VII12)*

*“... quando nossos pais eram mais novos, os pais deles, os pais deles e a mãe, né?... é que davam a escolha. (...) E agora não, agora eles já dão a nossa liberdade de escolha. (...) De certo modo, eu tô sendo livre já.” (F5VII16)*

*“... eu não vou ser feliz, vivendo do jeito que meu pai quer. (...) Eu vou seguir a minha vida independente do que os outros acham. Eu tô me sentindo bem, isso é o que importa prá mim.” (F5VII29)*

*“... moro com os meus pais, não preciso trabalhar agora. (...) Tem gente que, na adolescência, já trabalha, tem uma responsabilidade, às vezes até... quando não tem o pai, uma coisa, é o chefe da família. (...) Sei lá, eu não estaria nem um pouco preparado, eu acho, prá assumir um compromisso desses.” (M6CL38)*

*“Eu acho que é a partir da adolescência em diante que a gente cria responsabilidade, né? Porque antigamente a gente só... não tinha nenhuma obrigação, só brincava, né? Agora não, tem vários compromissos.” (M6RE39)*

Tabela 5

Dilema 5: Necessidade de assistência paterna continuada e de diálogo com os pais

*“... eu falo, ela [mãe] faz um escândalo, me prende. Daí sim, que eu não posso sair mesmo. (...) Não tem como falar...” (FIGR74)*

*“Eu tinha que me abrir com ele, e daí foi o que eu fiz... e a gente melhorou bastante o relacionamento, de lá prá cá.” (FICA98)*

*“... muitas vezes é difícil falar com os pais.” (FICA100)*

*“... eles [pais] não conversam comigo, daí eu tenho que procurar alguém prá me abrir, prá falar...” (FICA106)*

*“... o meu pai, depois que eu tive uma briga com ele... depois nunca mais o nosso relacionamento ficou normal, assim. Eu não falo nada prá ele. Já a minha mãe não...” (FISU114)*

*“... eu me abro mais com a minha mãe. Com o meu pai não dá muito, porque ele mais trabalha...” (F2DA3)*

*“... a minha mãe tem o costume de dizer, né?: ‘É, tu não fala comigo’. É, mas ela não dá um espaço prá mim falar com ela...” (M2CL51)*

“... Se não dá prá falar com os pais, a gente tem que arrumar um amigo, um irmão, que nos entenda e dê conselhos. (...) ...pelo menos a gente desabafar...” (F2DA62)

“... conversar com o padrasto... é mais difícil. (...) Ele chega assim: ‘Ah, olha, tu não tem o direito de falar, porque fui eu que te sustentei. Teu pai te abandonou, mas se tu não tá satisfeita, vai atrás do teu pai...’” (F2JU71)

“... eu não existo prá ele [padrasto], e ele não existe prá mim. (...) Antigamente a gente discutia muito. (...) Quando eu quis que ele fosse realmente meu pai, ele não quis ser...” (F2FE72)

“... a minha mãe, ela fala as coisas comigo, só que eu faço que... não escuto...” (F2JR74)

“... eu não acho ela [mãe] minha melhor amiga.(...) Meu pai também não é muito, assim, de conversar.” (F3DK36)

“... eu conto tudo prá minha mãe. Ela sabe tudo da minha vida, né?” (F3SU39)

“... ela [mãe] não conversava esses assuntos [sexo] com a mãe dela, eu não tenho que conversar também. (...) Nossa conversa é bem mãe-filha...” (F3GI53)

“... qualquer assunto que eu queira conversar com eles, eles tão sempre prontos a ouvir. E eu acho isso importante, porque hoje em dia é difícil encontrar pais que ouvem os filhos.” (M4AL1)

“... muitas vezes os pais não se preocupam com o que tá acontecendo com o filho (...), que o filho tá amadurecendo, que ele não é mais uma criança, que ele já pode se abrir, que ele tem o direito de expressar o que tá sentindo.” (F4JU2)

“... tem coisas que eu não posso contar prá ele [pai], que eu conto prá minha mãe. (...) Eu procuro a opinião dos meus pais... Eu sei que eles, às vezes, são muito fechados, alguma coisa... Mas é porque eles já tiveram experiências. (...) Eu sei que eu devo confiar neles.” (F4CR7/10)

“Eu acho que a opinião do meu pai é fundamental... (...) ...ele conhece bastante a vida. Então, eu acho que ele me protege mais, porque ele já passou...” (F4LU22)

“... na verdade, eles [pais] estão certos. Eles já passaram... a gente tem que escutar eles mesmo.” (F4AN23)

“... não é só mais liberdade, mas mais amizade entre pai e filho, mais diálogo.” (F4PT44)

“... às vezes a gente tem que ouvir o que eles [pais] falam, e eles têm que ouvir o que a gente tem que falar. (...) Se eu fosse apoiada (...), eu iria ter uma vida melhor, futuramente.” (F4JU46)

“... o meu pai nunca conversa comigo por causa de drogas e essas coisas. Eu aprendo mais no colégio, na rua...” (F4MA47)

“... lá em casa, assim, não tem muito diálogo entre eu e meus pais, sabe? Assim, às vezes eu me sinto muito melhor contando prá uma amiga...” (F4PA47)

“... ela [mãe] ajuda a gente, tudo, mas eu não consigo me abrir com ela, falar o que eu sinto. (...) É difícil falar com os pais.” (F4PT48)

“Tem coisas que dá prá se abrir com os pais... mas tem coisas que não... que a gente não tem confiança de contar...” (F4CR51)

“... eu comecei a conversar mesmo com os meus pais quando eu tinha doze anos. (...) Tem que ter um acompanhamento dos pais, também, em todo... em toda a vida escolar... vida escolar, amorosa, sei lá...” (M4AL93/143)

“... a fase da adolescência é muito difícil (...). Muitas vezes, tem jovens que não ganham muito apoio dos pais, em suas dificuldades. Isso sempre causa uma revolta no jovem. Eu me sinto assim, pelo menos.” (F5VII)

“... muitas vezes, quando a gente tá precisando, é o pai e a mãe que ajudam (...), é eles que vão mandar em mim (...), porque eles são os meus pais.” (F5VI5)

“... o jovem se sente bem, tendo a confiança dos pais. (...) Cria, assim, aquela amizade entre pais e filhos. (...) Ele [pai] acredita em mim. Ele não vai acreditar no que os outros dizem.” (F5JU66)

“... o jovem se revolta, o pai fica nervoso, e aí começa aquela briga: o pai gritando, o filho gritando (...), e ninguém se entende mais. (...) A gente tem que ver que o pai tem que confiar no filho e o filho confiar no pai...” (F5VI67)

“... quando eu tenho um problema, assim, eu não falo com o meu pai. Eu venho, assim... falo com um amigo.” (M5JO120)

“... eu tenho muitas coisas que eu não consigo falar com os meus pais (...), que eu não posso falar com os meus pais...” (F5CA123)

“... quando os pais não falam com os... com os adolescentes... (...) eles também (...) vão ficar meio acanhados...” (F5JU125)

“... prá mim, o meu melhor amigo é o meu pai.” (M5WII26)

“... se o pai não fala com o filho, como é que o filho já... por exemplo, aos vinte anos, vai chegar pro pai: ‘Ah, eu conheci um cara legal, o que é que tu acha?’” (F5SU135)

“... se eu fosse mãe, se eu tivesse um filho, eu adoraria que a minha filha, o meu filho, viesse se abrir comigo, e não com os tios, tias, madrinhas, amigos. (...) Ser mais amiga...” (F5JU147)

“... quando tá prá explodir... daí, quando não tem mais solução, daí eu falo [para os pais]. Não adianta... sózinho a gente não consegue resolver mesmo. Mas, a princípio, tudo eu não falo.” (M6CL73)

“... a gente pensa besteira... Talvez se falasse [com os pais] não ia dar nada... Muitas vezes tu pensa alguma coisa, e tu não fala.” (M6CL159)

Tabela 6

Dilema 6: Seguir ou não os exemplos e conselhos paternos?

“... eu falo, ela [mãe] faz um escândalo, me prende. Daí sim, que eu não posso sair mesmo. (...) Não tem como falar...” (FIGR74)

“Muitas vezes também os pais não sabem o que eles querem...” (MIRO89)

“Muitas vezes eles se irritam, às vezes, até no trabalho. (...) Já começam a brigar (...), já começam a descontar em todo mundo.” (FIGR90)

“Lá em casa, a minha mãe quer que eu esteja em casa. Sempre que eu tô em casa, o som tá muito alto, então ela quer que eu saia. Quando eu saio, ela quer que eu volte. (...) É sempre um atrito.” (MINI92)

“... a gente não sabe com que humor eles [pais] vão chegar. (...) Tu te sente perdido, porque tu não sabe o que fazer, como fazer, e a hora que fazer.” (MIRO94)

“... tem pais que parecem que são paranóicos. (...) Às vezes tu não entende teus pais, porque eles falam assim (...): ‘Ah, tu só fica em casa, tu só vai na biblioteca, não sei o que... Tu precisa sair, ter amigos’. Daí, eu arranjo amigos, e aí, quando... ‘Ah, pai, eu posso sair?’... ‘Não, não pode, porque é perigoso... Vai estudar!’ (...) Aí, quando eu vou conversar: ‘Cala a boca, que eu quero olhar minha novela. Cala a boca, que eu quero olhar futebol.’” (F2JU11/20)

“Tem horas, assim, que parece que eu não entendo meus pais.” (F3DK131)

“... eu não vejo o meu pai como um exemplo. Vejo ele sim como um conselheiro. Que nem assim, se ele faz uma coisa errada, é claro que eu não vou fazer o que ele fez.” (M4AL30)

“... muitos pais aprontavam um monte, e agora não quer que eu faça. Eu não sei, eu não entendo isso.” (F4JU132)

“... de um lado, o pai e a mãe são carrascos; do outro lado, seria melhor tu ficar em casa. então, não dá prá entender. Chega na tua cabeça uma confusão... mistura tudo.” (F4JU172)

“... muitos pais, mães, bebem. Aí, fazem folia na rua, aprontam, brigam com outros, se metem em confusão. Muitas vezes os jovens seguem essa parte também. Também tem pais que bebem, e chegam em casa e vão bater na mãe. (...) É a mesma coisa... [o filho] vai chegar na rua e vai bater no colega...” (M5JO75)

“... tem muitos [adolescentes], também, que os pais, que a família, lá, é uma ótima família, que o pai faz tudo prá ele ter do melhor. (...) Só que ele... ele se desvia, ele vai pelos amigos, só. (...) Não quer saber do que a família pensa.” (F5CA76)

“... o meu pai fuma, né? Não é por causa que ele vai fumar que eu também vou fumar. (...) Eu acho que tu... tu tendo tudo aquilo ali, perto, fica até mais fácil, né? (...) Sei lá, se tu tem vontade de experimentar (...), prá que é que eu vou sair prá rua, se tem dentro de casa?” (M6CL25/26)

Tabela 7

Dilema 7: Estão os pais interessados nas conversas dos filhos?

*“Se eles [pais] são muito brutos com a gente, eles não querem escutar, só ficam proibindo. Então, o jeito é escondido mesmo...” (FISU43)*

*“... eu falo, ela [mãe] faz um escândalo, me prende. Daí sim, que eu não posso sair mesmo. (...) Não tem como falar...” (FIGR74)*

*“... Às vezes eu até tento falar com o meu pai. Ele diz: ‘Ah, fala com a tua mãe’. (...) Parece que ele tem medo de saber o que é que é... tem medo de saber que eu tô aprontando alguma coisa.” (FICA100)*

*“... muitas vezes eles [pais] não prestam atenção pro que a gente fala. (...) Daí, depois eles ficam sabendo por outras pessoas. Daí, vêm e descontam na gente. (...) A gente tenta explicar, mas muitas vezes eles não dão bola.” (FILO102)*

*“... a minha mãe aconselha a gente xingando, gritando (...) Eu tento me abrir com ela, (...) ela começa a xingar (...), e nem tá ligando mais pro que eu tô falando. (...) O meu pai é bem mais compreensivo...” (F2SA54)*

*“... o conselho deles [pais] é xingão. (...) Ou eles tão te xingando, ou eles tão conversando contigo sobre coisas que não te interessam, né?” (F2JU60)*

*“... Eles têm que falar o que tá errado, mas não xingando.” (F2DA64)*

*“... ele [pai] não deixa tu terminar de contar, ou tu te explicar. Ele começa a xingar, porque ele tá certo, porque ele tem sempre razão.” (F2JU67)*

“ [referindo-se ao que diz seu padrasto] ‘Aqui em casa não tem lugar para filha desobediente, e não sei o que... Se tu me aprontar uma, tu não é mais minha filha!’ ” (F2JU71)

“... a minha mãe, ela fala as coisas comigo, só que eu faço que... não escuto...” (F2JR74)

“... os pais, eles se intrometem muito nas coisas que... que não dizem respeito a eles... apesar de eles ter que saber tudo o que acontece com os filhos deles, né? (...) Ela [mãe] é muito metida.” (F2DA76)

“... o meu pai, se ele vê meio à vista a minha agenda, ele gosta de dar uma olhadinha. (...) ... as minhas amigas não faz mal que leiam... tudo o que acontece eu conto. Mas o meu pai, ele é muito enxerido.” (F2SA80)

“... tem que respeitar e também ser respeitado. (...) Eu não mexo nas coisas da mãe, né?... e também não gosto que ela mexa nas minhas coisas, né?... Ela tem mania de revirar as fitas [cassetes com músicas], né?... e eu dou um toque prá ela, né?” (M2CL82)

“Tem pais que adoram se meter nos gostos musicais. (...) ‘Isso aí não é música prá ti... Isso aí é lixo!...’ ” (F2JU83)

“... agora ela [mãe] se interessa no que eu gosto de escutar. (...) Depois da conversa que a gente teve sobre música.” (M2DI85)

“... a família deve estar mais unida, naquela hora em que o filho cai... prá levantar ele... prá dar força, prá aconselhar, e não prá fazer mais... esculachar ele, ou falar assim... chamar ele de vagabundo.” (F4CR43)

“ A gente tá falando, e ela [mãe] tá olhando pro lado... tá fazendo outra coisa. Daí... desanima.” (F4PA61)

“Às vezes, um adolescente tem muito mais problema... não é problema... assuntos que tem prá resolver do que um adulto...” (F4JU91)

“Muitas vezes a gente gosta de uma pessoa, e vai conversar com a mãe. Daí, ela começa a dizer: ‘Não, porque aquele guri não presta, porque não, porque não pode’. (...) Eles [pais] têm que ter noção de que é o que a gente quer.” (F5VII29)

Tabela 8

## Dilema 8: Aproximar-se ou não dos pais

*“... a gente também tem medo de falar com os pais... Eu nunca falei com a minha mãe sobre alguma garota...” (MINI72)*

*“... a gente tem medo de chegar neles e perguntar as coisas.” (F1MA104)*

*“A gente tem medo... como é que vai ser a reação deles.” (F1GR105)*

*“... conselho prá mim, bah, não adianta dar. (...) Eu sei que é pro meu bem... mas fica martelando... O jeito da pessoa falar eu sei que é muito importante.” (F2SA52/54)*

*“... quando a mãe fala um negócio assim, eu sei que é certo (...), mas mesmo assim, só por birra, eu digo: ‘Não, a senhora tá errada’... Por que, né?... se eu sei que tá certo?...” (M2CL53)*

*“Mesmo a gente conhecendo, a gente fica com medo de falar, e eles [pais] xingar, ou eles falar: ‘Isso aí tá errado. Tu não deve fazer isso aí’...” (F2DA64)*

*“... muitas vezes é assim: tu sabe que tu tá errado, e que tu não pode conversar com o teu pai, porque é claro que ele vai te repreender... mas como tu é rebelde, tu não vai ouvir (...), tu não vai aceitar direto.” (M2DI65)*

*“Muitas vezes a gente não se abre com os pais só por medo da restrição.” (M3JU38)*

*“É difícil [falar com os pais], porque a gente tem medo, né?... medo que ele vá me bater.” (F4MA49)*

*“Existem coisas que... na vida da gente que, nem com o tempo, nem arrumando o melhor amigo, o melhor pai, a melhor mãe, a gente não pode contar... Porque se a gente contar, a gente tem medo. (...) Já pensou alguém descobrir?... A tua vida vai abaixo.” (F4JU63)*

*“Tem uns [jovens] que não aceitam conselhos.” (M5RO72)*

*“... Se tu aceita um conselho do pai, fala que tu tá seguindo as coisas de um adulto e tal, tu vai ser careta... antigo... Não, tu vai aceitar o conselho, assim, do jovem... que tá mais atualizado.” (M5JO133)*

*“... Se tu vai contar tudo [aos pais] o que tu faz, então tu não faz, né? (...) Se tu acha que tu fez errado uma coisa, tu não vai falar, né?” (M6TI78)*

Tabela 9

Dilema 9: E agora, em quem confiar?

*“Muitas vezes a gente procura outra pessoa prá falar, se abrir, assim, com amigos, ou um tio, uma tia (...) ovelha-negra da família. (...) E o meu pai não quis que eu tivesse um relacionamento mais próximo com ela [tia-ovelha-negra], por causa disso. (...) Achou que ela era um exemplo muito mau prá mim...” (FICA106)*

*“... com os pais tu não tem aquela desenvoltura, assim, prá falar. Tu fala mais com amigos, com primos, gente mais da tua idade, assim.” (MIRO112)*

*“... Eu sempre falo com o meu irmão, né? (...) Daí, ela [mãe] quer ficar braba comigo. (...) Eu gosto sempre de seguir os conselhos dele. (...) É um cara mais velho, e mais experiente, né?” (M2CL51)*

*“... eu brigo com o meu irmão e tudo, mas tudo o que eu falo prá ele, ele me aconselha. (...) Eu pergunto, mas muitas vezes eu não faço. (...) É só prá ter o que eu conversar com ele...” (F2DA62)*

*“... então, primeiro tu fala com um amigo (...), porque os dois, as idéias, assim, batem.” (M2DI65)*

*“... a gente vai se abrir com um amigo... (...) Amigo verdadeiro é claro que repreende a gente, né? Mas daí ele vai concordar com a gente, mesmo se a gente tá errado. Mas o pai... o pai e a mãe não.” (F2SA66)*

*“Ele [amigo] pode até te repreender, mas ele vai conversar contigo numa boa...” (F2JU67)*

*“... até a linguagem é diferente, né?... dos pais... (...) Com o amigo tu já pode usar uma gíria (...), o jeito de falar também é diferente. (...) A idade é a mesma, o pensamento também fica sendo igual.” (M2CL68)*

*“... Eu prefiro mil vezes o conselho das minhas amigas, da D., do que da minha mãe e da minha vó.” (F2JR74)*

*“... eu conto as minhas coisas, assim, tudo prá minha melhor amiga...” (F3GI53)*

*“... Eu acho melhor (...) falar com um amigo. E às vezes até as opiniões que eles dão, seria melhor as da mãe, né?” (F4PT48)*

*“... sempre falo, assim, com uma amiga. Dai depois eu pergunto a opinião do que faria, assim, no meu lugar, assim. Daí eu penso sobre a opinião dela e sobre a minha, né?... para saber qual... chegar à conclusão.” (F4PA52)*

*“Eu já não sou de me abrir, assim, com uma amiga. Eu falo prá minha mãe, e muitas coisas que eu não consigo, eu coloco no papel. (...) É uma forma de desabafar. (...) Ele não vai poder contar prá ninguém.” (F4CR51)*

*“É errado ter confiança... Um dia tu fala uma coisa... as pessoas falam prá todo mundo.” (F4JU55)*

*“... a gente sente falta de uma irmã da mesma idade (...), de ter uma pessoa da tua idade, com a tua cabeça, assim, sabe?... nem muito criança, nem muito adulta, do teu lado, assim, prá tu contar, prá tu dividir, que tu sabe que a tua vida é paralela com a dela (...), as mesmas coisas, os mesmos conflitos. (...) ... que vocês duas podem arrumar uma solução para aqueles dois problemas.” (F4CR62)*

*“Tem que saber escolher, também, os amigos.” (M4RI56)*

*“Isso já gera a individualidade. (...) A gente não pode, sei lá, sentar num grupo e começar a desabafar... A gente prefere guardar tudo prá gente.” (M4AL57)*

*“Eu acho melhor (...) escrever... depois rasgar e botar fora, do que falar com uma pessoa... Porque hoje em dia... amigo... muitos deles são falsos.” (F4PR64)*

*“Às vezes, tem coisas na vida da gente que a gente pensa assim: ‘Bah, não tenho um amigo, não tenho alguém prá desabafar’. Tu não confia em ninguém que tu pode contar aquele problema, e que tu vá dizer assim: ‘Não, agora aquilo tá resolvido’. (...) A gente perde a vontade de viver, perde a vontade de se abrir, a vontade de sorrir. Tem momentos da minha vida que já aconteceu isso.” (F4JU67)*

*“... hoje em dia, eu não consigo ter confiança, assim, nos meus colegas, no meu pai.” (F4AN86)*

*“Às vezes a gente não confia na pessoa, porque tá cansada de quebrar a cara. (...) Prá minha mãe eu me abro... mas com amigos, assim, me abrir por coisa que aconteceu comigo, que ela pode me prejudicar... não.” (F4JU87)*

*“... eu não sou tão aberta... porque eu já me decepcionei muito, muito, com as pessoas que eu tentei me abrir... e me dei mal.” (F4PR88)*

*“... tem aqueles amigos que levam pro... pro mau caminho (...), mas tem aqueles que ajudam.” (F5VI67)*

*“... tem muitos [amigos], assim, que só pensam em si mesmos. (...) Se eles estão nas drogas, eles querem levar os outros todos que estão ao redor deles... Agora tem aqueles que, se tem alguém na droga, ele quer tirar, ele tenta ser... ele é amigo de verdade.” (F5CA70)*

*“... eu venho e falo pros meus amigos. (...) Eu também sei quais os amigos que eu posso falar, e quais não. (...) Tem uns que eu posso me abrir completamente. (...) Eu sei que eles vão me ouvir, e eu também ouço eles.” (F5CA123)*

*“... a gente acha, assim, melhor, mais confortável prá nós, se abrir com um amigo, com um adolescente da nossa idade, que parece (...) que ele vai entender melhor a gente... Parece que os pais têm problemas demais, têm que estar trabalhando, já sustentando a casa... a família.” (F5JU125)*

*“... a gente vai se abrir com um adolescente. Ele tem... ele sabe que ele tem mais ou menos a nossa idade, né?... mais ou menos a mesma cabeça da gente. então, a idéia dele é que prevalece. (...) A dos pais... dos mais velhos... eles não... eles já foram... já foi a idade deles.” (F5CA131)*

*“Eles [amigos] podem entender mais... eles conseguem entender mais a gente do que os pais.” (F5JA132)*

*“... às vezes o adolescente se abre... deixa de se abrir com o pai, com a mãe, e vai se abrir com uma... com uma tia... (...) Eu tenho tias, assim, que são... que tem aquele tipo mais adolescente, sabe? (...) Dá prá se abrir com elas.” (F5JU135)*

*“Eu acho melhor, assim, falar com um amigo, porque pode ser que ele também já passou pela mesma situação que a gente passa.” (F5JA136)*

*“... muitas vezes a gente já se abre com um amigo da gente, assim, adolescente... Ou ele já passou por aquilo ali, ou ele também tem experiência com amigos... e que ele vai ajudar a gente.” (F5CA138)*

*“... Tem que saber escolher os amigos.” (F5SU144/146)*

“... se o pai proíbe... proíbe a pessoa de sair, o adolescente, ele vai lá, ele chega num bolinho de amigos, oferecem [drogas] prá ele... ‘Ah, eu vou usar... vou mostrar pro meu pai que eu posso...’ (M5RO6)

“Muitas vezes também a droga é um refúgio do adolescente porque, prá ele poder sair, esquecer muitos dos problemas que ele tem em casa...” (F5CA7)

“... ele [adolescente] vai lá [usar drogas] só por birra, só prá mostrar que pode... que vai... prá dizer que o pai e a mãe não mandam... que ele é dono do seu próprio nariz...” (F5JU10)

“... os amigos vão pressionando, né?... até que pega e usa [drogas], e não larga mais.” (F5VII1)

“... se não pega [drogas], os amigos vão chamar de careta... e daí, o jovem... o adolescente, ele não vai querer ser chamado de careta...” (F5CA12)

“... o maior medo do jovem é ser discriminado entre os amigos... porque se não usar [drogas], se não fazer o que os amigos fazem, o jovem é chato... é bobo... não faz nada... É um trouxa que não faz nada.” (F5DA13)

“... depende, assim, da criação... Se o meu pai e a minha mãe me ensinam daquele jeito (...), a fazer sempre o bem, e nunca, nunca usar isso [drogas] (...), a gente não vai querer usar.” (F5SI16)

“... a gente sai na rua, e os outros ensinam uma coisa totalmente diferente. (...) Ah, pros outros ver que tu pode, tu tem que usar droga, e tem que brigar com todo mundo, assim, prá todo mundo ter medo de ti, prá ver que tu pode mais que eles...” (F5VII7)

“... geralmente é assim: os pais que espancam os filhos... que não tentam nem... que não tem nenhum pingão de compreensão com os filhos... estes tentam se refugiar nas drogas.” (F5JU24)

“...quando não há diálogo entre os pais e os filhos, e o filho vai conversar com um amigo, e o amigo dá um mau conselho... é aí que surge a má influência.” (F5SUI44)

“... imagina tu numa festa... Bah, todo mundo animado, e tal. (...) Muita gente tá lá, fumando [alguma droga]... sei lá... Só... só tu tá fora daquele grupo... Tu fica meio assim... Não ia sentir uma vontade de experimentar?... Sei lá... acho que sim.” (M6CL156)

“Tem gente que, quando o pai vai embora [trabalhar], assim, ele... o pai e a mãe, né?... Daí eles [filhos] querem mais... daí eles vão ter mais liberdade, né?... Daí eles... a maioria sai prá rua, daí, e experimenta... e aí começam a experimentar as coisas [droga,

*bebida]... Daí a acompanhar... as companhias... daí começam até a roubar... Nem todos, né?”*  
 (M6VA177)

Tabela 10

Dilema 10: É necessária uma educação diferenciada para gurus e gurias?

*“... os gurus sempre têm mais liberdade... As gurias... têm sempre aquele receio de engravidar...”* (MIRO30)

*“No meu caso, o meu pai quer sempre que eu esteja em casa...”* (F1SU97)

*“... os gurus escolhem o dia que vão ficar em casa... e a guria, se não ficar em casa?... Só ficam em casa... não tem o que escolher. (...) Ela [mãe] me diz que não tem dinheiro só prá mim não poder sair”* (F2DA34/36)

*“Acho que os pais são liberais. (...) A única coisa que tem... que impede eles assim... é uma coisa de não deixar nós sair. (...) O perigo é igual prá ambos os dois.”* (F2DA39)

*“... ele [irmão] tem a mesma cabeça, o mesmo modo de pensar do que eu... Porque é que eu também não posso voltar à meia-noite prá casa?”* (F3SA56)

*“... namorar... o guri pode... a guria não...”* (F3GI60)

*“... é bem assim... se foi o filho dele [do pai] que deu uma cantada na guria: ‘Ah, tá bom... parabéns!’”* (F3GI62)

*“... elas correm o risco de acontecer alguma coisa com ela, assim, que nem ela andando sózinha, assim... Os gurus não (...), eles andam mais de grupo, assim.”* (M3EL66)

*“... quando tu tiver tua filha, tu não vai deixar a tua filha fazer o que ela quiser.”*  
 (F3GI72)

*“... os pais acham, assim, que os gurus, assim, conseguem se defender... sair de noite, né?... E as gurias não (...), tem que sair sempre junto, assim... Essa história de ser mais forte e as gurias mais frágeis.”* (F3RO74)

“... [referindo-se ao que perguntou ao pai] ‘Por que é que o A. [irmão] pode beber, e eu não posso?’... ‘Ah, é porque o teu irmão é guri’... Ai, volta tudo de novo aquela história... e começa aquela briga.” (F3SA75)

“... eu acho que as meninas (...), a mamãe fica lá, agradando... e daí fica mais frágil, também. (...) e é por isso que os pais deixam os filhos [homens] fazerem o que querem. (...) Mas acho que as gurias têm mais cabeça do que os guris.” (F3RO76)

“... cada coisa que elas [adolescentes] tão fazendo, elas tão pensando o que é que pode acontecer... Eles não... tão pensando na tunda que podem levar, quando chegar em casa. (...) Eles chegam, botam a boca... Meu irmão é assim... não diz aonde vai... chega a hora que quer... faz o que quer...” (F3DS77)

“... eu, que venho na escola, assim, que não gosto de faltar, eu escuto mais do que o meu irmão, que gazeia a aula. (...) Por que não cuidar mais dele... e me deixar? (...) Eu não entendo isso... Só porque eu sou guria, e ele um guri?” (F4PR146)

“... pode ver... eles [meninos] sempre saem mais cedo, assim... prá sair de noite, sabe?... Pode ver... a guria da mesma idade, ela fica em casa... Os pais não deixam sair.” (F4AN156)

“Mesmo ela sendo mais velha...” (F4PR157)

“... [um menino] pode sair todo fim-de-semana... e a guria uma vez por mês, e olhe lá, ainda.” (F4PA158)

“... ela [mãe] falou assim, ó: ‘O guri sabe se defender melhor do que a guria... sabe se defender na porrada...’” (F4CR159)

“... eles [pais] acham que os guris são mais responsáveis do que as gurias (...), fazem menos besteira.” (M4RI160)

“... geralmente essas gurias que engravidam... as gurias são umas sem-vergonhas, não prestam, só... mas os caras são muito machos (...), prá cima... (...) É sempre assim...” (F5SI87)

“... é o pai da gente quem mais incentiva, nesse caso de garotas(...): ‘Pô... o meu filho, se não me sair com uma garota lá, ele é marica’. (...) Ele sempre tá incentivando... (...) A única coisa que ele não incentiva é as drogas... sempre quer a gente longe. (...) Quer que saia bastante, à noite...” (M1NI68)

“... essa liberdade dos guris, né? Isso é um problema, porque eles saem, e essa história de drogas. Muita liberdade também pode levar a drogas, coisas assim, e morte também.” (F3RO109)

“... lá em casa, pô (...), onze, doze anos aí... bah... falar, o meu pai não falava... mas tá lá... assinatura de revista... Playboy ou coisa assim, né?... bah... chegava todo mês... Fita pornô mesmo, ele... bah... botava na minha mão... Fazia coleção de fita. (...) Uma forma que ele encontrou foi essa... da fita... da revista... coisas assim... sei lá... prá preparar... sei lá... uma coisa assim.” (M6CL159)

“E o guri não engravida, né?” (M4AL161)

“... muitas vezes, prá sair num lugar [o pai ou a mãe] também diz não... Como é que o irmão da gente pode?... ‘Ah, porque ele é homem... ele não engravida’... A gente engravida se a gente quer.” (F1GR36)

“... a mentalidade dela [mãe] é assim (...): a gente vai começar a namorar o cara (...), ela diz que a primeira coisa que a gente vai pensar é em ir prá cama com o cara...” (F1SI55)

“... os pais têm muito medo da filha transar. (...) Eles têm medo do nome deles, na vizinhança. (...) eles têm medo de serem apontados na rua...” (F1CA57)

“... tem pais que falam assim, ó: ‘Ai, guri não tem perigo... agora, guria... vai voltar grávida.’” (F2JU42)

“... Ah, tem que casar virgem... Ai, tá louco! (...) Eu acho assim, ó: se a guria quer... se é opção da guria... aí ainda tá... mas se o pai tá obrigando ali: ‘Casa virgem... casa virgem...’ (...), ou senão fazer um exame prá saber se tu é virgem antes do casamento... eu acho assim... furada.” (F2SA44)

“... que nem assim: Ah... transa com um hoje... com outro amanhã... Ah, tudo bem, né?... Agora, se tu vai transar com um cara, e sabe que é com ele que tu vai ficar... se tu vai ter certeza de uma coisa assim... eu acho que não vai ter problema.” (F2SA46)

“... pros pais... prá eles saberem que a filha deles é virgem... prá eles é uma notícia boa.” (F2DA47)

“A minha mãe pensa que, se a gente sai muito, assim, pros lugares, fica falada pelos outros... por isso ela deixa eu em casa... e é difícil deixar eu sair.” (F3JO14)

“... ela não deixa eu sair prá não ficar falada pelos outros.” (F3SU20)

“... que fiquem grávidas, ou uma coisa assim, é a preocupação dos pais.” (F3DS121)

*“E é esse também o motivo por que os guris podem sair, né?... de noite... todo o tempo que quiserem...” (F3RO122)*

*“... posar fora também é outro problema. (...) E ele [pai] quer saber, não deixa eu posar, assim, em lugar que ele não conhece... Tem que conhecer todo mundo... Tem que ver tudo, sabe?... Se ele pudesse, ele entrava na casa [das amigas da filha], prá olhar como é que é...” (F3RO132)*

*“Minha mãe não deixa eu posar fora, na casa de amigos. (...) Eu acho que daí, então, eles [pais] tinham que ter confiança na gente.” (F3JO133)*

*“... esse medo da filha... ou do filho, né?... ficar mal falado... eles [pais] prendem mais o filho.” (F4PR3)*

*“... a guria vai ficar muito mais mal falada do que o guri... Porque o guri engravidou, o guri é porrudo (...), e a guria que engravidou é uma chinelona... é uma puta.” (M4AL165/167)*

*“... algumas adolescentes engravidam, prá sair logo de casa... prá se livrar logo. (...) Porque cria aquela revolta, então elas querem se livrar logo dos pais... sair de casa... não precisar mais depender dos pais...” (F5JU86)*

*“... garotas que vão prá escola grávidas... com quinze, dezesseis anos (...), algumas nem sabem quem mesmo é o pai. (...) Eram presas, daí encontram algum garoto, e ele é mais vivo do que ela e engravidam...” (MINI45/49)*

*“... a gente pode engravidar... Os guris às vezes não assumem, né?... geralmente ninguém... nenhum assume que o filho é dele.” (FILO65)*

*“... muitos pais não botam na cabeça [do filho] de... se caso engravidar, têm que assumir... (...) Só botam que tem que agarrar [as meninas], que tem que fazer de tudo.” (FIGR126)*

*“... aquela história assim: ‘Se... minha filha perdeu a virgindade...’ Nossa Senhora!... É pau na hora... ou então vai de castigo, ou então é repreendida severamente... Mas se o guri... se ele transou com uma guria... Bah... méritos prá ele, né?... mais uma!” (M2DI43)*

*“... às vezes a guria é uma santinha, é um anjinho, e o guri foi lá, e conseguiu conquistar ela, e ela tá se ralando agora, com uma barriga, lá...” (F4JU168)*

*“... o pior é que tem uma diferença, assim, ó... que a mãe sofre mais do que o pai. (...) Quem é que vai estar lá, amamentando?... Quem é que vai estar se preocupando com as coisas, quando estiver doente, com febre?” (F4CR169)*

“... tem vezes que o cara dá no pé (...), e ela fica na rua... não tem prá onde ir... e tem que continuar com os pais.” (F5JU86)

“... muitas gurias (...), por quererem muita liberdade, elas acabam ficando sem nada, porque elas pensam ‘Ah, eu transando com ele [namorado bem mais velho], ah, eu vou ter muita liberdade, meus pais não vão ficar sabendo’. Aí, onde acaba que o cara não se previne, né? O cara leva ela, e ela acaba engravidando...” (F5CA88)

“No telefone também [o pai] fica virado, quando é um guri que liga prá mim... querendo falar comigo.” (F3DK37)

“... também tem aquela velha história, né?... ‘Guria não pode ser amiga de guri. (...) Tudo que é homem é cafajeste’.” (F4PR99)

“ Eu tinha um amigo. (...) Eu adorava ele... Sempre que eu tinha um problema, eu falava, assim, prá ele, né?... por cima... Daí, minha mãe começou, né?... ‘É... porque não sei o que... É homem... Depois, as vizinhas te vêem com ele... depois começa aquela coisa...’” (F4AN100)

“Todo o lugar que eu tenho que sair, eu tenho que levar o irmão junto (...) tipo um guarda-costa...” (F1GR10)

“... aí, eles [pais] falam assim [ao menino]: ‘Sai com a tua irmã, prá ir no mercado... Vai junto com ela. (...) Tu é o homem da casa!’” (F2SA28)

Tabela 11

## Dilema 11: Sexo: pais e filhos desinformados e envergonhados

*“... elas [mães] não se abrem com nós... elas não explicam... A minha mãe não fala nada... não toca no assunto sobre sexo, prá mim... Se eu quiser, eu tenho que descobrir sózinha.” (F1EL26)*

*“... ela [mãe] tem muita vergonha, também... sei lá... de falar prá gente o que é sexo... ou algumas coisas que a gente tem que evitar. (...) O que mais me explica é o meu pai...” (FILO65)*

*“... eu não tenho como falar com a minha mãe... (...) Tudo o que eu sei, aprendi na escola... ou aprendi com as minhas amigas... ou na aula de ciências... ou em livros e revistas. (...) Ela [mãe] não ia me responder... ou ela ia enrolar... ou ela ia rir... ou ela ia sair. (...) Quando passa alguma coisa [sobre sexo] na TV, assim, ela dá um jeito de mudar de canal... ou então ela sai (...) Eu acho que eles [pais] já não falam sobre isso [sexo] com a gente, com medo que a gente faça.” (FICA66)*

*“Se a gente vai perguntar, assim, prá mãe, sobre esses assuntos [sexuais], ela já vai achar que a gente tá tendo relações... ou querendo ter... Daí, elas [mães] já não falam... já começam a aumentar o tom...” (FIGR69)*

*“Tem coisas que a gente sabe melhor, muitas vezes, do que os pais (...), que a gente aprende na escola.” (MINI103)*

“... falar com o pai, ou com a mãe, sobre sexo... O que é que eles vão poder explicar pro cara?... Nada!... Porque nós mesmos, o pouco que nós sabemos, sabemos mais do que eles.” (MISA110)

“A minha mãe também disse que eu posso namorar depois dos quinze... mas agora (...), ela tá querendo mudar... passar pros dezoito. (...) Eu vou ter que dar um jeito de conversar com ela (...), dizer tudo prá ela... do que eu penso... do que eu sinto...” (F1GR115)

“... Os pais têm que confiar mais na gente.” (F3SU20)

“... brincar... conversar bastante... rir bastante... Agora, prá essas coisas assim, meus pais são liberais. (...) Prá namorar... já não... Eles pensam que tudo tem o seu tempo... que eu tenho muita coisa prá viver, ainda... prá daí sim namorar.” (F3AN46)

“... eu não sou muito de conversar com a minha mãe, assim... Ela é meio atrasada... (...) Daí, ela pensa que eu não preciso estar conversando essas coisas [sexo] com ela... que eu tenho que me virar...” (F3GI49)

“... [referindo-se ao que seus pais diriam, se quisesse namorar] ‘Que namorar?... Vai brincar de ursinho no quarto, guria!’” (F3DS64)

“... [idem acima] ‘Vai brincar com as tuas bonecas!... Não é idade, ainda.’” (F3GI65)

“... os pais têm vergonha de conversar sobre o sexo... sobre as doenças que pode trazer... sobre outras coisas... O pai fica com medo... e o jovem vai e faz, sem saber.” (M5JO91)

“Pro adolescente falar em sexo, antigamente, quando eles [pais] eram adolescentes, falar pros pais deles era um escândalo, né?” (M5RO134)

“... falar do sexo com o pai... se nunca falou?... Claro que o pai não vai dizer: ‘Ah... tu gosta... vai fazer sexo com alguém, vai’. Nenhum pai vai dizer isso... por mais que um filho tenha uns trinta anos, quarenta...” (F5SU135)

“... lá em casa, pô (...), onze, doze anos aí... bah... falar, o meu pai não falava... mas tá lá... assinatura de revista... Playboy ou coisa assim, né?... bah... chegava todo mês... Fita pornô mesmo, ele... bah... botava na minha mão... Fazia coleção de fita. (...) Não tinha essa liberdade de falar, mesmo... (...) Pois eu acho que essa foi a melhor forma que ele achou, assim, de explicar. (...) Eu vi ele falando assim... ele não viu que eu tava por perto... ele falando que, na cabeça dele (...), que o certinho... o ali... tudo na linha... o que precisa, a escola ensina... vai na ciência. (...) Agora, fugindo daquilo ali, é meio difícil do pai falar.” (M6CL159)

*“Que nem no meu caso... eu até tenho liberdade de perguntar [ao pai, sobre sexo]... normal... só que eu já não... quanto a isso eu já não pergunto... Sei lá... eu já... eu prefiro encontrar outras formas... sei lá... algum livro até... ou uma coisa assim...” (M6CL171)*

*“Eu aprendo mais [sobre sexo] através dos livros.” (M6VA174)*

*“... tem filmes que se fala... bah... proibidos para menores de dezoito anos, né?... Mas bah... tem coisas ali... que muitas vezes assim... que os livros nem falam... que (...) te dá um monte de curiosidade, assim... que tu já tem um monte de curiosidade de perguntar prá alguém... coisa assim.” (M6CL175)*

Tabela 12

Dilema 12: Papéis familiares: gurias “donas-de-casa” e guris “protetores”

*“... o guri [irmão] nunca faz nada... O que ele sabe fazer é olhar TV, ir prá escola, comer, e dormir. (...) ‘Vai fazer a comida pro teu irmão... ele trabalhou o dia inteiro’ [referindo-se a uma ordem do pai]. (...) Quando ele faz uma coisa... Meu Deus!... é uma festa lá em casa... é o rei, né?... Agora eu... faço todo o dia a mesma coisa... É... ‘Ah, porque tu só faz, porque é tua obrigação... Tu não trabalha... Tu tem que limpar a casa’ [referindo-se a uma explicação do pai].” (F2JU22)*

*“Eles [pais] dizem: ‘Ah... porque tu é a moça da casa’.” (F2SA23)*

*“... se uma guria vê eu falando, ela diz que é mentira, que eu não sou capaz de limpar a casa.” (M2DI27)*

*“... aí, eles [pais] falam assim [ao menino]: ‘Sai com a tua irmã, prá ir no mercado... Vai junto com ela. (...) Tu é o homem da casa!’” (F2SA28)*

*“... o meu irmão vai aonde ele quer... e eu não posso ir em lugar nenhum... (F3DS58)*

*“... desde pequeno, o guri, assim, desenvolve aquele lado assim... de machão, né?... O pai fala: ‘Ó... te machucou?... Tu não pode chorar, né?... Tem que ser machão... Tem que ser forte...’” (F3RO76)*

*“... [reproduzindo uma ordem do irmão] ‘Teu serviço é vir aqui... me tratar!’ (...) Aí, eu tenho que ir... Se eu não for, ele me xinga...” (F3AN82)*

*“É... guria dentro de casa é empregada.” (F3GI85)*

*“... ele [irmão] fala assim: ‘Guria tem que esquentar a barriga no fogão, e esfriar no tanque!’” (F3AN87)*

*“... a menina tem que ser dona-de-casa... e o menino tem que ser macho.” (F4CR148)*

*“... lá em casa, o meu irmão faz de tudo... bagunça a casa... mas a gente tem que estar sempre limpando, né?... A mãe manda ele, assim... aí o pai já fala assim... chama ele prá fazer outra coisa, né?... Não deixa ele fazer [o serviço doméstico]... Daí, a gente tem que acabar indo lá fazer.” (F4PA152)*

*“... a gente [meninas] sabe pensar... Os pais da gente pensam que a gente não tem responsabilidade, que a gente é criança demais prá tudo...” (F1CA32)*

*“... quem tem vontade sempre é o homem, sabe?... Nada a mulher... nunca pode nada...” (F1GR36)*

*“... se revoltar com essa pressão toda. (...) Tive uma briga com o meu pai. (...) Me sentia na obrigação de fazer uma coisa que ele não soubesse, uma coisa que ele não queria, também... E eu comecei a fumar (...), só que eu não sentia nenhum prazer naquilo...” (F1CA98)*

*“[emocionada]... quando eu faço alguma coisa, eles [pais e irmãos homens] não valorizam o que eu tô fazendo... Eles só sabem o que ela [irmã mais velha] tá fazendo... O que eu tô fazendo, eles não sabem...” (F2DA21)*

*“... daí eu falo [aos pais]: ‘Por que ele [irmão] não pode ajudar? Ele também é filho!... Ele é filho igual a eu!’... Daí, eles [pais]: ‘Ah, mas tu é a moça da casa’. (...) Que eu sei o homem tem a mesma capacidade de aprender do que a mulher. (...) Eu acho que isso de estar separando os sexos, prá fazer certas coisas, é uma besteira... principalmente dentro de casa.” (F2SA28)*

*“... aí o meu pai começa: ‘Eu queria que a P. [filha do vizinho] fosse minha filha, porque ela limpa a casa...’. (...) Mas eu e ela limpamos a casa do mesmo jeito (...), mas os pais da gente nunca reconhecem.” (F2JU30)*

*“... só porque ele [irmão] fez [o serviço doméstico] uma vez na vida... É... uma vez na vida... porque ele não faz nada... Daí, ela [mãe] acha o máximo (...), e ele fica mais bobo ainda.” (F2SA32)*

*“... parece que a gente [meninas] não tem importância...” (F2SA37)*

“... quando a gente recebe um elogio, na escola, do professor ou de um colega (...), daí eu cheguei em casa e contei pro meu pai... e daí, o J. [irmão] começou: ‘Ah... ela já chegou se gavando, de novo... Já parou de se gavar? Vai fazer o almoço, que eu tô com fome.’ (...) E o meu pai: ‘Ah... pára de se gavar, também!’” (F2JU38)

“... o meu irmão vai aonde ele quer... e eu não posso ir em lugar nenhum...(F3DS58)

“... [referindo-se ao fato de ter que servir ao irmão, em casa] Eu agora já fui acostumada assim... eu já tô acostumada...” (F3GI94)

“... as gurias também sabem se cuidar... Não é só os guris que se cuidam. (...) ‘É guria... é frágil... não sabe se cuidar’ [referindo-se a expressão utilizada pela família]... É frágil... mas nem tanto, né?” (F3GI68)

“... às vezes eu até falo pro pai: ‘É... eu devia ter nascido homem!’... Poder sair... fazer o que quiser... beber... que não tinha problema.” (F3SA75)

“... [referindo-se ao fato de o irmão não respeitar a mãe] Se é nós [meninas]... Nossa!... Um tapão do lado do ouvido, e tá pronto.” (F3DS79)

“... isso eu acho errado, né?... Tem que tratar e educar os filhos iguais... Não pode ter diferença em nenhum dos dois... ou mais.” (F3SU80)

“... eu não faço o que meu irmão pede... Ué, quer fazer?... Levanta a bunda da cadeira, vai lá, e faz! (...) Ele [irmão] se vira... É homem prá isso... Tem que aprender a fazer as coisas...” (F3DS91/93)

“... ele [irmão] nem dá bola [para o que a mãe lhe fala]... Ele faz as coisas que ele quer... ele suja o que ele quer... e, se a gente reclama, ele: ‘Ah, limpa depois... não sujou muito’... Ai... me dá um nojo disso...” (F3SU97)

“Mas a gente não vai fazer as coisas quando eles [irmãos] mandam. (...) Antes que eles comecem a incomodar, a gente já vai lá, e faz de uma vez... prá eles parar.” (F3AN98)

“... eu não gosto dessa liberdade que os guris têm.” (F3SA100)

“Lá em casa, eu falo: ‘Ai... vocês tratam ele [irmão] melhor do que eu. (...) Não é igual... Vocês tratam ele diferente’... Ontem de noite, lá em casa deu briga.” (F3AN101)

“... ele [irmão mais jovem] faz [tarefas domésticas] prá mim... Só que, quando ele não tá de bom humor, ele xinga, ele briga. (...) Eu queria ter um irmão mais velho... mas, pelo jeito, assim, é melhor não ter [referindo-se ao depoimento das colegas].” (F3SU102)

“... minha mãe não deixa eu sair, mas eu sempre dou uma escapadinha. (...) Se eu quisesse já ter experimentado qualquer droga... qualquer coisa assim... eu podia...” (F1GR78)

“... muita gente mente. (...) Os pais podem perder a confiança. Eu não vou dizer que eu não fiz...” (F2SA8)

“... não adianta proibir. (...) Se uma pessoa quer, ela arruma um jeito de fazer o que os pais dela não deixam... Vai da cabeça...” (F2SA13)

“... se não deixa... ele [pai] não deixou, mas eu quero... eu vou fazer. (...) Quando eu tiver que sair, eu saio.” (F3SA24)

“Se tu for lá e aprontar uma vez... Tá... daí eles passam a mão por cima... Tá... tu foi lá e aprontou outra vez. (...) Eles não vão mais confiar em ti.” (M3JU41)

“... a gente mesmo tem que ter aquela consciência de... ‘Não vou fazer isso, pro meu pai não perder a confiança em mim.’” (F3RO43)

“... eu não posso ir a lugar nenhum... Posso ir apenas posar na casa da minha amiga... Só que a minha mãe não sabe que a gente vai nas festas. (...) Dá prá escapar... mas não demais, né?” (F3DS58/136/138)

“... eu tento não fazer nada prá contrariar a minha mãe... Se eu vou num lugar, eu vou naquele lugar e não noutro.” (F3JO139)

“... a gente sai, e daí: ‘Bah... tenho que me cuidar, porque senão o meu pai descobre que eu fiquei com alguém... Vai pegar mal prá mim.’” (F4JU5)

“... ele [pai] vai me dando liberdade, conforme ele acha que a liberdade que ele me deu eu tô agindo certo.” (F4CR7)

“... liberdade a gente... se conquista com o tempo, né?... Conforme a gente vai agindo, eles [pais] vão dando liberdade.” (F4LU8)

“... depois que aprontou uma vez... o pai e a mãe não vão ter a mesma confiança. (...) Mudou tudo...” (F4PA119)

“Se houvesse diálogo entre pais e filhos, muitas coisas que a gente faz errado não iria acontecer.” (F4JU122)

“... nunca, assim, vai voltar, assim, a mesma confiança de antes... porque daí, sempre que tu tá já conquistando de novo, o pai vai se lembrar (...) do que o filho fez.” (F4PA126)

“... tem muita gente que pega e vem [à escola] só prá aprontar. (...) Às vezes a gente... eu quero sair, a mãe não deixa. Eu digo: ‘Ah, eu vou sair de casa, vou pegar e vou morar com

*alguém' (...), e depois a vida inteira tu vai sofrer. (...) Porque um pai não vai aceitar uma filha que saiu, voltou, saiu, voltou.” (F4JU142/172)*

*“... daí faz tudo escondido, né?... sem autorização... (...)... pula a janela, dá um jeito, vai e faz... Não tem esse papo: ‘Não deixo!... não quero!’” (F5JU4)*

*“... se a minha mãe me deixou sair hoje, eu vou sair (...), mas eu não posso aprontar... eu não posso chegar mais tarde.” (F5DA60)*

*“Eu acho que a gente nunca deve abusar daquela... daquele limite... daquela autoridade, sei lá... daquela liberdade que a gente tem (...), prá que a gente possa ter sempre aquela liberdade... mas nunca em excesso.” (F5CA61)*

*“... a gente tem que ter a confiança do pai e da mãe. (...) Assim como o jovem tem que sentir a confiança do pai... o pai também tem que sentir que o jovem confia nele.” (F5VI65)*

*“... Meus pais saem, sei lá. (...) Eles vão sair, viajar. Bah, o final de semana inteiro a casa só prá mim. (...) Mas, se eu for pensar (...) nas conseqüências, daí fazer uma festa, lá, e der uma zebra, assim, some alguma coisa, eles vão perder essa confiança que eles têm em mim, né?” (M6CL73)*

Tabela 13

## Dilema 13: Percepções sobre o contexto escolar

*“... a gente quer ter atividades diferentes... diferentes coisas... conhecer... Quanto mais diferente, melhor... A gente não quer estar sempre preso ali... ficar ali...” (MINI120)*

*“... se não quisessem que tivesse liberdade nas escolas, não teria o recreio... ficaria só naquela sala ali, sentado... escutando... escutando... escutando... escutando... Muitas vezes a gente escuta... escuta... escuta... e não aprende nada.” (FISA143)*

*“... agora tem muito mais liberdade do que antes... mas não tanto. (...) Antes (...), não tinha a oportunidade de falar como a gente tá falando, assim... não tinha.” (FIRO148)*

*“A escola deixa a gente responsável... bem responsável. (...) Se eu disse que eu ia e não vim... eu sou uma baita duma irresponsável... porque eu menti.” (FIPR181/185)*

*“... muitas vezes, a escola proporciona o melhor pros alunos, né? (...) Mas tem uns que não gostam daquilo, porque vai ser muito rígido...” (FIPA186)*

*“... não aquela coisa monótona: texto-pergunta... texto-pergunta... essas coisas assim... Tem que ter mais... propor atividades diferentes.” (FICR193)*

*“Só que às vezes é proposta atividade diferente, e a maioria não faz.” (FIJU194)*

*“... [na escola] tu projeta o teu caminho, né?... Sem o pulso de ninguém.” (MIAL198)*

*“Em casa, tu tem que fazer, porque o pai: ‘Não... tu vai fazer... tu vai fazer.’... E no colégio não... Só se tem um professor muito carrasco, né?” (FIJU200)*

“... a gente vê muitos casos da droga, já na escola. (...) Os professores, eles sempre tão nos alertando, né?... que isso não é bom... a droga não é legal... Mas também tem aqueles adolescentes cabeça-dura (...): ‘Eu faço o que eu quiser.’” (F5VI46)

“... na frente da escola... dentro da escola... não pode brigar. (...) Ai... vão lá prá baixo [longe da escola]... se mandam lá prá baixo... prá brigar lá. (...) Lá eles [professores] não podem influenciar.” (F5JU47/49)

“O jovem tem que impor seus próprios limites, dentro da sala.” (M5RO56)

“... negócio que envolve a escola, assim também... Que nem no meu caso... é meio rígido [referindo-se ao controle dos pais].” (M6CL88)

“A escola é... acho que é bem mais liberal do que no passado, né? (...) A liberdade... sei lá... acho que tá... normal... Se desse mais, acho que a gente não ia saber aproveitar (...), a gente não ia ter limite. (...) Daí que a gente não faz nada... sai... vai embora.” (M6CL95)

“Eu até prefiro que tenha limites [na escola]... prá saber até onde pode chegar.” (M6CL99)

“Ninguém consegue aprender, se não tem limites.” (M6VA101)

“... se tivesse liberdade... Deus o livre!... Daí iria gazejar os períodos.(...) Prá certas pessoas, tem que haver uma rigidez.” (M6EL105/107)

“Eu acho que a gente é que tem que saber onde estão os limites... senão a gente não faz nada certo.” (M6RM111)

“... se deixasse todo mundo fazer o que quer, também não dá.” (M6CL126)

“Daí não ia ser escola...” (M6RS127)

Tabela 14

Dilema 14: Percepções sobre a figura do professor: admiração ou desprezo

*“Quando a gente tem a liberdade de fazer alguma coisa, a gente sempre faz. (...) Se tem um professor lá, que sempre tá em cima da gente, lá, a gente pega e sai da sala... sai... foge dele... faz tudo errado... Tudo o que ele não gosta, a gente faz.” (MINI117)*

*“Tem professores que quando a gente não entende (...), ele não quer explicar de novo... que a gente é ‘burro’... ” (FISU118)*

*“Se os professores chegam atrasados, às vezes tem os problemas deles, né?... Então a gente tem que levar em consideração. (...) Mas, se a gente chegar atrasado... Meu Deus, né?... Aí não pode. (...) Agora, eles não pensam nada assim (...), a história de ser igual, né?... O professor ser igual ao aluno, assim.” (FIRO142)*

*“São poucas as aulas que têm aquela liberdade, assim.” (FIRO145)*

*“... às vezes tu tá com uma vontade de gazejar aula, assim, nos dois últimos períodos... (...)... daí, tu fica naquela aula porque tu não pode gazejar, né?. (...) Daí tu começa a incomodar... tu não faz nada... daí o professor briga contigo... daí tu xinga o professor... Acho que, se tu tivesse saído, né? (...) Tu ia deixar os outros, que queriam ficar na aula, aprender... né?” (MIJU146)*

*“... tem aqueles alunos que não respeitam o professor, na sala de aula. (...) Existem muitos alunos que batem boca, né?... com os professores... (...) A gente não pode botar a culpa só no aluno, porque existem aqueles professores que abusam da autoridade que eles têm de professor... e xingam como se a gente fosse filhos dele.” (F5VI52)*

*“Eu acho que adolescente nenhum gosta, assim, de ter... de ser muito mandado... principalmente pelo professor... porque ele gosta de ter a liberdade dele.” (F5CA53)*

*“... antes, o professor é que poderia dizer se os alunos tavam fazendo certo, ou se tava fazendo errado... Agora, eles ficam lá... na sala deles...” (M6RS121)*

#### ANEXO 4

Trecho da transcrição de depoimentos dos participantes do Grupo 3:

(...)

*F3RO1: “Ã... a nossa educação de hoje é... acho que é melhor do que a dos pais, porque eles eram muito... trancados, né?... não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, não pode sair sozinho porque tem problema... Eu acho, assim, que, com a nossa educação, a gente fica mais... a gente confia mais nas pessoas, né?... porque a gente... o pai não fica falando: ‘Ah, não pode fazer tal coisa, não pode fazer tal coisa...’... A gente confia mais nas pessoas que a gente convive, assim, do dia-a-dia.”*

*(Breve silêncio.)*

*M3IS2: “... É legal... é uma fase bem legal da vida, né?... Isso, pelo menos, é o que todos os mais velhos falam, né?”*

*F3AN3: “Antigamente... antigamente, os pais da gente viviam prá estudar, de manhã, e de tarde trabalhar, ou na roça, ou lavando roupa, ou cuidando da casa, que as mães saíam e deixavam sempre os filhos... ã... Já hoje, não é mais isso, porque os pais da gente tão se preocupando muito mais que a gente estudar, do que começar a trabalhar... O estudo tá sendo em primeiro lugar.”*

*F3RO4: “E o único problema que tem agora, na adolescência, né?... é que, se a gente é muito livre, a gente sai por aí e faz bagunça, né?... e tem as companhias, também... E isso é o que... é*

*algum problema, né?... Mas não é por... terrível assim... É bom os pais deixarem bastante... deixarem a gente sair, assim, né?... porque a gente... daí, a gente... sei lá... a gente fica mais ... amadurece mais rápido, né?... E a gente conhece muita coisa, assim, que eles não tiveram oportunidade de conhecer, quando eles eram adolescentes... por causa daquela história de ficar em casa, essas coisas.”*

*Pesquisador5: “Tu... tu acredita que... não sei se entendi bem... tu acredita que haja, hoje, um excesso de liberdade?”*

*F3RO6: “Muito mais liberdade do que antes, mas não assim... Prá muitos é um excesso, prá outros não... E aqueles que têm aquele excesso de liberdade, eles ficam mais... rebeldes, mesmo, assim, né?... Daí, sai de noite, chega e faz o que quer... E tem que ter liberdade, mas não muita, né?... Assim, aquela liberdade que o pai saiba aonde que a pessoa tá... possa controlar, mais ou menos, e não tão... assim, fechado, que não pode ir em nenhum lugar, assim... Pode sair, e fazer as coisas que quiser, e também tem que ter o respeito de avisar, pelo menos, onde tá, né?... prá não ficar aquela coisa, assim, de... preocupação.”*

*Pesquisador7: “Pelo que eu tô entendendo, tu acha que tem que ter liberdade, mas tem que ter limites, também?”*

*F3RO8: “É... tem que ter liberdade e... limites, porque se não tiver limites, daí não tem respeito, né?... Sai por aí, e faz bagunça... Daí, tem que ter liberdade e limites, também.  
(Breve silêncio.)*

*Pesquisador9: “O que é que os outros colegas acham disso?... É isso mesmo?”*

*F3SA10: “Não... O meu pai não é tão liberal assim... Ele deixa... eu sair, tudo, mas ele acha que, como ele foi criado... ã... quando ele era mais... ã... aos quinze, dezesseis... eu tenho que ser da mesma forma com que ele foi... Por exemplo: ‘Ah, não pode sair... tu não... tu vai ter que ficar em casa... ã... porque eu era assim, quando eu era... eu era pequeno, eu tinha que trabalhar, eu tinha que estudar, e não ficava correndo rua que nem tu faz... fica prá lá, prá cá’... ã... Mas ele deixa eu sair, quer dizer, eu convenço ele... aí, ele deixa eu sair, mas não é tão liberal assim, não, porque o meu pai, quando ele era pequeno, ele trabalhou muito, estudou muito, então ele acha que hoje em dia eu tenho que fazer a mesma coisa... tem que ser do mesmo jeito como foi com ele.”*

*F3DS11: “No meu caso, também, eu não posso sair... Festas, nem pensar!... Só quando é bem pertinho, ou quando eu vou pousar na minha amiga, daí eu vou, sem a minha mãe saber, só... Mas, se ela saber, ela já não deixa... jamais!... Ela pensa que tem que ser como... como foi prá*

*ela, né?... não poder sair de noite, não poder ir em festa... É diferente, mas... ela ainda não percebeu.”*

*M3JU12: “É que a maior parte dos pais, né?... não se acostuma com a liberdade que a gente tem hoje em dia... porque... antigamente, eles não tinham essa liberdade, né?, como a... a RO já falou.”*

*F3ANI3: “A minha mãe pensa que... pensa, não, ela diz que eu não posso sair, agora, por causa que depois... depois, quando eu tiver um pouco mais velha, eu vou ter a minha chance de sair... Não adianta eu querer tentar fazer todas as coisas agora, porque eu posso fazer depois... e... ela diz que... as festas... vai ter outras... que nem a discoteca... ela diz: ‘Deixa, quando tu for maior, tu vai saber se sair melhor nessas situações... Mas, assim, festas de aniversário, das minhas amigas, essas coisas assim, eu posso sair sempre.’”*

*(...)*